



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS- UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS- ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE
JUDEUS NO AMAZONAS

MARIA ARIADINA CIDADE ALMEIDA

MANAUS

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS- UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS- ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MARIA ARIADINA CIDADE ALMEIDA

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE
JUDEUS NO AMAZONAS- 1930 a 1960

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História, área de concentração História Social da Amazônia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Kátia Cilene do Couto

MANAUS

2012

MARIA ARIÁDINA CIDADE ALMEIDA

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE
JUDEUS NO AMAZONAS- 1930 a 1960

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História, área de concentração História Social da Amazônia.

Aprovado em 07 de Dezembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Kátia Cilene do Couto
Universidade Federal do Amazonas

Prof^a. Dr^a. Patrícia Silva Rodrigues
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Nelson Tomelin Junior
Universidade Federal do Amazonas

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A447i Almeida, Maria Ariádina Cidade
Identidade em Construção : História e Memória de Judeus no Amazonas / Maria Ariádina Cidade Almeida. 2012
151 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Kátia Cilene do Couto
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Judaísmo. 2. Memória. 3. Identidade. 4. Cultura. 5. Amazonas.
I. Couto, Kátia Cilene do II. Universidade Federal do Amazonas III.
Título

AGRADECIMENTOS

No decorrer da pesquisa acadêmica, contamos com a colaboração de diversas pessoas que funcionaram como elementos chaves, sem as quais não chegaríamos ao final. Ao longo desses últimos dois anos vivenciei essa experiência, que foi possível graças a ajuda de muitos.

Agradeço imensamente a Prof. Dr^a Katia Cilene do Couto pela generosidade, dedicação, e por ter me colocado no caminho, quando minha pesquisa ainda estava em fase embrionária. Agradeço também aos professores Sidney Antônio da Silva e Nelson Tomelin Junior, pela inestimável contribuição na banca de qualificação, apontando-me novos caminhos e necessidades de reformulações.

Agradeço ao PPGH-UFAM, que me oportunizou vivenciar essa experiência singular. Aos professores do programa, em especial à Prof^a Maria Luiza Ugarte, e Patrícia Sampaio cujas aulas criavam um ambiente intelectual estimulante. Aos meus colegas do mestrado, pelas experiências compartilhadas, e ao secretario Jeferson Madeira, pelo auxílio no enfrentamento da burocracia institucional.

À FAPEAM, pelo incentivo material.

A Comunidade Judaica do Amazonas na pessoa do Sr. Isaac Dahan, por ter me recebido, acolhido e contribuído com documentos do acervo sobre a Imprensa Israelita. E principalmente aos judeus e descendentes que se dispuseram a narrar suas experiências pessoais, me ensinando o valor histórico da transmissão.

A minha família e familiares, e especialmente ao meu esposo Jonathan Gonzales, que além do apoio, carinho e dedicação, realizou inúmeras renúncias pessoais para que eu concluísse o trabalho.

À Deus, na sua forma judaico-cristã, pelo cuidado, proteção e por ter me conduzido até aqui!

Enfim, gostaria de agradecer a todas aquelas pessoas que de alguma forma contribuíram para que essa pesquisa fosse concluída.

Todah Rabah (Muito obrigada)

RESUMO

Palavras-chave: Amazonas- judeus- etnicidade- cultura- memória- identidade

Esta pesquisa realiza uma análise do processo de construção da identidade étnica dos judeus no estado do Amazonas durante o século XX. Esta análise foi realizada com base na memória de alguns judeus e descendentes, e a partir de elementos contidos na imprensa israelita e na imprensa local. Nesta pesquisa, evidenciamos a importância do judeu como sujeito histórico, cuja experiência social é parte da sua vivência individual e coletiva. Entendemos a experiência como aspectos da vida, da cultura e das relações sociais engendradas pelos judeus em diferentes contextos. Para além das formas de organização e da dimensão física das suas instituições nos interessam, portanto, processos sociais desenvolvidos, relações sociais e comunitárias que se mostram em forma de conflitos e negociações. A identidade judaica, assim como os demais processos, apresenta-se como uma construção social, cuja memória enquanto elemento intersubjetivo atua diretamente na sua dinâmica e ressignificação.

ABSTRACT

Word-key: Amazon - Jewish - ethnic - culture - memory - identity

This research accomplishes one analyzes of the process of construction of the ethnic identity of the Jews in the state of Amazon, during twentieth century. This analyzes is accomplished with base in the memory of some Jews and descending, and starting from elements contained in the Israeli press and in the local press. In this research, we evidenced the importance of the Jew as historical subject, whose social experience is part of yours lives individual and collective. Like this, we understood the experience as aspects of the life, of the culture and of the social relationships engendered by the Jews in different contexts. For besides the organization forms and of the physical dimension of their institutions, they interest us, therefore, developed social processes, social and community relationships that you/they are shown in form of conflicts and negotiations. The Jewish identity, as well as the other processes, comes as a social construction, whose memory while element subjectivity, acts directly in his/her dynamics and meaning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Lápide de sepultura- Marcos Zagury- 1938.....	50
Figura 02- Sinagoga de Manaus Beth Yaacov e seu interior.....	55
Figura 03- Casa da Cohen- Parintins-Am	56
Figura 04- Casa Ideal- Família Mendes- Parintins-Am.....	59
Figura 05- Folha Israelita do Amazonas- 1948	68
Figura 06- Folha Israelita do Amazonas- 1949	68
Figura 07- Caderneta familiar Leão Anselmo	75
Figura 08- Praça Cristo Redentor	79
Figura 09- Sepultara de Rabi Moyal.....	95

RELAÇÃO DE ENTREVISTAS (APÊNDICE)

ENTREVISTA 01: Issac Dahan	106
ENTREVISTA 02: Simão Assayag	114
ENTREVISTA 03: Julia Cohen Israel	117
ENTREVISTA 04: Leão Anselmo	125
ENTREVISTA 05: Luna Cagy	129
ENTREVISTA 06: Clara Azulay	131

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I CAPÍTULO	
1.1- Os judeus como objeto da historiografia	19
1.2- Judeus na Amazônia	25
1.3- Os judeus do Amazonas e outras histórias.....	34
II CAPÍTULO	
2.1- Os judeus e as relações sociais	45
2.2- Judeus, organizações e formas de vida	54
2.3- O cotidiano judaico na imprensa israelita.....	62
III CAPÍTULO	
3.1- Costurando memórias	73
3.2- Trajetórias familiares: modos de vida e usos da memória	81
3.3- Identidade em construção: negociando identidades étnicas	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
APÊNDICE	110
ANEXOS	156

INTRODUÇÃO

As reflexões da terceira geração dos *Annales*, cujas temáticas foram “do porão ao sótão”¹ possibilitaram o avanço da interdisciplinaridade, a leituras de temas pouco explorados e a (re) leituras de temas já consolidados. Neste aspecto, as pesquisas que enfocam judeus, judaísmo, imigrantes, e cotidianos, representaram para a historiografia das últimas décadas um considerável alargamento teórico metodológico, especialmente nos estudos relacionados a identidade nacional onde se multiplicaram trabalhos que mostravam como a nação brasileira não se constituía numa construção homogênea, mas numa reunião de diversas etnias que estabeleceram desde os primeiros contatos mediações sociais conflituosas.

Essas novas concepções, deslocaram a noção de identidade nacional, de abordagens unívocas, para abordagens que discutem a identidade como fenômeno múltiplo e multifacetado. Um dos principais representantes, desta nova tendência de compreender a importância dos imigrantes na formação da identidade nacional, foi o historiador norte americano Jeffrey Lesser. Seu trabalho serviu de estímulo e referência para uma série de estudos analíticos deste grupo de imigrantes no Brasil desde os anos de 1970.

Fazendo esse mesmo caminho de deslocamento, e principalmente adotando a proposta da interdisciplinaridade, esta pesquisa concentra-se na presença de imigrantes de origem judaica e seus descendentes, analisando as experiências históricas e sociais vivenciadas pelo grupo. Assim, refletiremos a maneira como este grupo étnico, durante a primeira metade do século XX imprimiu marcas de sua cultura nas diversas localidades por onde passaram e como estas podem ser entendidas como formas de negociação de suas identidades.

A presença judaica no Amazonas, a memória, a identidade, as formas de sociabilidade entre os diferentes grupos que viveram e conviveram no mesmo período histórico representa um véis interessante de pesquisa a ser desenvolvida mais profundamente por historiadores e cientistas sociais. O desafio da nossa proposta de pesquisa diz respeito ao melhor entendimento do meio em que não apenas os judeus, mas a comunidade que recebeu esses imigrantes vivenciou uma experiência de vida singular, onde só é possível apreender o sentido dessas relações por meio das redes de significados compartilhados pelo grupo.

¹ -De acordo com Peter Burke (1991), este termo foi cunhado por Le Roy Ladurie.

Assim, por meio de algumas documentações e das narrativas de diferentes histórias de vida, de diversas trajetórias individuais buscamos compreender uma dimensão vivida coletivamente pelos judeus no Amazonas. Como documentação escrita, trabalhamos com notas de jornais que enfocam diferentes aspectos da vida social judaica, ora carregada de representações positivas e ora com conotações proibitivas, que em sua essência, espelham as contradições existentes nos lugares onde viviam.

Entendemos que a memória é um campo amplo para o historiador que pode refletir sobre as experiências dos sujeitos analisados. Os sujeitos, eleitos para essa pesquisa, tem a necessidade de demarcar um espaço social e simbólico que traduza suas identidades, e para isso, precisam elaborar um passado, uma memória que dê sentido às suas experiências pessoais. Como defendida por Portelli (1997), a memória possui uma pluralidade de “versões” sobre o passado e o presente, e essa particularidade dos depoimentos, não pode ser esquecida.

Sabemos, pois, que a relação entre indivíduo e sociedade é uma relação de troca e interdependência, onde necessariamente o indivíduo constitui a sociedade e a sociedade constitui o indivíduo. No entanto, ainda que a vivência seja coletiva, o sentido do vivido é estritamente individual, e a memória como reminiscência, é a capacidade de reter informações e impressões, portanto subjetiva. Esta constatação ajuda na compreensão da memória como elemento de disputa, uma vez o seu conteúdo refere-se a versões individuais sobre experiências coletivas, tornando a pesquisa histórica cada vez mais rica.

Como uma possibilidade de fonte, a memória enriquece o método histórico que compreende a história como um campo de possibilidades, voltado especialmente para o universo da cultura. Ademais, os homens vivem suas experiências integralmente a partir de vários sentidos que lhes são atribuídos como ideias, necessidades, aspirações, sonhos, desejos, como sujeitos sociais que improvisam, constroem e forjam saídas. Incorporando a cultura nas especificidades da história, a historiografia valoriza experiências, antes relegadas (Vieira et. al. 1995).

A experiência vivida pelos indivíduos, expressa como religião, costume, práticas alimentares, práticas cotidianas, língua, trabalho, instituições, festividades, valores, que permeiam a vida dos homens, é o que chamamos de cultura. Faremos uso da tradição de historiadores ingleses Raymond Williams e Edward Thompson, que incorporaram elementos da cultura na categoria analítica “experiência” valorizando além de elementos políticos e

econômicos na análise de seus trabalhos, os sujeitos sociais, seus costumes, modos de vida, rede de relações familiares e de sociabilidade.

Essa noção de sujeito histórico, muda toda a forma de compreender as ações históricas, pois não basta descrever os acontecimentos, mas entender o sentido que os indivíduos atribuem às suas práticas em espaços onde a dimensão individual e coletiva estão imbricadas. Assim, todo processo de imigração, formação das comunidades, constituição dos espaços, interação entre os indivíduos, devem ser tomados como “experiência”. Lembrando que essa experiência por ser humana é contraditória, não tem um único significado, mas múltiplos sentidos, fazendo com que as pessoas assumam e se posicionem de vários modos.

Como mencionado, a cultura é globalizante, capaz de desvendar os pilares constituintes das comunidades e grupos, pois ela como processo social e constitutivo cria “modos de vida” específicos. Trabalhar com a memória de um grupo social, com uma identidade religiosa demarcada, significa ampliar visões sobre o judaísmo, apontando outras dimensões do sujeito histórico judeu. Não necessariamente o ente religioso, que alias é carregado de conotações rígidas e preconceituosas, mas a condição de sujeito político, agente social capaz de inventar formas de vida e assim se reinventar.

Os documentos de acervos particulares foram pontos de partidas para compreender a história da comunidade, pois foi possível analisar aspectos importantes da origem e trajetória familiar. Ao se referir a algum documento, o narrador está refletindo sobre a sua própria história, sua experiência cotidiana, suas vivências sociais. Como exemplo do citado, encontramos um descendente de judeu que guardava uma caderneta pertencente ao pai, há mais de sessenta anos, e quando consultado por nós, tomou-a em suas mãos como “vestígio” da sua experiência com o pai. Além dos muitos exemplos em que durante a entrevista, o entrevistado relembrou sua vida, aponta lugares e espaços vivos em sua memória.

Os relatos orais, e suas versões sobre o passado simbolizam, conforme descrito por Portelli (1997) uma grande colcha de retalho, cuja experiência intersubjetiva, uma vez que é dada na relação do sujeito com o coletivo, representam construções do real. Costurar e dar sentido a essa colcha de retalhos, é o nosso trabalho enquanto estudiosos da memória e da oralidade. As histórias de vida dos nossos judeus reunidas, e analisadas em seu contexto de produção, mostram esse mosaico, paralelo à memória oficial. A interlocução entre esses dois polos nos ajudaram a esquadrihar o ser judeu, ou seja, a compreender como a identidade

judaica foi construída por diferentes agentes de memória. Vale destacar que não é nossa intenção polarizar a memória, mas situa-la num campo de disputas.

Nossa busca pelas fontes escritas iniciou pela procura de documentos que registrassem a chegada desses imigrantes no Amazonas. Assim, procuramos no Arquivo Público de Manaus, os registros portuários e registros de hotelaria. Os registros de hotelaria traziam mostragens dos hotéis do início do século XX, precisamente dos anos 10, 20 e 30, com o número de hóspedes, entrada, saída, porém, sem uma classificação de origem e naturalidade. Apesar de não obter o resultado esperado, encontramos nas mensagens do governador Silvério Nery² informações importantes sobre algumas famílias judaicas da região, como compras de propriedades, transferência de títulos de terra, impostos sob embarcações judaicas. A dificuldade de encontrar nos documentos de imigração a entrada dos judeus, já que o termo “judeu” não é uma nacionalidade expressa em passaporte e nem todos os documentos identificam a religião do seu portador, obrigou-nos a procurar outras fontes.

As únicas informações sobre o estabelecimento dos judeus na Amazônia encontram-se no Pará, e o acesso às fontes tornou-se possível graças a uma tese de doutorado da historiadora Maria Liberman (1990) encontrada na Biblioteca Particular Samuel Benchimol. Os anexos da tese contêm a Circular comunicando a fundação da Sociedade Exercício de Caridade de Israel em Belém, enviada em 1890 aos judeus marroquinos do Pará. Essa carta é um dos poucos documentos que faz referência à imigração dos judeus na Amazônia.

Como auxílio às mensagens do governador do Estado, encontramos na Biblioteca Municipal, diversos periódicos como o Diário de Notícias (fevereiro de 1900), Jornal Federação (1900 a 1902) e o Jornal Parintins (julho a outubro de 1907) que se localiza no acervo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA). Através desses periódicos foi possível visualizar a relação que os judeus estabeleceram com a sociedade mais ampla, como os acordos, as organizações, as divergências, dentre outros.

Nesta perspectiva, utilizamos registros da Loja Maçônica União, Paz e Amor, fundada em Parintins em 1903 por comerciantes portugueses e judeus, e os registros da Loja Maçônica de Manacapuru, fundada em 1889. Encontramos algumas inscrições de comerciantes judeus nos arquivos da maçonaria que demonstram a forte interação dos imigrantes com a sociedade comercial local. Além dos memorialistas locais, que associam o surgimento da maçonaria a alguns nomes judeus, tanto no município de Parintins, como de Manacapuru.

² - As mensagens correspondem a primeira década do século XX.

A persistência em encontrar os documentos que marcaram a fundação da comunidade judaica no Amazonas nos levou ao Comitê Israelita, onde foram encontradas cópias ³ do Jornal Israelita, da década de 40 e 50. O jornal é rico em informações referentes à forma de organização da comunidade, as datas comemorativas, aos aspectos ideológicos, políticos e religiosos. Através da imprensa israelita é possível verificar o cotidiano judaico, e a importância do jornal como veículo de difusão de ideias e de projeção de uma identidade social.

As fontes documentais encontradas permitiram uma maior clareza da temporalidade adotada para esta pesquisa, que corresponde às décadas de 1930 a 1960. Os registros sobre a presença hebraica na Amazônia situam-se no Estado do Pará, e o Amazonas aparece como consequência desse fenômeno migratório cuja porta de entrada é o Pará. Assim, as experiências dos imigrantes judeus que vieram para Manaus e algumas cidades do interior do Amazonas não receberam o devido destaque. Para suprir parte dessa lacuna, utilizamos a memória oral, em que as experiências da migração e das comunidades étnicas são parte igualmente importante da história. A maior parte da história oral da migração reconhece as complexas interconexões entre a migração e a formação e o desenvolvimento das comunidades migrantes e das identidades étnicas.

Lançamos mão de outras fontes primárias, como a lápide de uma sepultura judaica, que se tornaram bastante significativas, à medida que estas foram problematizadas. A lápide (*matzeivá* em hebraico) contém dados informativos importantes sobre o indivíduo, incluindo o lugar de origem, país, cidade e lugar de falecimento, e algumas vezes até a profissão do falecido. Pois, foram os questionamentos, colocados no eixo da pesquisa que convocaram às fontes e assim as possibilidades de análise que se desenvolvem na sua própria gênese.

Apesar desses descendentes, na sua grande maioria filhos de pais judeus com mães locais, não sejam considerados judeus aos olhos da comunidade de Manaus, a comunidade local continua a enxergá-los como judeus. Quando as pessoas ficavam sabendo do motivo da minha pesquisa, imediatamente faziam referências aos descendentes dos quais eu coletei o depoimento de dois deles, para análise.

Para este trabalho, a seleção dos entrevistados aconteceu a partir de dois critérios: idade e naturalidade. Os entrevistados selecionados nasceram entre os anos 20 a 40 e suas memórias nos remetem às décadas de 30, 40, 50 e 60. A preferência pelos nascidos nessa época

³ - As originais encontram-se no Museu da Diáspora em Jerusalém

está nas lembranças trazidas da infância, das histórias contadas por pais e avós que viveram, segundo a classificação de Benchimol (2008) a segunda geração. Outro elemento importante para os nascidos da época é a constituição jurídica da comunidade judaica amazonense, pois somente no final da década de 20 é que os judeus do Amazonas compraram a primeira sinagoga e nas décadas seguintes organizaram o Comitê israelita.

A naturalidade, apesar de não ter sido um critério rígido de escolha, foi adotada para conhecimento das comunidades interioranas, pois uma das nossas metas é destacar elementos da vida dos judeus que viveram em Parintins, Tefé, Manacapuru e Itacoatiara, e posteriormente imigraram para Manaus. Após esta seleção, houve um contato inicial com essas pessoas, primeiramente por meio de telefonemas e depois por visitas domiciliares e até no local de trabalho. Essa fase foi muito importante para a definição e aproximação com os entrevistados, pois, pouco a pouco, se criou uma relação de segurança, que nos serviu de porta para o conhecimento de outras famílias e pessoas.

As entrevistas foram realizadas a partir de alguns pontos previamente estabelecidos, mas, sem nenhum rigor que tirasse a naturalidade das narrativas. Os questionamentos levantados durante as entrevistas referiam-se: a origem familiar, histórias pessoais e familiares, distribuição doméstica, trabalho, costumes, festas, tradição, relações sociais, convívio familiar, grupal e social, dentre outros que em certos momentos surgiam com a conversa e fugiam do roteiro, graças a fecundidade da história oral.

O quarto passo foi a transcrição das entrevistas, que consiste em materializar a memória e produzir um novo documento. Bonazzi (2008) nos alerta que “toda transcrição, mesmo bem feita, é uma interpretação, uma recriação, pois nenhum sistema de escrita é capaz de reproduzir o discurso com absoluta fidelidade” (p. 239). Todavia, esse cuidado com as fontes orais é uma preocupação dos historiadores em geral, pois, até mesmo os documentos que durante décadas foram apontados como fontes fidedignas, estão suscetíveis a interpretações pessoais, uma vez que a própria história é uma interpretação.

Para um melhor entendimento do processo de construção da identidade judaica dividimos nosso trabalho em três capítulos, a fim de favorecer a leitura, interpretação e principalmente dar a conhecer os caminhos pelo qual a memória judaica foi construída e consolidada enquanto memória oficial.

O primeiro capítulo faz uma leitura da historiografia judaica no Brasil, e posteriormente na região norte. Apresentamos as principais tendências, o conteúdo trabalhado

por diversos autores, a área de concentração, e paralelamente, apontamos o encaminhamento da nossa pesquisa, o arcabouço teórico e metodológico.

A partir do segundo capítulo, analisamos as fontes documentais, especialmente as fontes de imprensa, tanto as pertencentes aos municípios, como a produzida pelo próprio grupo. Pelos jornais, notas e textos verificamos as representações e discursos veiculados pelo aparelho de imprensa, onde são discutidas várias dimensões existentes na vida do sujeito histórico judeu, como instituições religiosas, relações sociais, trabalho e cotidiano. O interessante foi notar o tipo “ideal” de judeu, solicitado pela comunidade e reificado pelo jornal israelita. Para uma imprensa surgida no contexto da efervescência do movimento sionista, a juventude da época era convocada a se espelhar em diversos exemplos de como deveria ser um israelita. Mas, não para por aí, pois na medida em que o estado de Israel se consolidava enquanto pátria mãe existia a necessidade de conservar a pátria que acolheu os antepassados judeus. Nessa perspectiva, concordamos com Jeffrey Lesser (2001) ao afirmar que as minorias étnicas no Brasil inseriram-se em uma sociedade discriminatória como o Brasil, graças ao processo de negociação de identidades étnicas.

E no terceiro capítulo escolhemos ter a História Oral como principal fonte de pesquisa, onde foi feito a partir da interpretação das narrativas desses indivíduos, que em um diálogo constante conosco, trouxeram suas experiências e vivências reelaborando lembranças sobre suas práticas sociais. O trabalho com a oralidade é muitas vezes difícil, pois, é o resultado de vários diálogos, e uma tentativa muitas vezes difícil de não deixar que os pré-conceitos do pesquisador sobreponham-se a fala do entrevistado, conferindo a ele a autoridade que merece. Mas, para nós enquanto pesquisadores foi sem dúvida uma experiência transformadora, pois se trata de uma história discutida, que contém o sentido daqueles que a fazem.

Deste modo, esperamos estar contribuindo para construir sentidos do passado capazes de enxergar o “outro” como sujeito e não como simples peça num tabuleiro, e que a experiência destes imigrantes e descendentes sirvam para construirmos no presente uma sociedade mais tolerante e plural.

I - CAPÍTULO

1.1- Os judeus como objeto da historiografia

A história e a cultura dos judeus no Brasil têm sido abordadas por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento que procuram compreender as inúmeras diásporas e manifestações culturais desse grupo. Os primeiros registros da presença dos judeus no Brasil encontram-se no período colonial sob a denominação de cristãos novos, antigos judeus que por força da inquisição foram convertidos ao catolicismo.

As pesquisas sobre Brasil colônia mostram os processos pelos quais os judeus foram inseridos na sociedade colonial, ao mesmo tempo em que comparam a situação dos judeus na Europa, especialmente em países católicos que viviam sob o julgo da inquisição. Em países como Espanha e Portugal as medidas de repressão às práticas judaicas eram constantes gerando uma série de interpretações historiográficas a esse respeito.

Dentre as controvérsias historiográficas sobre a proibição do judaísmo em Portugal, Vainfas e Hermann (2005) apontam que José Antônio Saraiva associa a perseguição a um interesse da nobreza e do clero contra a burguesia ascendente de origem judaica, Ferro Tavares defende o sentido essencialmente político e não religioso para a extirpação dos judeus portugueses, enquanto João Lúcio de Azevedo viu nessa medida a necessidade de integrá-los a família portuguesa. Elias Lipiner, ignorando qualquer circunstância histórica ou política, entendeu que a decisão foi motivada por pura crueldade. Independente das causas, o fato é que a perseguição facilitou o deslocamento dos cristãos novos para a então colônia Brasil. Apesar dessas medidas arbitrárias os judeus portugueses, comparados aos espanhóis, gozavam de certos privilégios junto à corte em decorrência da formação intelectual e da colaboração financeira que concederam às expedições ultramarinas. Na Espanha, a inquisição espanhola criada em 1478, atuava de modo rigoroso na tentativa da unificação religiosa e nacional.

Embora pouco estudado, os cristãos novos tiveram um papel decisivo no povoamento e colonização das terras brasileiras. Anita Novinsky (2001) ao estudar os judeus na Bahia afirma que os cristãos-novos miscigenaram-se com a população nativa e criaram raízes profundas nas novas terras, integrando-se plenamente na organização social e política local. Essa organização não serviu apenas para acomodar os judeus na sociedade baiana, mas favoreceu a reciprocidade das trocas culturais.

Os judeus que vieram para o Brasil tiveram uma história bem diferente daquela com que estavam acostumados a viver na Europa. No Brasil encontraram uma realidade colonial que em princípio permitia uma liberdade, sendo esta, porém, suprimida quando aqui chegou a Inquisição. Tiveram que desenvolver processos de resistência cultural e adaptações para poder sobreviver. Talvez um dos mecanismos mais fortes fossem a miscigenação com a população nativa, índios, brancos e negros. Segundo Anita Novinsky (2001) cerca de trinta por cento da população branca do período colonial eram descendentes de cristãos-novos.

A liberdade religiosa existente no início da colonização permitia que determinadas práticas judaizantes continuassem a ser realizadas muitas vezes com o conhecimento de cristãos, não raramente misturadas às tradições católicas, sem que isso gerasse, a princípio, uma crise de discórdias radicais no relacionamento entre estes grupos, tal como ocorrera em Portugal, pois, o que estava em jogo era a sobrevivência em um mundo diverso em seus múltiplos aspectos. As atitudes que indicavam o judaísmo tornavam-se parte do cotidiano de uma sociedade que não vislumbrava o sentido da heresia em práticas do dia-a-dia. Eram passados quase cem anos da conversão forçada: as lembranças da antiga crença se faziam cada vez menos clara, e a distância que separava dos tribunais inquisitoriais.

Até a última década do século XVI, a inquisição no Brasil era praticamente inexistente, com exceção do poder inquisitorial confiado ao bispo da Bahia e que não causava grandes repercussões. A historiadora Ângela Maia (1995) observou que até a visita de 1591-1595 os cristãos novos e católicos conviviam muito bem, sendo comum a união pelo matrimônio. Mas, a partir de 1591 a inquisição alcançou os judeus recém convertidos, deteriorando as alianças que até então pareciam sólidas, pois houve uma mudança de comportamento dos demais colonos em relação aos cristãos novos.

Nesse contexto surgiram várias denúncias com relação ao criptojudaísmo, que também corresponde à outra controvérsia historiográfica trazida por Saraiva e Révah. Saraiva sustentou a ideia que após a conversão forçada em Portugal, os cristãos novos estariam em avançado processo de aculturação que foi dificultado pela instalação do Santo Ofício e a consequente discriminação, já Révah, ao analisar os processos inquisitoriais afirma que o criptojudaísmo existiu e foi um fenômeno concreto, visto que muitas famílias guardavam costumes judaicos na clandestinidade, e, portanto judaizantes e por isso foram vítimas de perseguições religiosas (Vainfas e Assis 2005).

Esta é uma das muitas questões complexas que povoam a história dos judeus no Brasil Colonial e que não cabe aqui aprofundar, mas, vale destacar alguns pontos referentes às fontes, uma vez que o fazer uma avaliação da bibliografia existente sobre a história dos judeus no Brasil, salta à vista de imediato que boa parte refere-se ao período colonial.

Nesse sentido, podemos afirmar que a história dos judeus no Brasil, a partir do período imperial até os nossos dias, está por ser feita que pouco conhecimento temos da formação das comunidades existentes atualmente, com exceção de poucos trabalhos de real valor escritos nas últimas décadas. (Falbel, 2008 p. 29)

Essa lacuna deve-se muito mais a dificuldade de encontrar fontes relativas ao período que se queira trabalhar do que propriamente a um desinteresse por parte dos historiadores. Além da história moderna dos judeus nada ter em comum com o período colonial, pois os cristãos novos em virtude das perseguições ao criptojudaísmo não deixaram comunidades organizadas para que novas ondas migratórias, a partir de 1808, pudessem lhes dar continuidade.

No Brasil holandês, os judeus expulsos de Recife em 1654 não retornaram a região para dar continuidade às atividades lá iniciadas, mas procuraram novos lugares de diásporas, como é o caso do Caribe, das ilhas Martinica, barbados, Jamaica, Curaçao, Suriname dentre outras. A singularidade deste grupo é que eram em sua maioria judeus portugueses, expulsos de suas terras e refugiados em países como Inglaterra e Holanda. A vinda desses judeus às respectivas colônias ocorreu por causa das oportunidades que nelas surgiam como senhores de escravos, proprietários de engenho, e plantation.

Ao analisar as relações estabelecidas entre negros e judeus no Caribe, Heller (2008) menciona que mesmo estando numa condição economicamente favorecida, os judeus se assemelhavam aos negros no que tange a participação política, e ao ambiente social de exclusão: “homens ricos sim; lideranças que dispunham de efetivo poder em suas comunidades, mas cujo discurso político não era muito diferente dos estratos desfavorecidos na hierarquia social” (p. 14). O judeu e o negro são figuras emblemáticas devido às situações comuns de diáspora, exclusão e preconceito, e mesmo estando em situações opostas, o senhor e o escravo, ainda existiu a possibilidade de ambos compartilharem um ambiente de hostilidades, sem perder de vista, que ocupavam papéis sociais diferentes dentro da hierarquia social.

Afinal, para se entender as dinâmicas sociais é preciso contextualizar o período em questão, e entender quais as estruturais que sustentavam aquela dada realidade. A pesquisa de Heller(2008) corresponde ao século XVIII, e o regime escravocrata, era uma prática institucionalizada por muitas sociedades, especialmente na América, cujo sistema produtivo se assentava na mão de obra escrava. A singularidade da pesquisa de Heller (2008) está justamente na diversidade interétnica existente no Caribe, e nas relações conflituosas e amistosas que dela resultaram. E isso nos serve de estímulo para continuar pesquisando e entendendo distintos agrupamentos humanos e a sua alteridade.⁴

A migração judaica na Amazônia possui sua peculiaridade, pois, se for comparada com outras regiões do Brasil percebemos as diferenças nas formas simbólicas religiosas de organização, dinâmica espacial das famílias e interação com a sociedade local. Afinal o judaísmo não é unívoco, está espalhado em diversas partes do mundo possuindo diferentes matrizes étnicas que definiram formas de culto, festas, interpretações de doutrinas, somando a historicidade de cada grupo que contribuiu para assimilações de elementos culturais de povos que mantiveram contato.

O século XX trouxe diferentes grupos judaicos para o Brasil, no Sul a imigração começou em meados de 1904 com o objetivo de estabelecer no Rio Grande do Sul uma colônia de judeus que sofriam com perseguições religiosas. Segundo GUTFREIND (2010) esse processo de imigração foi organizado por uma associação, a “Jewish Colonization Association” (Associação Judaica de Colonização). O primeiro processo de fixação de imigrantes judeus no Rio Grande do Sul se deu na criação da Colônia de Philippon, originando a primeira colônia judaica organizada oficialmente no país. Essas pessoas eram provenientes da Bessarábia localizada na Europa Oriental cujo território se distribui entre a Moldávia e a Ucrânia. Com o passar dos anos, essas colônias judaicas no Rio Grande do Sul passam a não ter um desenvolvimento satisfatório. Existiam algumas insatisfações por parte dos judeus imigrantes, queixavam-se dos contratos efetivados, de maus-tratos e de estarem impossibilitados de vender seus produtos, não tendo qualquer liberdade de comércio.

Diante disso, os imigrantes judeus começaram a abandonar a zona rural e passaram a migrar para zona urbana, pelo esgotamento do modelo econômico proposto, e também pela necessidade de ascensão social. Sendo assim, em meados de 1920, Porto Alegre se tornou a

⁴ - No Caribe, assim como no Brasil, existem poucos trabalhos sobre a diáspora Atlântica judaica, a partir do século XX. Não há um estudo recente sobre as comunidades caribenhas e seu processo de formação socio-cultural.

cidade mais procurada do estado. Nas cidades trabalhavam como mascates e depois passaram a adquirir lojas, fabricando móveis, confeccionando roupas, entre outras atividades. Assim, a imigração judaica no Rio Grande do Sul se deu inicialmente com a efetivação de núcleos agrícolas, que não tiveram o desenvolvimento esperado, o que possibilitou que os judeus abandonassem o campo para buscar nas cidades melhores condições de vida.

Outra região que merece destaque por receber inúmeros imigrantes judeus é a região sudeste. São Paulo foi o estado que recebeu um dos maiores fluxos migratórios de judeus, de diversas nacionalidades, por isso os grupos tiveram distintas experiências de imigração. No início do século XX, os judeus ashkenazim imigraram para o Brasil e se estabeleceram em São Paulo. Por terem profissões com baixa remuneração, foram morar no bairro imigrante do Bom Retiro e organizaram suas sinagogas, instituições recreativas e de beneficência. Ao analisar os documentos de uma dessas instituições de beneficência, Mendes (2009) observa que 40% dos assistidos por essa instituição montaram pequenos comércios como sapataria, alfaiataria, marcenaria, entre outras. 20% foram trabalhar na indústria como operários e 10% se aventuraram como mascates. Os sefaraditas e mizrahim que também imigraram na mesma época e também faziam parte da mesma classe social, por terem maior relacionamento com os sírios-libaneses adentraram, em grande parcela, no ramo da mascateação.

Os judeus ocidentais chegaram a partir da década de 1930 e os mizrahim e sefaraditas nas décadas de 1940 e 1950, tinham um perfil diferente daqueles que imigraram no início do século XX. Em seus países de origem ocupavam profissões liberais e possuíam uma posição social superior, e isso possibilitou que em São Paulo ocupassem bairros mais nobres e desenvolvessem outras atividades além da mascateação (MENDES, 2009).

As diferenças existentes entre esses diversos segmentos favoreceram de certo modo um ambiente de hostilidade. Existiam entre os judeus paulistas conflitos no âmbito religioso, lingüístico e político interno e externo. “As diferenças eram tamanhas a ponto de um grupo “negar” a existência do outro” (MENDES, 2009, p. 4). As tensões intra e extra comunitárias tornaram a identidade judaica multifacetada, onde mesmo havendo um denominador comum, representado pela religião, as diferenças étnicas não foram superadas.

A comunidade judaica do Rio de Janeiro recebeu judeus desde o período colonial, primeiramente com a chegada dos cristãos novos e se intensificou no alvorecer da era republicana, mas não se constitui num fluxo migratório contínuo, entre a colônia e a república. O surgimento da república intensificou diferentes migrações, porque apareceu uma

noção ainda que genérica de cidadania, e a possibilidade de naturalização tornaram-se possíveis. Se nas primeiras décadas do Brasil Independente a predominância entre os imigrantes judeus era de sefarditas ingleses e franceses, geralmente, homens de negócios e representantes de firmas comerciais europeias, a partir de meados do século XX, entraram no Rio de Janeiro em maior número, os imigrantes asquenazitas e marroquinos.

Um dos problemas mais graves para essa população judia no Rio de Janeiro foi a falta de instituições comunitárias, especialmente, um cemitério próprio. Afinal, as duas principais condições para o estabelecimento de uma comunidade judaica minimamente organizada sempre foram o direito a um local para realizar seus cultos religiosos e um local para enterrar seus mortos.

O Brasil recebeu em várias regiões do país diversas ondas migratórias judaicas no período que compreende final do século XIX e metade do século XX, cuja organização, imigração e dinâmica espacial ocorreram de formas distintas. A imigração judaica gaúcha ocorreu de forma planejada, ao contrário da migração judaica amazônica, paulista e carioca, cuja principal característica foi a migração e organização familiar. Na Amazônia, os sefarditas foram predominantes, enquanto os estados de São Paulo e Rio de Janeiro receberam judeus de várias partes do mundo, acarretando inclusive, como é o caso de São Paulo conflitos entre judaísmos dissidentes.

Em todas as épocas os judeus constituíram-se num grupo diferenciado por suas características étnicas e culturais, o que não os impediu de estarem profundamente inseridos nas dinâmicas das sociedades participantes de todos os setores. Esta identidade, no entanto, nem sempre esteve em evidencia, pois as gerações de judeus nascidos no Brasil passaram a operar por meio da liberdade religiosa e dos direitos civis que possuíam na construção do estado brasileiro laico, o que poderia justificar a invisibilidade dos judeus dos arquivos do período imperial. Também há de se considerar o fato de que ao contrário do que se passou na Argentina, onde o IWO (Instituto Científico Judaico) organizou desde a segunda década do século XX um acervo valioso sobre as comunidades judaicas daquele país, somente recentemente foi organizado um arquivo judaico no Brasil, com a preocupação de reunir e preservar essas fontes⁵ (Falbel, 2005). O problema torna-se mais complexo quando se observa que os documentos além de raros e dispersos encontram-se em línguas como hebraico e ídiche que exigem um aprendizado especial por parte do historiador.

⁵ Trata-se do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, criado em novembro de 1976.

Tratando-se de uma temática que está em processo de construção e crescente expansão os judeus, e o judaísmo apresentam muitas variáveis possíveis de análise e temporalidades, uma vez que estão presentes na história do Brasil desde o início da colonização. Assim é possível pensarmos nos judeus enquanto membros de uma comunidade étnica, a partir das interações com as instituições do estado em diferentes épocas, como igreja, o tribunal de inquisição, o escravismo, administração pública, imprensa, comércio, entre outros. Na Amazônia os judeus também não estão fora da conjuntura já referida, e historicizar suas experiências representa um avanço significativo no sentido de registro e compreensão da história do judaísmo no Amazonas, pois as fontes descritas para fins de análise suscitam novas possibilidades de entendimento do que representou e representa a migração judaica na região.

1.2- Judeus na Amazônia

A origem dos judeus que migraram para a Amazônia a partir do final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, corresponde a um grupo que não aceitou se converter ao catolicismo e, sob ameaça de morte e de confisco de bens foram expulsos da Espanha em Março de 1492, pelo rei Fernando e pela rainha Isabel. Estima-se que, nessa época, entre 100.000 e 175.000 judeus foram forçosamente exilados. Estes passaram a ser conhecidos por sefarditas, ou sefaradins, cujo significado em hebraico era utilizado para designar a Espanha e a Península Ibérica durante a Idade Média (BEMERGUY, 1998).

Dentre os vários lugares que seguiram como rota, parte desses judeus dirigiram-se ao norte da África no Marrocos, onde se estabeleceram em diversas cidades como Fez, Tânger, Tetuã, Meknes, Marrakesh, Rabat, Arcila, Larache, Ceuta e Melila. Segundo Liberman (1990) a presença dos judeus no Marrocos ocorria desde o mundo antigo quando em 586 a.C Nabucodonozor destruiu o templo de Jerusalém e 70 d.C durante o reinado do imperador Tito em Roma. (LIBERMAN, 1990)

Instalados naquele país, os judeus assumiram variadas profissões, como fazendeiros, plantadores de tabaco, de arroz, pequenos comerciantes, mascates. Até 1912, certos portos eram controlados por uma forte sociedade de mercadores judeus. Entretanto, a situação econômica não era a mesma para todos os judeus marroquinos, variava conforme a região, e a

maioria dessa população sofriam privações. No que tange a religiosidade, as várias sinagogas espalhadas pelo país exerceram um papel preponderante com relação à organização e tradição.

Essas sinagogas possuíam não só um caráter religioso como tinha uma função social, ou seja, a de garantir a coesão do grupo em torno de sua história, filosofia, cultura e costumes. Foi essa sua função social que conferiu ao judaísmo o seu caráter popular, na medida em que a sinagoga abrigou não só os indivíduos privilegiados cultural e economicamente, como a grande massa da população. (LIBERMAN, 1990, p.3)

Segundo Liberman (1990) os judeus do Norte da África preservaram elementos da tradição de seus antepassados espanhóis, no que se refere à língua, música, culto religioso, alimentação e vestuário. Introduziram igualmente um dialeto denominado *hakitia*, que é a fusão do espanhol antigo com o hebraico e árabe, que evidencia a plasticidade da língua, capaz de acompanhar diásporas e encontros culturas distintos.

Ao realizar uma pesquisa sobre a língua sefardita no Pará, Scheinbein (2009) conclui que a importância dada ao ensino do francês, espanhol, inglês e hebraico nas escolas não ajudou na fixação do *hakitia* no Marrocos, uma vez que este não foi considerado relevante no processo educacional, sendo seu uso restrito aos ambientes familiares e sociais judaicos. Uma das instituições mais importantes neste processo de educacional judaico no norte da África foi a Aliança Israelita Universal (A.I.U).

Com o objetivo de solidarizar com os judeus, trabalhar pela sua emancipação e progresso intelectual, e oferecer ajuda e assistência às vítimas do antissemitismo, foi fundada em Paris a Aliança Israelita Universal (A.I.U). em 1860. Essa instituição teve fundamental importância e muito contribuiu para a educação de judeus daquele país. Sua ação se fazia nos níveis diplomáticos, na assistência a emigrantes, na educação, visando, sobretudo os judeus orientais vítimas de perseguições. A Escola Israelita Universal fornecia formação em todos os níveis de ensino: línguas (francês, espanhol, inglês e hebraico), ciências, história, geografia, ofícios e profissões. As mulheres aprendiam costura, trabalhos manuais, música, além das matérias citadas (LIBERMAN, 1990).

Escolas da A.I.U. foram fundadas em Tetuan em 1862, em Tânger em 1869, seguidas de mais cinco escolas no Marrocos, desempenharam um papel importante na educação e preparação de judeus, pois representaram oportunidades de educação e qualificação, além do

estímulo a emigrar para outros países com melhores oportunidades. Ajudou, portanto, na preparação dos futuros líderes judeus da Amazônia que se tornaram prósperos comerciantes.

A vida dos judeus no Marrocos atingiu um grande nível de pobreza nos *mellahs*⁶ onde poucas famílias judias sefarditas desfrutavam de melhor posição social e econômica. A maioria vivia confinada em lugares insalubres chamados de juderias, sujeitos a doenças e epidemias. As condições sanitárias das cidades marroquinas eram péssimas e piores nos *mellahs*, onde diversas epidemias ocorriam entre elas à cólera. O apedrejamento de judeus era prática constante para um cotidiano de perseguição e hostilidade existente entre árabes e judeus. As sinagogas ficavam vulneráveis a apedrejamento por parte de grupos radicais que não toleravam a existência de outros credos.

O aumento gradativo do número de judeus no Marrocos deu origem as *mellahs*, ou bairros judeus. Nestes bairros os judeus detinham certa autonomia, uma vez que cada *mellah* tinha seu conjunto próprio de leis, seu sistema de justiça e seu sistema escolar. Com o tempo, essas comunidades entraram num processo de superpopulação e a conseqüente deterioração das condições de vida dos seus habitantes. Estas condições, aliadas a fatores políticos, religiosos e educacionais foram os motivos que desencadearam a onda migratória dos judeus sefarditas ou dos chamados forasteiros marroquinos para a Amazônia.

A trajetória judaico-marroquina aparece em trabalhos monográficos importantes como de Benchimol (2008), Bentes (1987), e Moreira (1972). O trabalho desses autores é uma síntese do processo migratório, refere-se a quadros gerais que enfatizam o período pré-migratório, mostrando as condições de vida dos judeus, as motivações de ordem política, econômica que favoreceram a entrada desses imigrantes no Brasil, além de destacar o estabelecimento das primeiras famílias na região e os respectivos empreendimentos comerciais.

A imigração judaica aparece nos três autores associada à economia da borracha, à liberdade de culto e as expectativas que foram criadas com relação à região. A leitura de Benchimol (2008) e Bentes (1987) nos remete ao exílio marroquino, quando os judeus espanhóis foram expulsos da península ibérica, até a sua chegada na Amazônia, considerada por Benchimol como a Canaã da Borracha. A visão que os autores fazem da diáspora é permeada por conotações religiosas, traçando um perfil figurativo, que se entrelaça com

⁶ - As *mellahs* referem-se aos bairros judeus, criados por sultões com a finalidade de proteger os judeus. Cada *mellahs* possuía sua autonomia política e administrativa.

analogias bíblicas. O que não deixa de ser previsível e aceitável, uma vez que os autores são de origem judaica.

O período analisado por Benchimol se estende desde o século XV, até o século XX, distribuído em quatro momentos, denominado pelo autor como ondas migratórias. Segundo ele, os judeus marroquinos imigraram para a Amazônia no início do século XIX, onde foram atraídos pela promessa de liberdade de culto e por uma campanha publicitária internacional feita pelo governo da então província do Grão-Pará.⁷ A abertura do rio Amazonas, é considerada pelo autor como elemento que desencadeou o fenômeno migratório na região amazônica. A pressão pela abertura do rio Amazonas vinha se tornando uma questão de política internacional, uma vez que o rio Amazonas possui importante papel geopolítico, e seus principais afluentes nascem em países vizinhos permitindo, por sua navegação interior, uma saída estratégica para o oceano Atlântico.

A ação do governo provincial consistia em subvencionar a navegação e oferecer vantagens a quem se dispusesse a criar atividades fabris buscando desenvolver as atividades econômicas de forma autônoma. As repercussões econômicas, sociais e políticas da abertura do rio Amazonas à navegação estrangeira foram sentidas a partir de 1870, com a navegação transatlântica direta ligando a Praça de Manaus às Praças de New York, Liverpool, e Hamburgo, ampliando as companhias fluviais que operavam na região. A borracha obtida do látex extraído das seringueiras amazônicas tornou-se um produto estratégico e mundialmente valorizado devido às suas múltiplas aplicações, principalmente na indústria automobilística em expansão.

Segundo Benchimol (2008) nos primeiros anos do século XIX, só entraram no Brasil sefarditas do sexo masculino. Os mais ricos conseguiram abrir lojas de secos e molhados em Belém e outras cidades da região. A maioria adotou a profissão de regatão, comprando produtos da floresta, como látex, sementes, frutos e peles de animais. Os regatões sefarditas só traziam a família para o Brasil ou se casavam com judias depois que acumulavam dinheiro.

A primeira geração de judeus tornou-se em sua maioria empregados, aprendizes, balconistas e vendedores ambulantes, contratados por firmas judias de Belém e Manaus. A profissão de vendedor ambulante tornou os judeus conhecidos como regatões. Com suas embarcações, levavam mercadorias para vender nos distantes seringais em troca da borracha,

⁷ - Eidorfe Moreira levantou a hipótese não confirmada, de que entre os súditos portugueses que viviam na fortaleza de Mazagão no Marrocos, foram trasladados por ordem de Pombal para o Pará, e fundaram um povoado denominado de Vila de Nova Mazagão.

castanha, bálsamo de copaíba, sorva, batata, e outros produtos nativos. Eles desafiavam o monopólio português e o sistema de aviação, pois, vendiam suas mercadorias mais baratas e compravam os produtos diretamente dos seringueiros a preços mais altos. Aceitando o desafio de procurar novas oportunidades, esses judeus migraram para o interior dos estados do Amazonas e Pará, dentre os municípios de interior que receberam esses imigrantes judeus estão Parintins, Tefé, Itacoatiara, Manacapuru e Maués (BENCHIMOL, 2008).

O regatão é analisado por Liberman (1990) e Benchimol (2008) como produto das condições precárias em que a Amazônia vivia antes da abertura dos portos ao comércio internacional. Ele era uma figura indispensável à população ribeirinha que vivia em lugares distantes e não podiam ir à cidade em busca de artigos e gêneros comerciais. Sob o ponto de vista comercial e produtivo, o trabalho do regatão economizava tempo e despesas aos inúmeros indivíduos que viviam da coleta de produtos extrativistas. Podemos dizer que esta modalidade de trabalho corresponde também ao atravessador, uma categoria indispensável no início do capitalismo moderno.

A segunda geração chegou durante o período conhecido como o boom da economia da borracha. Havendo obtido sucesso com o comércio, os judeus conseguiram se estabelecer em Belém e Manaus, onde se tornaram grandes aviadores e comerciantes donos de empórios e armazéns, exportadores de borracha e concorrentes dos portugueses, ingleses, alemães e demais estrangeiros que viviam na Amazônia. Logo, esses judeus passaram a desfrutar de um alto poder econômico e social. No fim do século XIX, os sefarditas enriqueceram com a economia da borracha e os mais bem-sucedidos mandaram seus filhos estudar no Rio de Janeiro. Em 1890, as notícias da súbita prosperidade do Pará motivaram uma nova onda de imigração judaica, e em boa parte, foi financiada pelos que já estavam estabelecidos no país (BENCHIMOL, 2008).

A terceira geração foi marcada pelo processo de decadência da borracha conhecido como a grande crise, que vai de 1920 a 1950. Neste contexto os judeus da primeira geração que se sedentarizaram nos mais distantes lugares, vilas, povoados e pequenas cidades iniciam seu êxodo do interior para Manaus e para Belém (BENCHIMOL, 2008).

A quarta geração se caracterizou por novas diásporas para o Rio de Janeiro, São Paulo e exterior, lembrando que a partir da primeira metade do século XX, a economia amazônica atravessou novamente um período difícil. Mesmo com os investimentos aplicados à revitalização da borracha as exportações tornaram-se monopólio federal do Banco da

Borracha e, com isso, desestruturou-se toda a economia das empresas judaicas aviadoras exportadoras desses produtos. Reiniciou o despovoamento e o êxodo rural rumo as cidades grandes. Os filhos desses judeus que foram enviados para estudar fora se tornaram médicos, engenheiros, advogados, etc., retornaram posteriormente à sua terra natal a fim de exercer sua profissão. A partir disto Benchimol (2008) apresenta uma amostra dos profissionais judeus que vivem na Amazônia e na região sudeste, dentre os quais se destacam os profissionais de saúde, e os professores de carreira universitária.

Benchimol também faz uma discussão sobre o ser e ficar judeu, apontando os desafios de manter o judaísmo na Amazônia, principalmente com relação aos casamentos mistos com católicos. Para o autor existe nos tempos atuais uma deterioração da tradição, e que não se restringe apenas ao judaísmo “o ser- viver –ficar e sobreviver judeu aplica-se também aos cristãos católicos e evangélicos, cujos rigores antigos vêm sendo amenizados, para incentivar a maior influência de crentes às sinagogas, igrejas e templos” (Benchimol: 2008: p. 198).

O elemento definidor da identidade judaica na perspectiva de Benchimol seria a conservação da tradição, entendida como algo estável e que estaria sendo constantemente ameaçada em decorrência de casamentos mistos. As mudanças por sua vez são vistas como formas de distorção de uma tradição que está o tempo inteiro, como consequência das diásporas, em choque com diferentes. O que talvez tenha faltado a Benchimol foi a sensibilidade de entender que foi por meio das mudanças e adaptações que os judeus reexistiram há mais de dois séculos de imigração na Amazônia. A abertura e flexibilização dos costumes já vinham sendo feitas desde o exílio marroquino, e diante das possibilidades as adaptações significaram novas perspectivas de reinventar uma tradição que está sempre em movimento.

Outro aspecto importante são as mostras censitárias das famílias descendentes, sepulturas e empresas judaicas na região. Os cemitérios israelitas contabilizam 12 e estão distribuídos nas cidades de Belém, Manaus, Cametá, Macapá, Óbidos, Santarém, Itaituba, Parintins, Maués, Itacoatiara e Tefé. No estado do Amazonas, existem 5 cemitérios israelitas, contabilizando 455 sepulturas. Existem também os cemitérios municipais de Manaus com 94, e Manacapuru com 6 sepulturas israelitas, chegando ao total de 555. Ao todo, o número de sepultura judias chega em torno de 1.846. A demografia populacional atinge cerca de 283.859 descendentes que foram assimilados pela população local (BENCHIMOL, 2008). Os descendentes para Benchimol “desapareceram para o judaísmo e integrados a massa anônima de caboclos empobrecidos”. As famílias judaicas existentes em Belém e Manaus são

distribuídas em quatro sinagogas, três pertencentes a Belém e uma a Manaus, contabilizando 430 famílias e 1.800 seguidores vivendo no Pará e 200 famílias e 800 seguidores vivendo no Amazonas. Para o autor “a comunidade de Belém é a matriz do judaísmo amazônico, tendo conseguido manter as tradições religiosas e culturais”.

Vale destacar que os “descendentes que desapareceram para o judaísmo” é outro ponto que merece muita atenção, pois, se pensarmos no judaísmo enquanto religião os casamentos mistos alteraram bastante a continuidade judaica, e representaram uma quebra nas linhagens religiosas especialmente maternas, no entanto se considerarmos o judaísmo para além da religião, enquanto uma cultura compartilhada e apropriada pelos descendentes, como será refletido nos próximos capítulos perceberemos que os filhos de judeus com mulheres não judias não se sentem fora da cultura judaica, mas integrados e participantes. A continuidade da expressão “integrados a massa anônima de caboclos empobrecidos” mostra como Benchimol, possuindo uma visão pejorativa das populações locais, pois seriam “massas anônimas empobrecidas” sem muita importância, ele por outro lado evoca a figura de um judeu distinto, se não afortunado, mas possuindo o suficiente para não deixar de ser notável. Esta visão por sua vez não considera os judeus desafortunados, os que não deram certo, ou que se integraram às massas, como ocorreu com uma parcela significativa destes imigrantes.

A saga dos judeus marroquinos também é abordada por Benchimol em seu livro *Amazônia: formação social e cultural* e *Manaus: memória empresarial*. No primeiro o autor usa as mesmas ideias presentes no *Eretz Amazônia* e destaca a trajetória de outros grupos migratórios como os japoneses, sírio libaneses, italianos e nordestinos. Já no segundo, faz uma abordagem econômica, mostrando o papel das empresas judaicas dos tempos da borracha e seus respectivos empreendedores. Novamente o que se vê é uma exaltação da “saga” dos judeus que chegaram a Amazônia com o objetivo de fazer fortuna e que superando as muitas adversidades tornaram-se distintos empresários, notáveis e respeitáveis pela sociedade amazonense.

Além dessas produções, existem também trabalhos de pesquisadores da Universidade Federal do Pará, que há anos vem contribuindo com pesquisas que abordam diferentes dimensões da vida judaica. Eidorfe Moreira (1972) mostra como a comunidade judaica do Pará cresceu e se desenvolveu com a economia da borracha entre 1850 e 1910, Ramiro Bentes (1987) em dois de seus trabalhos evidencia os aspectos da vida comercial dos judeus e sua relação com o poder público, mostrando os pedidos de licença de marroquinos para

comercializar em Belém e as supostas concessões do estado, durante a segunda década do século XIX.

Cabe frisar o trabalho de Isaac Laredo (apud Benchimol, 2008), judeu paraense que em seu livro *A saga de um viejo tangerino* contextualiza a vida dos judeus no Marrocos mostrando as doenças, epidemias e perseguições religiosas até a chegada em Belém, transformando-se num texto base, para o entendimento da qualidade de vida dos judeus no Marrocos. Os trabalhos de Benchimol, Bentes, Laredo e Moreira, possuem em comum o caráter descritivo das abordagens que postulam, o que não deixa de ser enriquecedor, já que contam com experiências pessoais e podem ser utilizados como crônicas, como é o caso de Laredo, cuja publicação corresponde em parte do período por nós analisado.

Recentemente, pesquisadores paraenses como BERMEGUY (1994) SCHEINBEIN (2009) e LINS (2004) tem enriquecido a historiografia regional com seus trabalhos e abordagens. BERMEGUY (2009), graças ao trabalho de Laredo (APUD BENCHIMOL, 2008) e às novas pesquisas da Universidade de Jerusalém, desenvolveu uma pesquisa sobre as motivações de ordem social que estimularam o processo imigratório dos marroquinos para a Amazônia, a qual caracteriza como “busca de uma terra sem males”. A história da língua *hakitia* e as expressões utilizadas ainda hoje por judeus do Pará é o tema central da pesquisa de SCHEINBEIN (2009), cujos dados foram coletados a partir da vivência com a própria comunidade.

Lins (2004) por sua vez abordando sobre a presença hebraica nos interiores da Amazônia conclui que o judaísmo se desenvolveu de forma particular em cada lugar, e, portanto, restrita apenas à capital do estado do Pará. Através de descendentes de judeus marroquinos, residentes em cidades interioranas, foi possível perceber os próprios caminhos da judaicidade no Estado, e como o judaísmo é múltiplo em sua prática. A partir desta idéia de diversidade de professar a religião, o autor propôs pensar a questão da alimentação. Lins (2004) mostra como as adaptações alimentares em solo brasileiro aconteceram, com cardápios variados e adoção de produtos típicos da região, como a mandioca.

A coletividade judaica chegava ao extremo norte do Brasil com a intenção de radicar-se e, como consequência, alargar as suas atividades comerciais, tendo como atividade não somente o comércio interno e o de exportação e importação, mas também o setor de

navegação e de seringais, além da participação nas atividades públicas⁸. Embora formalizada em 1943, a comunidade religiosa de Belém do Pará existe desde o início do século XIX, onde a sinagoga, mais tarde denominada Instituição Beneficente, passou a ser denominado Templo Shaar Hashaim em 1837.

As únicas informações sobre as fundações procedem de alguns cronistas paraenses do século XIX e da tradição oral da comunidade da região (Benchimol, 2008, p. 106). Evidentemente essa ausência não surpreende quando se sabe que um dos fundadores, Abraham Acris, teria instalado a sinagoga em sua própria casa, e, muito provavelmente, Leon Israel teria feito o mesmo. Afinal, a primeira Constituição era bem clara a esse respeito: os templos teriam de ser discretos e sem quaisquer sinais externos; os serviços, como se fossem em domicílio (Grinberg, 2005). Somente em 1890, data da primeira constituição Republicana passou-se a adotar, portanto o princípio da igreja livre em estado livre. A separação dos dois poderes, o espiritual e o temporal, instituiu-se a liberdade religiosa com a liberdade individual dos cultos, o casamento civil como o único válido perante a lei, secularização do cemitério, a laicidade do ensino, a independência entre os direitos civis e políticos e o cumprimento de qualquer dever cívico por todo e qualquer cidadão brasileiro.

Na Amazônia embora tenha ocorrido alguns conflitos étnicos entre a comunidade local e os judeus⁹, o ambiente não era de hostilidade como em outros lugares do mundo. Desta maneira os judeus eram vistos como uma solução para o melhoramento da população amazônica e não como atraso, como as populações locais. Logo esses imigrantes vislumbraram oportunidades de trabalho, educação e foram incorporados pelas elites locais. Em mensagem do governador do Amazonas a Assembléia Legislativa de 1937, o estrangeiro era evocado como resposta para as demandas do novo estado:

Nasceu uma orientação prática e moderna para explorar o imenso estado em cujas terras a unidade e o quilometro, penetrado por águas de todas as colorações. O coração brasileiro lutou três séculos- e está vencendo. Esperava, senhor da terra, os estrangeiros que venham coma sua atividade e com seu espírito de ordem, para a grande cooperação a prol do país. Está vencendo pelo conhecimento da hinterlândia,

⁸ - Podemos citar o caso do Major Eliezer Levy, já da terceira geração, que foi eleito prefeito de Macapá por duas vezes na década de 30.

⁹ - Heller, afirma que existiu durante o período cabano uma “mentalidade cabocla” contra brancos e estrangeiros

varando-a palmo a palmo, pela absorção do índio em que o Brasil primitivo revive e refere no sangue e na língua.. (Álvaro Botelho Maia, p. 368).

A mensagem do governador Álvaro Maia de 1937 destaca o lugar reservado para o estrangeiro no “imenso estado”, evidenciando como a dimensão territorial do Amazonas representava um empecilho para as concepções de desenvolvimento adotadas pelos governos. Ao mesmo tempo o indígena é mencionado dentro de uma lógica assimilacionista, sob o estigma de primitivo, alertando que o “coração brasileiro” irá vencer, portanto, irá incorporar tudo aquilo que não se alinha a essas novas aspirações políticas. Esta concepção refletiu nos grandes projetos desenvolvidos nos anos de 1960 que desconsiderou populações locais, territórios indígenas, quilombolas, além dos muitos impactos ambientais, sociais e culturais.

1.3- Os judeus no Amazonas e outras histórias

A imigração dos judeus para a Amazônia foi um tanto desprezada por parte da historiografia judaica, com exceção dos trabalhos mencionados anteriormente que dão ênfase a esse grupo sem uma preocupação historiográfica mais consistente. Não raro surgiam ora visões estereotipadas ora discursos apologéticos, com relação ao judeu que imigrou e viveu nesta região.

Se tomarmos a produção literária sobre os judeus salta a vista às visões proféticas e ufanistas dos caminhos do judaísmo na Amazônia, acrescida da ênfase na vida ritual. A vida ritual entendida como cultura se colocada fora do cotidiano pode correr o risco de tornar-se folclore, fato que comumente intimida os pesquisadores das minorias, pois na medida em que se pretende ampliar a visibilidade, tem-se em muitos casos a mitificação de práticas culturais. No entanto a convivência dos imigrantes dentro da comunidade amazonense proporcionou um intercâmbio de valores, símbolos e signos com os demais grupos envolvidos. Para entendermos estas relações é necessário destacar os elementos que constituem as

“identidades”¹⁰ deste grupo especialmente por meio de suas historicidades, afinal, se há um consenso nas ciências humanas de que as identidades são dinâmicas, estas dinâmicas só podem ser concebidas historicamente.

Dialogando com as categorias cultura e memória, é possível compreender como os judeus viveram suas histórias e como também se modificaram nas dinâmicas das suas experiências. A cultura aqui é compreendida como um modo de vida, a qual corresponde à globalidade das produções humanas, em suas estruturas sociais, políticas, jurídicas, religiosas, produtivas e simbólicas. Tomando, especialmente por referencia a acepção simbólica da cultura, também a memória pode ser entendida como um sistema cultural e articulado de significado.

Ao relacionar eventos passados com eventos presentes, a capacidade mnemônica que é sempre atualizada a partir da experiência atual, se enche de novos sentidos, produzindo significados próprios de uma cultura. Pode-se assim, afirmar que a memória é um sistema cultural de atribuição de sentidos, alterável ao longo do tempo. A partir desse quadro hermenêutico, definido por Geertz (1989) e Hall (1997), percebemos que cultura, memória e identidade estão imbricadas, uma vez que os elementos retidos do passado não só refletem no presente, mas projetam um quadro de referencia para interpretação do mundo.

Ao chegar no Amazonas, esses judeus tornaram-se o “outro”, e este outro também se encontrou com os “outros”, ou seja, as pessoas que aqui viviam, que foram percebidos e perceberam os judeus enquanto um grupo culturalmente distinto. Fazendo uma analogia ao encontro entre europeus e indígenas, descrita por Todorov (1985), este outro, objeto do presente trabalho participou de um grande encontro interétnico, com as mesmas dimensões daquele (os outros), numa relação que redesenhou sua identidade enquanto grupo.

Um dos objetivos desta pesquisa constituiu-se em analisar a construção da identidade do grupo através da memória, fazendo uso das experiências e representações que os judeus criaram de si próprios e das representações que foram criadas em torno do judaísmo. Este ponto nos conduz a alteridade que segundo Larrosa (1998) “é a imagem do outro não como a imagem que olhamos, mas como a imagem que nos olha e que nos interpela” (p.8). É neste sentido que a cultura e a alteridade revelam muitas linguagens presentes no social, mas que se fazem invisíveis aos olhos e ouvidos, dado que nossa percepção encontra-se cativa de nosso

¹⁰ - O termo plural de identidade, refere-se aos vários elementos que dão suporte ao judaísmo e que estão se relacionando, ou seja, existe uma identidade cultural, identidade religiosa, uma identidade social que apesar de distintas se agrupam e se completam traçando um perfil de quem é o judeu.

pensar por princípios e valores de nossa cultura, tidos por nós como universais, verdadeiros, legítimos e únicos.

Entender a alteridade é mergulhar no universo da cultura, e para tal, é necessário responder aos questionamentos que surgiram a partir desse ponto inicial: Como se deu a experiência judaico-marroquina no Amazonas? Quais os elementos indetentários que caracterizam os judeus da terceira geração? Ocorreram reelaborações? Quais as ressignificação nos diversos contextos sociais e simbólicos? Existiram conflitos, preconceito, discriminação e exclusão? Respondendo a essas perguntas teremos um esboço necessário para compreendermos a construção da memória dos judeus no Amazonas e as variações ocorridas na formação da sua identidade cultural. Assim entenderemos as formas de organização empreendidas, as interações e dinâmicas sociais, e como essas relações projetam imagens e desenham identidades. Além disso, as histórias de judeus da terceira geração nos possibilitam fazer um apanhado da segunda geração, visto que as memórias de pais e avós de judeus da geração anterior ainda são preservadas via tradição oral.

As décadas de 30 a 60, do século XX constitui-se num período que marca a saída dos imigrantes dos lugares mais longínquos. A barrocha um dos atrativos dos primeiros imigrantes judeus deixou de ser uma atividade econômica rentável, cedendo lugar à produção inglesa e asiática. Aqui, percebemos que as mudanças econômicas e sociais, ocasionaram uma redefinição na forma de trabalho dos judeus na região, pois, se até então, os judeus da terceira geração viveram quase exclusivamente do comércio, seus filhos e descendentes passarão a ocupar novos papéis no mundo do trabalho.

Além desses acontecimentos regionais, existia a conjuntura política mundial a ser considerada, uma vez que a década de 30 foi marcada pelo início dos regimes totalitários na Alemanha, Itália e posteriormente no Brasil. À perseguição e massacre dos judeus na Europa no contexto mundial suscitaram questões importantes para analisarmos as relações entre judeus e Estado no Amazonas, onde as questões étnicas e culturais se diferenciaram bastante da situação europeia e de outros lugares do Brasil.

Havia no Amazonas a concepção de que o estado se constituía num grande vazio demográfico, responsável pelo atraso econômico, e de que a vinda de imigrantes, especialmente estrangeiros alavancaria o desenvolvimento e progresso da região. Neste contexto as populações amazônicas além de serem consideradas insuficientes também eram

vistas como incapazes de desenvolver o estado, como bem expressa a mensagem do governador Álvaro Maia:

Enquanto formos os habitantes de um deserto, nossos brados não terão eco. Continuamos a ser exatamente o inverso da Alemanha ao estourar a primeira guerra lá lançava-se Hitler as aventuras bélicas para conquista do “espaço vital” por onde pudessem espriar-se as compactas populações temerosas de asfixia na estreiteza de seu território; aqui cada amazonida mexendo-se isolado na extensão de quatro quilometro quadrados, não tem nenhuma possibilidade de abalroar com outro ser humano (...). São ondas migratórias o fator por excelência de prosperidade e da riqueza e aí está como exemplo edificante a Norte América que hoje lidera o mundo como potência incontestável (Álvaro Maia a Assembléia Legislativa, 1953: p.82).

O governador Álvaro Maia declara em mensagem à Assembléia Legislativa de 1953 que o Amazonas continuava a ser o inverso da Alemanha e das práticas de nazista de Hitler. Caracterizando o estado como deserto, Álvaro Maia destaca ainda os Estados Unidos como exemplo de país que recebeu levas de imigrantes e assim assegurou o desenvolvimento e progresso, colocando a imigração novamente como fator indispensável de prosperidade. Desde os anos de 1937 que Álvaro Maia revelou seu descontentamento com a demografia do estado, e deixa claro já em 1953 que os “indesejáveis” de Hitler seriam bem aceitos no Amazonas.

O curioso é saber que no contexto do Estado Novo, especialmente após o golpe de 1937 Tucci Carneiro (1988) destaca que as elites brasileiras ao mesmo tempo em que exaltavam valores liberais, também recuperavam valores raciais, que influenciaram na política migratória restritiva adotada pelo Itamaraty. Seu trabalho destaca como o governo Vargas, especialmente através do ministério de relações internacionais proibiu a entrada de judeus no Brasil, recusando vistos de refugiados, e atestado por diversas circulares secretas trocadas dentro do Itamaraty.

Mas, se o antissemitismo esteve presente no discurso oficial, e nas praticas restritivas adotadas pelo estado brasileiro, os imigrantes que aqui estavam e aqueles que conseguiram burlar as barreiras legais e aqui chegaram se adaptaram as restrições nacionalistas de Vargas e procuraram formas alternativas para enfrentar a lei e a ideologia do estado novo. Reforçando esta perspectiva Cytrynowicz (2002) afirma que entre 1937 e 1945 as comunidades judaicas de São Paulo e do Rio de Janeiro viveram uma intensa e pública vida institucional, social, cultural e econômica que permitiram um *boom* de atividades e organizações, inclusive sionistas e comunistas.

Não há dúvida de que o antissemitismo esteve presente nas esferas do estado novo e que negando os vistos aos imigrantes judeus, o estado novo condenou muitos à morte. No entanto há de considerar que os judeus precisaram se adaptar a situações improváveis negociando as restrições impostas. Jeffrey Lesser (2001) destaca que se no exterior os judeus eram semitas, portanto, não europeus e indesejáveis, no Brasil eles eram tolerados por não serem negros, pois estavam no contraste com uma sociedade que almejava o ideal de branqueamento. A questão racial balizou a política migratória do país e permitiu que mesmo durante o estado novo que possuía alinhamento com aos governos fascistas, os judeus fossem desejados em alguns lugares do país.

Reforçando a ideia do sociólogo Bernardo Sorj (1997) existe um paradoxo na aceitação dos judeus no Brasil, pois mesmo que os judeus em determinados momentos da história não preenchessem os requisitos de imigrantes desejáveis, eles se apresentavam como solução, uma vez que se colocavam em contraste com a população negra, indígena e mestiça, responsáveis, segundo a concepção etnocêntrica, pelo atraso da nação. No caso do Amazonas, considerando o estigma que pesava sobre índios, negros e mestiços os judeus tornaram-se aceitáveis e toleráveis.

Desta forma, a presença judaica nas cidades amazônicas e as relações com os distintos grupos sociais, obedeceram outras lógicas, muito distantes das vivenciadas pelos judeus na Europa, ainda que as cenas de preconceito também façam parte da experiência de alguns membros da comunidade judaica do Amazonas. Mas, o que se vivenciou do ponto de vista das relações interétnicas foi uma cultura muito mais aberta ao novo do que fechada, e isto se vê de forma evidente na presença e participação de não judeus na vida das instituições judaicas locais.

Estas instituições funcionam como agentes demarcadores de identidade, porque são marcos da memória e solidificam um discurso e uma representação sobre o judaísmo, família judaica, religião e trabalho são em geral, os temas de maior interesse das pesquisas sociais. Entendemos que as identidades são produzidas e transformadas no interior das organizações judaicas e também no contato com outros grupos, não sendo possível explicá-las em si, sem que se coloque em relação a outras. Os elementos que compõe a religião, a família e as formas de trabalho trazidos de diferentes trajetórias diaspóricas estão sujeitos a reelaborações. Alguns são elementos relativamente estáveis, enquanto outros, relativamente mais dinâmicos mesclando-se nos processos de interação e reciprocidade onde o ambiente cultural, social e familiar influenciou diretamente a identidade do grupo.

Com a imigração para a Amazônia, os judeus marroquinos trouxeram consigo um legado sociocultural que permanece ainda hoje, como parte da história desse grupo. Citamos como exemplo a *hakitia*¹¹, onde os resquícios desse dialeto são encontrados entre os mais velhos nas comunidades do Amazonas e Pará. Esta linguagem étnica que os sefarditas marroquinos utilizavam no seu cotidiano com fluência encontra-se, atualmente, diluída ao português brasileiro. O uso da *hakitia* restringe-se a situações cotidianas de âmbito doméstico em que os falantes, se sentem a vontade para expressar por meio do dialeto que corresponde a provérbios e palavras o seu vínculo com o passado marroquino.

Segundo Scheinbein (2009) “o léxico da *hakitia* é predominantemente espanhol, tem sua origem nos dialetos hispânicos medievais utilizados pelos judeus ibéricos, acrescidos de forma mais moderna do próprio espanhol, incorporados ao *hakitia* num processo denominado de rehispanização” (p.74). O dialeto foi mesclando-se a outras línguas, incluindo o português brasileiro, ganhando novas formas de expressão presentes na fala dos imigrantes, que resignificam o seu novo ambiente, a partir de elementos do seu passado de origem. Os vários elementos que dão suporte a identidade dos judeus, os tornam um grupo com demarcações bem definidas, ainda que estas não sejam fixas e rígidas.

Vale ressaltar que esta tradição não está vinculada a ideia de herança mas de troca, ou seja, esta tradição foi transferida às diversas gerações do judaísmo amazônico com novas disposições, nos fazendo concordar com Hobsbawn (1997) de que esta (a tradição) não é reificada, mas inventada.

Ao realizar uma pesquisa sobre a tradição da realeza britânica, o autor conclui que as formas simbólicas que pareciam ligadas a um passado imemorial surgiram no século XIX e XX, assinalando que aquilo que se apresentava como antigo e formalmente institucionalizado, surgiram recentemente, sendo construídas e inventadas.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado [...]. Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a

¹¹ - Língua românica e judaica, utilizada nos ambientes familiares.

situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. (HOBBSAWN, 1997, p. 10)

Segundo as observações de Hobsbawn, a invenção das tradições é um contraste entre o mundo moderno, com suas mudanças inovadoras e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável, alguns aspectos da vida social. O objetivo dessa estruturação é a continuidade histórica, e a ratificação do precedente. Vale ressaltar que a sociedade analisada por Hobsbawn (1997), é uma sociedade pós-industrial, e que segundo o autor, a revolução industrial obrigou as sociedades modernas a desenvolverem novas redes de convenções e rotinas com uma frequência maior do que antes. Pensar no judaísmo a partir da invenção das tradições, não significa abandonar sua historicidade, mas compreender que esse fenômeno não é novo, sempre existiu, na medida em que simbolizava a capacidade de lidar com situações imprevistas ou originais. Em vários momentos da história do povo hebreu, percebemos a assimilação de elementos da cultura de vários povos do qual mantiveram contatos, como foi o caso dos egípcios, babilônicos, romanos e tantos outros.

A propósito, isto implica, ao contrário da concepção veiculada pelo liberalismo do século XIX e a teoria da “modernização”, que é mais recente, a idéia de que tais formalizações não se cingem às chamadas sociedades “tradicionais”, mas que também ocorrem, sob as mais diversas formas, nas sociedades “modernas”. De maneira geral, é isso que acontece, mas é preciso que se evite pensar que formas mais antigas de estrutura de comunidade e autoridade e, conseqüentemente, as tradições a elas associadas, eram rígidas e se tornaram rapidamente obsoletas; e também que as “novas” tradições surgiram simplesmente, por causa da incapacidade de utilizar ou adaptar as tradições velhas. (HOBBSAWN, 1997, p.13)

As adaptações ocorreram quando foram necessárias, sob os mais variados contextos, seja de conservar velhos costumes em condições novas, ou criar novos costumes em condições velhas. Sociedades “tradicionais”, instituições antigas com rituais e práticas que possuíam referencia no passado também sentiram a necessidade de fazer tais adaptações. Regras de alimentação, formas de culto, festas, interpretações da torá, e vários outros elementos do judaísmo demonstram como essas adaptações foram necessárias e aceitas pela coletividade.

Portanto, não se pode falar de uma ideia de identidade pura, pois os povos interagem entre si, trocando constantemente elementos culturais. Na visão de Hall (1996) a identidade é construída, portanto, internamente e não externamente a representação. A identidade cultural e étnica do povo judeu no Amazonas, o papel da memória e tradição, passada de geração em geração e reinventada está diretamente associado a um passado diaspórico. Hall, ainda enfatiza que esses deslocamentos transnacionais, a qual chamou de diáspora se caracteriza por uma grande heterogeneidade:

A experiência da diáspora, como aqui a pretendo, não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção 'identidade' que vive com e através, não a despeito, da diferença; por hibridização. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença." (1996, p. 75)

E através do diálogo cultural estabelecido pelos judeus com os outros povos, gerando muitas vezes um "hibridismo" cultural, que os elementos da cultura judaica puderam resistir e sobreviver no decorrer da história. Neste cenário de dispersão contemporânea os imigrantes desenvolvem e mantêm múltiplas relações, familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas ampliando as fronteiras colocando em inter-relação o global e o local, e dispondo de um conjunto de questões que têm sido discutidos num campo imenso de estudos interdisciplinares nos estudos migratórios.

Emprestando a definição de Geertz (1989) o conceito de cultura "denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expresso em formas simbólicas por meio dos quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida" (p. 103). Assim, é necessário procurar o significado de cada cultura em particular para compreendermos os sentidos que seus membros atribuem as coisas, assim como as motivações das ações políticas que participam.

Não se pode perder de vista que a cultura é dinâmica, não está parada no tempo, acompanha o ritmo da vida e suas variantes, enfrentando, portanto, todos os conflitos, avanços, retrocessos e contradições. Cultura assim, passa a ser um processo dinâmico e complexo, incluindo a maneira de agir, pensar, sentir e viver de um povo, com todos os seus valores e crenças, reelaborando continuamente seus símbolos e significados.

“Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. Esta visão problematiza a própria autoridade e a autenticidade que a expressão “identidade cultural” reivindica como sua.” (Hall, 1996, p.68)

A identidade aqui entendida situa-se no campo antropológico, cuja perspectiva apresenta-a como um elemento construído historicamente pelos sujeitos na relação e interação espaço-temporal com a alteridade. Assim, cabe citar Berger e Luckman (1985) que nos permite fugir da dicotomia indivíduo e sociedade apresentando a identidade como uma construção coletiva, onde os sujeitos constituem a sociedade e a sociedade constitui o sujeito.

Para os referidos autores, o processo de tornar-se homem, dar-se na relação com o meio, ou seja, o ser humano em desenvolvimento, não apenas se relaciona com o meio natural particular, mas com uma ordem cultural e social que é mediatizada por vários significantes. Assim, diferentemente dos animais que possuem uma natureza fixa, o homem coletivamente constrói sua própria natureza humana e produz a si mesmo.

Considerar as histórias coletivas e as histórias individuais requer um mergulho na análise do cotidiano, que é o lugar onde acontece esta intersecção entre o individual e o coletivo. Para Heller (1970) “a vida cotidiana é a vida do indivíduo, e este é simultaneamente, ser particular e ser genérico” (p. 20), ou seja, os indivíduos ao mesmo tempo em que constroem socialmente seus valores, regras e restrições, possuem formas particulares de interiorizar e exteriorizar a cultura.

A interpretação de Berger e Luckman (1985) da relação indivíduo e sociedade, apoiado à noção de cotidiano elaborado por Heller (1970), nos apontam para uma identidade construída, individual e grupalmente, cuja historicidade encontra-se na vida cotidiana, que não está “fora da história”, mas no centro do acontecer histórico-social, e se constitui no substrato das formações sociais que definem a identidade de um grupo.

Apesar dos fatores econômicos também servirem de explicação para o fenômeno da imigração, esta não pode ser vista de maneira unilateral, uma vez que a imigração tem dois campos complementares, o estudo do fenômeno migratório em si e o estudo das comunidades imigrantes ou étnicas (THOMSON, 2002). Neste sentido, os judeus da terceira geração,

herdeiros de uma cultura pós-migratória, sendo filhos de imigrantes marroquinos, que individual ou coletivamente, se estabeleceram em diversos lugares, ocupando e criando redes de trabalho, estilos de vida, ritos e formas de fazer o judaísmo amazônico mostram como um processo migratório é vasto e diverso. Chamamos aqui de cultura pós-migratória esta identidade étnica plástica, que chegou na Amazônia advinda de outros deslocamentos, e que tem na memória afetiva e familiar de seus imigrantes, a historicidade desta diáspora.

Falando de memória Maurice Halbwachs (2006) dizia que pela memória o passado vem à tona, mesclando-se com as percepções imediatas, empurrando-as para a periferia, ocupando todo o espaço da consciência. Para ele, a natureza da lembrança é social, sendo ela resultante do efeito de várias séries de pensamentos coletivos entrelaçados. Segundo o sociológico, a memória coletiva é um fato social, e serve de âncora para cada indivíduo. Os homens devem apoiar-se nesta âncora para poder recuperar o caminho de volta ao passado. É preciso conectar aos elos que se situam entre passado e presente para que deles se possa ativar a memória, como representação de fatos, e lugares da memória, que nos acompanham por toda a nossa vida.

Reinterpretando essa tradição durkheimiana, que trata os fatos sociais como coisas e acentuam o poder coercitivo da memória tornando-a seletiva e fruto da negociação da memória grupal e individual, Pollak (1989), não admite a memória como coisa positiva, mas, propõe uma análise construtivista para entender como os atores sociais constroem reconstroem suas memórias de maneira relacional.

Tendo como suporte essa dupla diferenciação nosso trabalho compreende que a memória é um processo individual e grupal, que apesar de ser construída no interior de um grupo social que se relaciona com outros grupos, não deixa de ser um fenômeno individual e intersubjetivo. Diferentemente de Halbwachs (2006) que afirma que a identidade coletiva precede a memória, e, portanto, a identidade é estável e coerente, negligenciando a natureza negocial, dialógica e conflitual tanto da memória como da identidade, procuramos evitar essa excessiva sujeição do indivíduo ao determinismo coletivo, adotando o conceito de memória social, em substituição a memória coletiva.

Todavia, não se pode ignorar que as análises de Halbwachs (2006) funcionaram como ponto de partida para o estudo da memória, especialmente a partir da ideia de que todos os grupos sociais desenvolvem uma memória do seu passado, e que essa memória é indissociável do sentimento de identidade, diferenciando e distinguindo o grupo dos demais. No caso dos

judeus esta memória social foi muito reforçada a partir do sionismo, que conseguirá através da produção do passado diaspórico comum, unificar, no sentido narrativo diferentes porções do judaísmo espalhados pelo mundo.

Através da narrativa podemos verificar como os judeus marroquinos, naturalizados brasileiros e residentes nos rincões da Amazônia passaram a utilizar este passado comum apresentado pelo sionismo como parte do seu passado pessoal. Estas considerações foram possíveis devido a utilização das fontes orais como fonte histórica, haja vista que não há fontes escritas que nos permitissem conhecer como estas histórias, de um passado imemorial de diásporas se cruzam com histórias pessoais.

Lembrando que a história oral é uma metodologia construída em torno de pessoas, possibilitando uma atenção especial às maneiras de ver e sentir o cotidiano do entrevistado. Seu percurso metodológico de priorizar a subjetividade e a versão particular dos fatos se assemelha a micro-história. Thomson (2002) destaca que “as narrativas dos migrantes evocam os “imaginários culturais” sobre os futuros locais de destino e explicam como estes imaginários são produzidos, disseminados, recebidos e usados”. As fontes orais devidamente registradas compreendem esse universo que nos propomos a adentrar, pois suas histórias revelam cenas do cotidiano, ambiente familiar, relacionamento grupal e inter-grupal.

Para o estudo da história do tempo presente que corresponde aos séculos XX e XXI, a história oral realiza um alargamento das perspectivas analíticas, permitindo entender de um lado, as representações subjetivas e de outro as determinações, influências e interlocuções da realidade objetiva. É importante destacar que mais que uma metodologia, a história oral como lembrada por PORTELLI (2010) é uma prática humana, uma prática de pesquisa de relação, onde o pesquisador e o entrevistado se entre olham no momento da entrevista, e a memória como construção se forma no momento da conversa.

Os judeus inseridos na sociedade amazônica assumiram diversos modos de vida e posicionamentos, que operados num contexto social, assumem um grau de complexidade, muito maior do que o conhecido. Assim, na busca de novos vestígios da vida judaica no Amazonas, encontramos a memória social do grupo, que além de explicar a comunidade judaica atual, explica a própria formação da sociedade amazônica.

II CAPITULO

2.1- Os judeus e as relações sociais

A ocupação da região amazônica pelos judeus começou no século XIX, e o Pará foi o principal estado que recebeu esses imigrantes. As primeiras famílias localizadas em Belém viviam do aviamento do látex, que consiste numa prática nascida do escambo, e que sustentou a economia amazônica no período da borracha caracterizando-se como elemento estrutural da economia regional. As empresas aviadoras compravam o látex e exportavam para grandes centros comerciais como Londres e New York, onde era empregado na produção de pneus, automóveis, sapatos e outros produtos. Como nem todos os judeus marroquinos possuíam condições de permanecer na capital, muitos se destinaram a algumas cidades do interior, como Cametá, Breves, Baião, Óbidos até o baixo Amazonas.

A vida dos judeus no Amazonas iniciou no interior, ao entrar pela região do baixo Amazonas, até chegar ao alto Solimões. Os rastros dessa ocupação podem ser percebidos através dos cemitérios que se estendem desde o Pará até Iquitos no Peru. As comunidades do interior do Amazonas foram formadas por judeus que vinham de Belém, e que procuravam novas oportunidades de empreendimentos comerciais e familiares, o que serve de indicativo para mostrar que a prosperidade da borracha não favorecia todos os imigrantes.

É claro que isso não significa que esses imigrantes chegaram à Amazônia sem nenhuma informação previa, ou contato com alguém já estabelecido, pois em 1890, os judeus do Pará enviaram uma circular aos judeus marroquinos que haviam fundado uma Sociedade de Exercício da Caridade de Israel em Belém (ver anexo nº 1) que fornecia o suporte necessário para a chegada e permanência de novos grupos imigrantes judeus. A motivação para a criação desta instituição foi o lamentável caso de dois judeus que morreram em Belém desconhecendo ajuda médica e alimentícia. A existência dessa sociedade da caridade é uma evidência concreta de que os judeus que chegaram à Amazônia no século XX não ficaram desassistidos, além da maioria já possuir parentes e amigos no Brasil, o que levou Benchimol (2005) a afirmar que a imigração judaica foi uma imigração essencialmente familiar.

A organização eficiente da comunidade criou essa instituição de assistência econômica, social e moral que, atuando como uma rede efetivamente proporcionaram contatos, oportunidades e recursos que facilitaram em muito a inserção e o estabelecimento das famílias na nova sociedade. É claro que tais serviços não estiveram disponíveis aos

pioneiros, mas à medida que a comunidade crescia, esforçava-se por acolher o imigrante com orientação, emprego e ajuda assistencial.

Na busca de redesenhar o trajeto da entrada dos judeus no Amazonas, utilizamos os cemitérios como fonte histórica que nos levou a afirmar que as comunidades de Belém, Breves Cametá, Parintins, e Tefé são muito mais antigas do que a comunidade de Manaus. A evidência que temos em relação a essa rota migratória são as sepulturas dos cemitérios judaicos e não judaicos dos municípios de Parintins, Itacoatiara, Tefé, Manaus e Manacapuru, que pertencem a diferentes épocas. Em Manaus, segundo levantamento¹², até o ano de 1927, os judeus eram sepultados no Cemitério Católico São João Batista, porque até então não existia um cemitério judaico. Em Parintins, o primeiro sepultamento de judeu corresponde a 1886¹³, já realizado no cemitério judaico da Praça da Catedral. Tefé é outro município cujo cemitério judaico já existia no final do século XIX, precisamente em 1888.

Outro elemento que merece destaque eram as cerimônias de sepultamentos realizadas no interior, pois os judeus que lá viviam procuravam cumprir os preceitos funerários, mesmo sem a presença de um rabino ou oficiante religioso. Ainda hoje no Museu da Diáspora, existem registros de como os judeus do interior realizavam esta cerimônia. Havia aqueles, preferencialmente os mais velhos, conhecedores dos ritos e dos costumes que se encarregavam de proferir as orações, a purificação do corpo e a vestidura da mortalha, e a cada sepultamento, estes judeus encarregados do rito registravam o nome do indivíduo e de quem ajudou naquela cerimônia.

Estas práticas permaneceram até a década de 60, quando existia um número significativo de famílias no interior. No final da década de 70 esses sepultamentos passaram a ser realizados por membros da sinagoga de Manaus que iam até as cidades para cumprir os procedimentos da lei judaica, uma vez que a maioria das famílias já tinham abandonado os lugares de origem. Em Parintins, Tefé, Itacoatiara e Manacapuru, os sepultamentos se encerraram em início da década de 1980.

Analisando as formas de organização da vida judaica, é importante destacar que embora não tenha existido uma sinagoga nas cidades interioranas, as fundações dos cemitérios nos levam a avaliar que as práticas judaicas eram vivenciadas de forma regular pelas famílias

¹² Levantamento realizado por Benchimol, com ajuda de Zezito Assayag, judeu de Parintins.

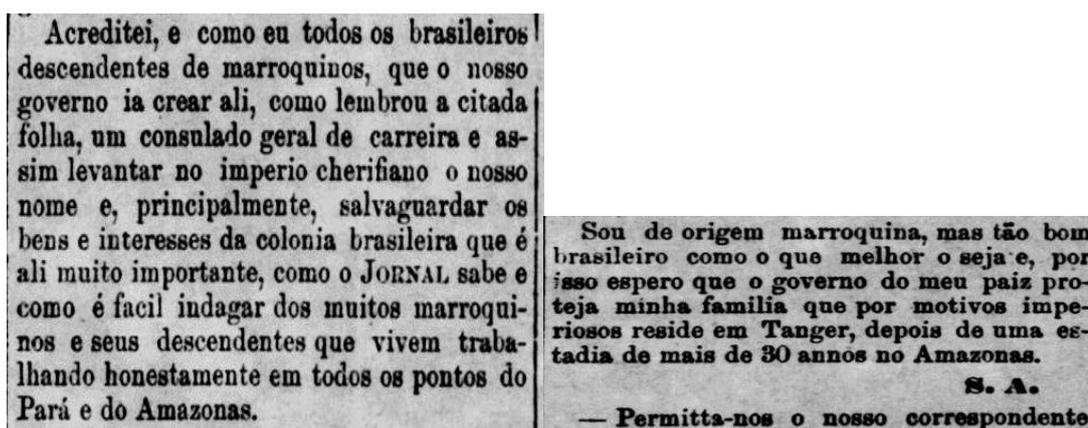
¹³ Sepultamento da Sra. Donna Cohen em 29/04/1886.

que lá residiam uma vez que o cemitério possui uma importância significativa para o judeu que procura dar atenção tanto para a vida como para a morte do sujeito.

Até o final do século XV os judeus mantinham cemitérios particulares, pois suas leis determinavam o sepultamento em terra virgem. Tanto no Brasil, como em outros países aconteceram conflitos provocados por pessoas inconformadas com a existência de cemitérios públicos, vistos como sacrilégio. Com a abertura dos portos em 1808 e a presença de ingleses, muitos deles protestantes, o governo permitiu abrir cemitérios específicos. Mas, apenas na era republicana é que a constituição permitiu a criação de cemitérios laicos.

No Pará encontramos o cemitério judaico mais antigo do Brasil, fundado muito antes da legislação republicana permitir. No Amazonas os cemitérios fundados ainda no século XIX, foram nos municípios de Parintins, e Tefé, que evidenciam de certo modo uma influência dos judeus nas pequenas cidades. Isto por sua vez pode ser explicado por diferentes fatores como a presença expressiva e participativa de judeus na Amazônia, boas relações com os poderes locais, e os lugares de destaque ocupados no mundo do trabalho, considerando que pequenos e médios comerciantes possuem uma importância significativa em lugares de difícil acesso às mercadorias.

Mas estas boas relações não ficavam restritas às pequenas cidades, as vezes chegava às páginas de um dos principais jornais da capital da borracha, como se observa no Jornal do Commercio de 1904 com a seguinte nota: Consulado em Tanger: um pedido justo:



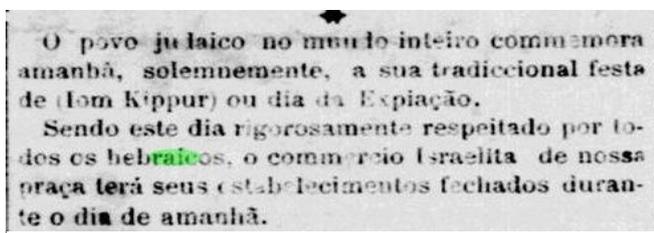
Jornal do Commercio, Anno I, Nº13. Manáos, 12 de Maio de 1904

Como o governo brasileiro havia concluído o preenchimento do Consulado de Iquitos, o autor da nota aproveitou a oportunidade para destacar a necessidade de nomeação de um novo cônsul para representar os interesses brasileiros no Marrocos. E como bem lembrou era de se esperar que o consulado brasileiro preenchesse a vaga de Iquitos, haja vista que os

brasileiros mantinham boas relações com aquela praça, o Peru. Do mesmo modo a justa reclamação era apresentada destacando a presença e participação dos marroquinos na Amazônia, assim como a dupla identidade dos descendentes, que possuíam a origem marroquina e que ao mesmo tempo reivindicavam do governo brasileiro as condições dignas para suas famílias residirem no Marrocos.

Para pedir o que lhes era de direito o descendente destaca o grande valor de seu povo para o estado, especialmente no setor comercial, assim como diz ser fácil indagar a importância da colônia brasileira no Marrocos a partir da presença marroquina na Amazônia. As relações Amazônia e Marrocos são reverberadas e expressas no retorno dos imigrantes marroquinos ao seu país de origem. Pouco se fala sobre esta volta, e se existiu uma significativa comunidade de marroquinos egressos do Brasil como bem sinaliza a nota, é porque houve quem conseguisse retornar depois de uma temporada na Amazônia.

Havia também espaço para outros tipos de notas, como o aviso à clientela do setor comercial que os estabelecimentos judaicos estariam fechados no dia, que segundo as tradições judaicas se lembra do perdão, a festa do Yom Kipur, uma das suas principais do calendário religioso.



Jornal do Commercio, Ano II, nº561, Manáos 08 de Outubro de 1905.

Como se percebe os judeus recebiam, ao menos do Jornal do Commercio uma atenção especial à suas atividades e necessidades. Lembrando que de acordo com Souza (2010), o Jornal do Commercio do Amazonas assumia feições de novo e as novidades eram sempre aventadas como práticas de “civilidade” em oposição aos costumes bárbaros da cultura índia/mestiça/tradicional (p.114). Como o jornal se propunha a ser porta voz do setor comercial, destacando as oscilações do preço da borracha, exportação, circulação de vapores era de se esperar que aqueles que se enquadravam neste perfil, como os judeus daquela praça recebessem algum espaço.

Esta presença e participação dos judeus na esfera social se estendia à vida política, como o exercício de cargos administrativos nas esferas municipais e até cargos de confiança,

resultando em reconhecimento público tanto pelo trabalho que realizavam, quanto pelo próprio prestígio que possuíam naquelas localidades. A imprensa da época nos mostra algumas notas de jornais onde foram postadas homenagens, ou outro tipo de referencia a esses judeus que assumiram cargos nas prefeituras dos interiores.

“Temos recebido muitas felicitações pela publicação do “Parintins”, que tem sido visitado pelos nossos distintos correligionários, dentre os quais notamos: drs: Belém De Figueiredo e Maciel Neves, tenentes coronéis Jayme Baruel, Gonçalves Nina Nunes de Paula, Abraham Serrulha, José Ribeiro e João Salgado, majores Adeudato de Albuquerque, Barbosa de Menezes, Luiz Martins, Francisco Belém. José Guimarães, Capitães Marcos Zagury, Eurípedes Prado”. [...] (**Jornal Parintins**, Parintins 10 de Julho de 1907 [grifo nosso])

O Jornal Parintins fundado pelos integrantes do Partido Republicado Federal, que se caracterizava como um partido de ideologia militarista, pois, defendia a republica para os militares passou a ser um veículo importante de correspondência na primeira década do século XX em Parintins. O líder do Partido era o então coronel Fortunato Belém que posteriormente tornou-se superintendente municipal. Dentre os correligionários do partido Republicano que elogiavam o Jornal há alguns importantes judeus como os tenentes coronéis Jayme Baruel, Abraham Serrulha, João Salgado e o capitão Marcos Zagury.

A própria profissão de alguns judeus contribuía para o prestígio que possuíam junto à sociedade. Um exemplo de como que essas relações de prestígio e reconhecimento são forjadas também em decorrência da função que o individuo realiza na sociedade foi tirado da *matzeivá* (lápide) de uma sepultura judaica (figura 01), que se referia a um desses judeus que assinaram a nota do Jornal Parintins e que posteriormente ocupou o cargo de promotor público no município de Parintins:



Figura 01: Pedra Tumular de Marcos Zagury. Parintins-Am.

Fonte: Almeida 2011

O homicídio que envolve o promotor Marcos Zagury é um dos casos mais emblemáticos existentes na memória da população parintinense, pois a figura do promotor passou a ser lembrada como sinônimo de justiça e integridade. A leitura da inscrição tumular sugere e reforça esta ideia de quem cumpriu sua função com grande honradez, fazendo-se vítima da sua própria retidão. Esse discurso foi cristalizado pelo poder público com uma homenagem realizada à memória do promotor que passou a ser nome do tribunal do júri do fórum de justiça de Parintins.

Na literatura existem duas interpretações para o fato, uma descrita por Samuel Benchimol (2008) no *Eretz Amazônia* onde aponta o português por nome Ladislau Lourenço de Souza como o mandante do crime; e a outra versão, descrita pelo cronista local Tonzinho Saünier (2003) que associa o crime aos mesmos assassinos apontados por Benchimol (2008), mas, assegura razões diferentes.

Para Benchimol, o assassinato do promotor constituiu-se numa tentativa de ocultar um homicídio anterior cometido a mando do português Ladislau a um dos seus trabalhadores. Já Saünier, coloca o crime como consequência de uma rebelião de presos vítima de maus tratos da autoridade do promotor, sem mencionar a ação de um mandante.

Não se sabe ao certo quais as razões do homicídio, pois o inquérito não chegou ao final, mas segundo as principais versões da literatura não foi uma morte motivada por preconceito ou antissemitismo. Ficou a repercussão do acontecido na memória da população,

seja para aqueles que testemunharam o fato, ou para os que ouviram falar da história do promotor Marcos Zagury, que ainda hoje é lembrado com muito respeito e admiração por aqueles que lá vivem.

Existiram também judeus inseridos ativamente na vida política e assumindo cargos políticos importantes. Em 1890 Afuá elegeu um vereador judeu Mosés Afatlo, na década de 30, o judeu Eliezer Moyses Levy, da terceira geração foi por duas vezes prefeito de Macapá, entre o período de 1932-1935; 1937 e 1942-1944, e no Amazonas, temos José Perez, que governou o município de Itacoatiara como prefeito entre o período de 1926 a 1930.

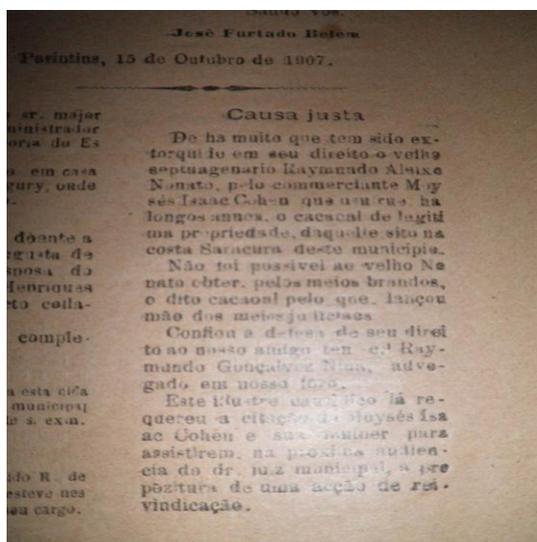
Neste sentido entendemos que alguns judeus ocupavam lugares de destaque, tornando-se “homens de bem”, dignos de respeito admiração e honrarias do estado, enquanto que outros judeus não muito afortunados apareciam nas páginas de jornal de outros modos, mesclando-se numa zona de força e poder, que variava de acordo com as situações econômicas, sociais e políticas, que definiam alianças e antagonismos existentes. Exemplo disso é uma nota da delegacia fiscal acusando algumas empresas judaicas de Manacapuru de sonegação de impostos sobre os produtos que importavam:

Por telegrama do ministro da fazenda, hontem recebido e transmitido a Alfandega, foi prorrogado, até 19 do corrente, o prazo marcado pelo regulamento de 21 de dezembro ultimo, para o registro do comercio de mercadorias sujeito a impostos de consumo:- Por despacho daquela repartição também de hontem foram considerados procedentes os auto de infração dos regulamentos dos impostos do consumo, bebidas e especialidades pharmacêuticas apresentados a mesma repartição pelo fiscal de Manacapuru, sendo multados os comerciantes: Abraham Carlos, Jayme Carlos, Luiz José de Farias, Ananias Bensimon, Salomão J. Zagury, Fortunato Abecassiz de Farias e Euclides da Rocha Lima. [grifo nosso] (Jornal: **O diário de notícias**, 13 de março de 1900).

As multas sobre estes comerciantes contrastam com a nota de homenagem ao promotor público de Parintins, pois esta ultima vincula-se as estratégias criadas pelos imigrantes para sobreviver a uma sociedade onde as perspectivas comerciais eram difíceis devido à concorrência de muitos outros grupos. Sonegar impostos, despistar a fiscalização e burlar a ordem vigente constituíam-se em formas alternativas encontradas por estes comerciantes de manter-se numa praça competitiva onde os produtos estrangeiros ganhavam a cada dia o gosto da clientela preocupada em se equiparar ao requinte a moda europeia.

Em outro jornal, encontramos uma nota referente a uma disputa judicial que envolvia um comerciante judeu, e um português. A disputa teria ocorrido devido ao uso de um cacaual pertencente ao sr. Nonato Aleixo que supostamente alugou a Moyses Cohen, que havia se recusado a lhe oferecer qualquer lucro proveniente dessas terras, levando o sr. Nonato a fazer uso de meios judiciais para retomar não apenas o terreno, mas os rendimentos procedentes do cacaual. Conflitos dessa natureza eram comuns devido a grande parte dos judeus se destinarem ao setor extrativista, e em alguns casos, por não possuírem terras optavam pelos alugueis e arrendamentos, gerando uma serie de disputas em torno do espaço da produção e do comércio.

É importante frisar que ao chegar no Amazonas, os judeus passaram a dividir o extrativismo com os portugueses, que praticavam essa atividade desde o período colonial. A quebra desse monopólio gerou uma tensão por parte dos dois grupos envolvidos que criaram mecanismos de defesa e ataque público. Os portugueses mesmo fazendo uso de uma estrutura bastante favorável, haja vista que possuíam muitas propriedades rurais e trabalhadores, não deixavam de manifestar seu descontentamento em relação ao judeu, fazendo uso inclusive da imprensa local para expressar sua opinião sobre os negócios envolvendo judeus.



Fonte: Jornal Parintins nº 10, 06 outubro de 1907.

Um segundo exemplo foi retirado do Jornal: Diário de Notícias, notificando um protesto realizado por uma empresa portuguesa Darlindo Rocha & Companhia a um negócio hipotecário em Tefé/AM, onde a empresa de judeus Cohen e Companhia estaria hipotecando um seringal da região conhecido como Juanico a outro empresário judeu por nome de Fortunato Laredo. A justificativa do referido protesto estaria no fato da empresa Cohen estar

em dívida com a empresa Darlindo e Comp., o que comprometeria a hipoteca, sem que houvesse o pagamento da dívida anterior. A acusação recaiu principalmente sobre um judeu que estaria recebendo o imóvel como garantia de dívidas e assim executado no cartório de Tefé um título hipotecário, ilegal sobre o mesmo seringal.

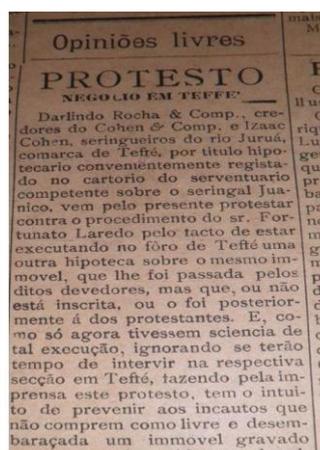


Figura 02- Diário de Notícias 09/01/1900

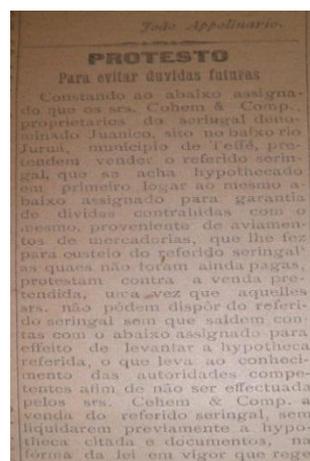


Figura 03- Diário de Notícias 16/03/1900

Fazendo uso do mesmo veículo, o Sr. Fortunado Laredo enviou ao jornal uma nota em resposta ao acontecido, declarando nada estar fazendo que viesse infligir as leis de hipoteca, e reitera a dívida que a empresa Cohen possuía com Darlindo Rocha & Companhia afirmando que o imóvel só poderia ser comprado após a resolução desta situação. Esclarece também que a Companhia Cohen se endividou por causa do aviamento de mercadorias para a manutenção do seringal Juanico. A resposta do sr. Laredo ao jornal se intitulava: “para evitar duvidas futuras” e procurava antes de tudo defender sua integridade moral, por se tratar de um influente empresário de Tefé.

Como se pode notar, os conflitos e disputas giravam em torno não apenas de judeus e portugueses, mas de toda uma elite que usufruía do extrativismo, das redes comerciais, políticas e que incluía o outro judeu, uma vez que o interesse, ao menos no nosso trabalho, não é apenas na sua condição do judeu, enquanto membro de um grupo religioso, mas na sua condição de sujeito histórico, capaz de assumir posicionamentos e posturas que fogem de pré-conceitos estabelecidos.

2.2- Judeus: organizações e formas de vida

Apenas no final dos anos 20 do século XX é que aparecem evidências da Organização da Comunidade Judaica em Manaus, seja pela criação da Sinagoga, pelo Comitê Israelita, ou pelo cemitério judaico, enquanto que no interior, algumas dessas formas de organização comunitária existem desde o fim do século XIX.

Mesmo não havendo nenhum clube judaico, como A hebraica de Manaus, ou o Clube Azul e Branco de Belém, as comunidades do interior não deixavam de congregar seus membros, pois as casas também eram utilizadas para essa finalidade, como nos mostra dona Júlia ao descrever as reuniões de família, familiares e amigos:

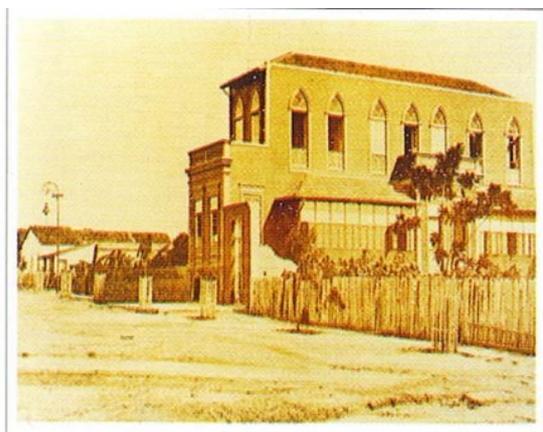
O *yom kipur*, a casa enchia de gente, e enchia de gente até de católicos que acreditavam, amigos muito próximos que conheciam os princípios da religião. Na hora do *shofar*, aquele toque do chifre do carneiro, naquela hora, uma hora assim muito... muitos faziam até jejum, ficavam lá na minha casa. Eu me lembro disso, eu era criança, mas eu me lembro da casa toda limpa, toda bonita, naquela época não tinha muita luz. [...]Tinha muita comida, até hoje eu faço era o ponto de encontro da família. (Julia Cohen 2011)

Longe de ser um encontro fechado, as reuniões familiares, como as que ocorriam em Parintins, até às de caráter puramente religioso, contavam com a presença de amigos não judeus, como aqueles que professavam o catolicismo e eram simpatizantes do judaísmo. Estas trocas simbólicas foram importantes no processo de ampliação e sedimentação das relações sociais do grupo com os amigos vizinhos. Como o judaísmo era vivenciado em família, era natural que tivesse esta natureza agregadora, ao contrário do judaísmo praticado por instituições mais fechadas como é o caso da sinagoga e dos grupos que tem como base não uma família, mas uma comunidade maior organizada. O clube A hebraica de Manaus, é um exemplo desse processo afunilamento das relações comunitárias.

O comitê Israelita, também é outra instituição que só foi criado na década de 20, do século passado que representa um momento de estruturação institucional da comunidade de Manaus. Apesar do caráter administrativo que lhe é conferido, o Comitê desempenha o papel de uma instituição que procura preservar os vestígios da vida judaica fazendo uso da memória coletiva para sustentação das representações do judaísmo amazônico. No comitê existe o registro de toda comunidade, de judeus e filhos de judeus, casamentos, batizados, bar mitza, brit milat, e outros, e simboliza a instituição que desempenha a função de porta voz da comunidade junto a sociedade local.

O comitê israelita tornou-se o grande guardião da memória judaica no Amazonas, uma vez que passou a arquivar documentos que se configuram em longo prazo em “objetos de memória”. Apesar de não conservarem registros mais antigos, especialmente referentes ao recorte de nossa pesquisa, a diretoria do Comitê adotou como meta a conservação de toda documentação existente projetando futuramente a criação de um museu e de um legado histórico para as futuras gerações de judeus amazonenses. Nesse aspecto, entender que a memória se forja num espaço de contradições, é a condição necessária para o questionamento a cerca da construção dessa memória, ou seja, quais os elementos que são preservados e quais os elementos suprimidos dessa memória oficial.

A sinagoga, *Beit Knesset* que corresponde ao espaço em que os judeus se reúnem e realizam as praticas religiosas, como casamentos, batizados e orações, tem o papel não apenas instrutivo, mas principalmente congregativo, pois representa o lugar onde o judeu compartilha suas experiências religiosas e sociais. No Amazonas, a primeira sinagoga foi construída durante a década de 20, quando obteve um prédio próprio, mas já funcionava desde as primeiras décadas do século XX, em prédios alugados. A inauguração dessa sinagoga representou na vida daquela comunidade uma conquista muito importante, uma vez que as comunidades do Amazonas dependiam diretamente do Pará ou de outros lugares para suprir a carência de líderes religiosos para realização das atividades cerimoniais. No século XX houve inclusive um judeu enviado do Marrocos à Manaus para observar a procedência dos judeus amazônicos, julgando que distantes poderiam deixar de cumprir os preceitos judaicos, o que torna a sinagoga de Manaus um símbolo de autonomia e amadurecimento da comunidade do local.



Antiga Esnoga Beth Yaacov, na Praça da Saudade, uma das primeiras de Manaus, fundada em 1925 e que passou a funcionar com sede própria em 1937.



Interior da antiga Esnoga Beth Yaacov (1925)

Figura 04. Fonte: Arquivo Histórico Judaico Brasileiro- AHJB

Figura 05. IDEM

Nos interiores onde a comunicação era mais difícil de chegar a vida judaica ganhou uma nova feitura, que está ligada as ressignificações e invenções de aspectos da tradição, seja na preparação das festas e cerimônias religiosas, ou em outros aspectos sociais, como casamentos mistos, na participação em festas dos santos católicos, nos carnavais festivos e demais atividades locais. A sinagoga dos judeus que viviam no interior era a própria casa, que tinha a função de lar e templo religioso. Segundo nossas fontes orais existiam famílias que possuíam um papel central na vida da comunidade, como é o caso da família Cohen em Parintins, que reunia judeus de toda comunidade para celebrações religiosas.

E tinham muitas famílias em Parintins, se você olhar o cemitério vai ver muitos sobrenomes, isso significa que tinham muitas famílias lá. E nas nossas páscoas, feriados religiosos, agente fazi, a nossa casa era o..., porque era muito grande né, eram salas enormes e ali a gente se reunia. O pessoal ia pra lá pra rezar, meus tios sabiam, rezar, sabiam rezar porque tinham os livros sagrados e era tudo em hebraico, e os meninos principalmente antes de fazer o *bar mitza*, a maioria religiosa, eles tinham que aprender a ler em hebraico. (Júlia Cohen, 2011)

O relato da família Cohen, evidencia as formas de associações comunitárias que eram desenvolvidas a fim de vivenciar as práticas judaicas. A família escolhida para servir de sede do grupo, era conhecedora da lei, dos costumes, dos livros sagrados e principalmente da língua hebraica, que aparece na fala da sra. Júlia como a condição fundamental para saber rezar, que significa conhecer as orações, preces e cantos judaicos. Vale destacar, que o sobrenome Cohen, dentro da linguagem religiosa simboliza um nome sagrado, pois corresponde ao sacerdócio do templo de Salomão. O lugar também é um outro fator que merece destaque, uma vez que Parintins na década de 50, contava com pouco mais de 10 mil habitantes, e as casas da família Cohen (figura 06) localizadas na frente da cidade, eram consideradas lugares centrais e que contavam com uma excelente infraestrutura .



Figura 06: Casa da Família Cohen.

Fonte: Almeida (acervo pessoal), Fevereiro de 2012.

Além das casas existia em Parintins um clube recreativo fundado por um judeu com o intuito de congregar jovens da sociedade parintinense, conforme aponta o jornal Parintins de 10 de julho de 1907 (ver anexo de nº 2). Esse clube promovia apresentações teatrais e aparece como uma iniciativa da elite local em reunir a juventude em atividades artísticas e culturais.

Devido a iniciativa do sr. capitão Moises Baruel, congregaram se diversos rapazes da nossa sociedade para o fim de como ama fores crearem um clube teatral. Antes da fundação do clube e como experiência improvisaram uma representação levando a scena no dia 11 do corrente a comedia denominada “A Catarata”. [...] No dia 14 do corrente discutidos e aprovados os estatutos do clube foi aclamada a direção que ficou composta dos seguintes cidadãos: presidente, capitão Moyses Baruel; secretario, major Manoel Consolação; thezº, Antônio M. Campos; directores, Abraham Assayag, Joaquim Meirelles, Jacob Garcia e José Zagury. (Jornal: Parintins,)

Havia ali a presença de inúmeras famílias representadas nesse clube, e considerado um dos primeiros grupos institucionalizado a desenvolver atividades culturais. A ideia do judeu ortodoxo como um sujeito isolado, no seu próprio mundo, que muitas vezes é sustentado por algumas visões existentes, cedeu lugar a uma nova visão de um sujeito socializador, que consegue estabelecer conexões com vários outros grupos, compondo uma rede de negociações de identidades. Como se vê, a vida dos judeus era bastante integrada junto à comunidade parintinense, e suas casas eram espaços de grande circulação de judeus e não judeus. Isso, porém, não anula conflitos inerentes a posturas ideológicas, políticas, religiosas e sociais que varia de acordo com o grupo e a formação de cada indivíduo.

Além dessas formas de organização, existiram também àquelas que funcionavam como meio de atingir determinados fins lucrativos, associadas, quase sempre, às redes de trabalho. A maçonaria é um exemplo dessas organizações, pois tornou-se um meio utilizado para o fortalecimento do comércio local. Ligada às confrarias místicas medievais, a maçonaria tem um caráter filantrópico, fechada e organizada por homens que se ajudam mutuamente em suas necessidades. Em Parintins, a Loja Maçônica União, Paz e Trabalho, fundada em 1903 por iniciativa de comerciantes judeus e portugueses buscava estabelecer conexões entre os diversos ramos do comércio através da união dos representantes dos principais pontos comerciais do município.

Existia em Parintins, um grupo de estrangeiros de diversas nacionalidades, inclusive o João Novo que era de Portugal, pai desse João Novo que morreu por último, os Ninna Maranhão, era fundador, o Jayme Baruel (judeu) foi o primeiro

venerável da loja, o venerável presidente. O Alberto Mendes, avó do Lico Mendes também judeu foi um dos fundadores. (Benedito Manso 2011)

Na cidade de Manacapuru, o prédio da maçonaria remonta ao ano de 1889, sendo o mais antigo do lugar, provavelmente concebido pelo construtor de origem semita Benedito Caggy e edificado com a contribuição de prósperos comerciantes de origem árabe, judaica e lusitana, todos maçons. (ANTONIO, A; NOGUEIRA, R. p.35)

Seja por meio da narrativa oral, ou pela fala de um memorialista local, é possível identificar a origem de grupos judeus envolvidos nas fundações de duas importantes (do ponto de vista regional) maçonarias. O que nos chama atenção é a conjunção de diferentes grupos em torno da maçonaria, pois como já foi destacado, o comércio na Amazônia foi disputado acirradamente por judeus e portugueses. Se em alguns momentos, houve discordâncias e conflitos por parte desses dois grupos étnicos, em outros, como foi o caso da maçonaria, ambos tiveram que reunir suas forças em prol de objetivos comuns, ou seja, proteger seus negócios.

A terceira geração que viveu nos interiores possuía pequenas vendas e comércios abastecidos de utensílios e estivas em geral. Nesses vilarejos e povoados, esse pequeno comércio era considerado desenvolvido, pois esses comerciantes disponibilizavam de uma variedade de produtos a fim de atrair a clientela:

Lá ele tinha um bar, e o papai vendia... Na verdade o papai vendia tudo, vendia roupa, vendia sapato, vendia óculos. Dr. Jacó diz que ele foi o Primeiro oftalmologista de Parintins, ele vendia óculos, o óculo tinha um numerzinho aqui, e o caboclo chegava lá e ele dizia: - Experimenta o um, experimenta o dois, o qual servisse e naquele tempo né? Ele era comerciante e pecuarista, ele foi o primeiro associado da associação dos pecuaristas. (Simão Assayag)

O comércio tornou-se um lugar de memória, presente no imaginário popular que associa a presença do grupo às suas casas comerciais. O lugar de memória é descrito por Pierre Nora (1997) como símbolos ligados ao passado que marca a presença e reforça traços identitários do lugar. Na imagem abaixo (figura 07), temos um dos estabelecimentos comerciais mais importantes do município de Parintins, existente até fins da década de 80, lembrado por muitos moradores como o comércio de maior sortimento da região.



Antiga Casa Ideal, pertencente à família Mendes. Parintins-AM. Fonte: Acervo da Família Esteves

Isto, porém, não significa que todos os judeus eram comerciantes, ou que esse era único meio de subsistência, uma vez que as histórias de vida, mostradas no nosso próximo capítulo, e a nossa documentação nos permite visualizar inúmeros caminhos que percorreram as gerações do judaísmo amazônico. Analisar as profissões vinculadas à questão geracional amplia nossa compreensão sobre os judeus e o mundo do trabalho, pois a cada geração se tem novas demandas, novas profissões e novas formas de trabalho que redefinem a identidade do trabalhador e conseqüentemente do grupo social.

Os primeiros imigrantes judeus trabalhavam como regatão, comprando e vendendo produtos nos mais distantes lugares, viviam do escambo e extrativismo, usufruindo das possibilidades econômicas daquele contexto. A segunda fase, correspondente ao período em que a borracha estava em processo de expansão, e alguns imigrantes passaram a trabalhar com aviamento do látex ou investiram em armazéns e lojas comerciais, o que não significa que a rigor todos os imigrantes exerceram tais atividades. A terceira geração herdeira de uma Amazônia que viveu sua belle époque e que posteriormente vivenciou uma pós-crise assumiu além dessas atividades, novos papéis profissionais, conferindo aos judeus novas identidades, no que concerne a sua forma de trabalho.

A associação que melhor representou grupo comercial seringalista foi a Associação Comercial do Amazonas- ACA fundada em 14 de junho de 1871, para salvaguardar as empresas aviadoras de látex, além de tornar-se um meio de difusão dos grupos comerciais de Manaus, que publicavam mensalmente uma revista com informações da economia regional e mundial, que trazia cambio de diversos produtos, estimativas de juros, preços e etc. É claro que essa associação não era exclusivamente judaica, e nem todos os judeus comerciantes eram sócios, uma vez que estamos nos referindo apenas aos “grandes” donos de armazéns, empórios e aviadores. Os pequenos comerciantes e regatões criaram outras estratégias

comerciais, que não foram documentadas, mas que recorrentemente aparece na memória de moradores dos mais distintos rincões da Amazônia.

No interior como já citado, a maçonaria tornou-se uma forma de organização e defesa comercial, fundada pelos grupos que dividiam e disputavam os mercados locais. O interessante é como esta prática, com fins exclusivamente comerciais e política sustentou estereótipos e preconceitos no imaginário social, uma vez que por se tratar de uma sociedade secreta, a maior parte da população não possuía muita clareza da sua natureza, deixando espaço para mitos, ocultismos e conspiracionismo que em várias ocasiões da história desencadeou discursos e práticas de demonização dos judeus¹⁴.

Infelizmente, estereótipos acerca de judeus são recorrentes na história deste grupo, inclusive, por parte daqueles que se propõe a escrever sobre judeus e judaísmo. Do ponto de vista literário há sempre uma investida em associar o judeu ao ramo comercial, e na borracha como principal atrativo do fenômeno migratório. No entanto, não podemos ignorar que as formas de trabalho aqui empreendidas fluuavam entre o setor mercantil e contábilístico, e que os indivíduos que aqui chegavam faziam uso das possibilidades que existiam.

Alguns trabalhos recentes explicam que a exclusividade do comércio na vida judaica durante a era cristã pode ser entendido não como uma habilidade inata, mas como uma necessidade, já que o grupo sofreu durante vários períodos como a discriminação e o preconceito¹⁵. Na Idade Média, o comerciante não era visto com bons olhos devido a condenação ao lucro, ou usura, e apenas algumas atividades profissionais eram valorizadas pela igreja. Logo, os judeus eram excluídos das profissões de pedreiro, carpinteiro, agricultor, restando-lhes apenas as profissões liberais, como a de comerciante, mascate e mais tarde os negócios financeiros.

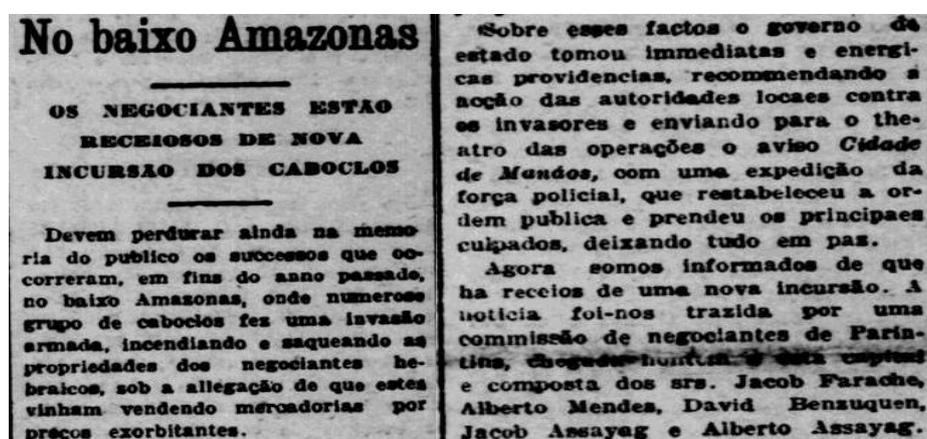
Na Amazônia, além das motivações de ordem sociais que impulsionaram a imigração, existiam também as possibilidades econômicas surgidas com a exploração da

¹⁴ - O complô judaico é, segundo Girardet (1987) uma das três grandes narrativas do complô elaboradas entre o final do século XVIII e início do século XX, quando foi editado pela primeira vez o livro “O protocolo dos Sábios de Sião”. Esse livro, forjado pela polícia política do regime czarista, foi rapidamente incorporado como arma de propaganda antissoviética e anti-bolchevique nos anos 1920 e 1930. Os nacional-socialistas alemães transformam-no numa “prova irrefutável” de que os judeus são uma ameaça mundial ao mundo ocidental e a obra ainda hoje é reeditada em várias línguas e utilizada como uma espúria prova da existência de um complô judaico internacional.

¹⁵ Na era crista a perseguição aos judeus era justificada pela traição de Judas Iscariotes a Jesus, a quem tinha sido discípulo. Assim, os judeus sempre foram vistos como responsáveis pela morte de Jesus e considerados um povo não confiável.

borracha que favoreceu a introdução desses judeus no ramo comercial extrativista. Isso, porém não significa que os judeus do Amazonas passaram gerações vivendo do comércio, e nem aqui pretendemos reificar o discurso de que existe no judeu uma habilidade natural para o comércio, mas entender que cada geração desenvolve formas de especialização funcional, e que essa especialização pode ser atribuída ao vazio existente na estrutura econômica, que foram rapidamente preenchidos pelos membros da etnia através da ajuda mútua. Lembrando que a rigor a imigração judaica se constituiu numa imigração familiar, as profissões também são partes do processo de socialização implementadas pelos imigrantes. Esta socialização ocorreu através de formas de ajuda mútua praticadas na colônia que induziram os beneficiários a manter e desenvolver sua permanência no ramo comercial.

As relações de judeus e comunidade se desenvolveram em diferentes direções, que garantiram a construção de uma experiência histórica plural. Estas relações vivenciadas em instituições e lugares de memória, onde os judeus disputavam e negociavam suas identidades também foi atravessada por inseguranças e conflitos, como foi o caso dos negociantes judeus do baixo Amazonas que foram até a capital do estado pedir ao chefe de polícia segurança para seus comércios.



Jornal do Commercio, Anno XVIII- nº 6.182, Manáos 13 de Julho de 1921.

Estes conflitos ligados ao banditismo ocorreram em meados de dezembro de 1920 quando o Paraná do Ramos, Limão e Lago de Urucurituba foram alvos de saques e pilhagem. Entre os presos responsáveis pelo crime divulgados no Jornal do Commercio na matéria de 21 de janeiro de 1921 (Ano XVIII, nº 6.020) estavam dois nordestinos: Manoel de Araújo Lima, natural do Ceará e José Pereira dos Santos natural do Piauí. Este acontecimento criou um ambiente de insegurança para estes comerciantes que atuavam nesta região, pois, aqueles que tiveram suas casas saqueadas nos municípios de Maués e Barreirinha manifestaram o desejo

de exercer seu comércio em Parintins, receosos de novos ataques. Mas, o que a matéria de julho do mesmo ano apresentou foi que a situação não estava resolvida por completo, haja vista que a insegurança começou a pairar sobre Parintins, que era considerada uma cidade de médio porte.

Todavia, há um elemento novo no título da matéria “*Negociantes estão receosos de nova incursão de caboclos*”. O termo caboclo que destaca o contingente étnico indígena presente na população local, e faz referência àquele que é da terra, passou a ser colocado como possível suspeita. O interessante é que dentre os presos capturados neste episódio nenhum era nativo, mas naquele contexto segundo consta depoimento do sr. Farache ao jornal “os cabecilhas andam aliciando secretamente os caboclos inexperientes da região do baixo Amazonas” (Jornal do Commercio, 13 de Julho de 1921). Ademais as motivações dos possíveis atentados estariam na venda de produtos a preços abusivos, sobre o qual o sr. Farache também se manifesta:

Acrescentou que os negociantes hebraicos não exploram os caboclos daquela zona. As suas mercadorias são vendidas por preços razoáveis, acontecendo que muitos são ludibriados pelos fregueses, que recebendo, às vezes gênero a crédito, não satisfazem as suas dividas. (Jornal do Commercio, Anno XVIII- nº 6.182, Manãos 13 de Julho de 1921)

O objetivo do jornal era destacar a situação de insegurança dos judeus e de como era necessário mais uma vez que o poder público atuasse através da polícia. No entanto, estes personagens apresentados ainda que indiretamente pela imprensa mostram como estas relações eram complexas e que também entravam em desgaste. Os caboclos são tidos como aliciados e equivocados, uma vez que entre eles e os comerciantes judeus existia o freguês, que comprava mercadorias dos judeus para comercializar com o trabalhador em troca de diária de trabalho e produtos extrativistas.

2.3- O cotidiano judaico na imprensa israelita

A imprensa israelita na região norte, tem seu marco na primeira metade do século XX, quando o então capitão Major Eliezer Levy criou no Estado do Pará um jornal local intitulado Kol Israel (A voz de Israel). Esse jornal de âmbito local entrou em circulação em 08

de dezembro de 1918¹⁶ e trazia informações, da comunidade judaico-paraense, das comunidades espalhadas por diversas regiões do Brasil e do mundo, servindo assim de divulgação dos ideais sionistas, que começava a se fazer presente no Brasil.

O sionismo pode ser compreendido como um movimento político e ideológico que surgiu no final do século XIX, preconizado por Theodor Herzl¹⁷. O objetivo fundamental do sionismo era o retorno do povo judeu à sua terra, uma vez que o povo hebreu sobreviveu às conquistas, exílios e dispersão, mantendo-os marginalizados e unidos, inspirados pela lembrança da sua antiga soberania. No final do século XIX, o povo judeu iniciou o seu retorno, que culminou na criação do Estado de Israel em 1948, cumprindo um desejo com dois milênios de antiguidade. O sionismo, defendido por Theodor Herzl, assim como por alguns judeus do Leste Europeu e da Europa ocidental, propunha a criação de um Estado nacional para solucionar o antissemitismo que atingia muitos judeus no mundo todo. Mas, vale ressaltar, que as ideias de Theodor Hertzl extrapolavam a criação de um estado nacional (...). Essas motivações subjacentes ao ideário nacionalista provocaram recentemente, a partir do trabalho do historiador, Shlomo Sand (2008) novas interpretações acerca do sionismo.

Segundo a literatura, a nação judaica existe desde que Moisés recebeu as tábuas da lei no Monte Sinai. Com a presença de um líder enviado por Deus, este povo deixou o Egito para conquistar a Terra Santa, e por duas vezes sofreu com o exílio. Todavia, o exílio não foi o bastante para assimilação ou integração dos gentios ao seu seio, fazendo com que a nação judaica conservasse sua ancestralidade e a fidelidade a esta terra. Este passado extraordinário, diferente de qualquer outro povo, reforça a legitimidade da posse da terra pelos judeus.

Segundo Shlomo Sand no seu livro *A Invenção do povo judeu (2008)*, a historiografia sionista possui um caráter mitológico e para desmistificar este mito, o autor nos conta a história de uma minoria religiosa e do seu credo oscilando entre o proselitismo e a conversão, sujeita às mesmas forças sociais que afetam qualquer outra minoria religiosa. Para iniciar, Sand (2008) aponta que a prática do proselitismo, que atualmente ainda é rejeitado pelo judaísmo, foi um dos motivos que levou a população a crescer em tão larga escala no mundo antigo.

¹⁶ - Informação extraída do artigo: FALBEL, Nachman. **As muitas histórias do major Eliezer Levy**. Revista Amazônia Judaica. Ano 3 nº6. Edição: Chanucá.

¹⁷ Foi um jornalista judeu austríaco que se tornou fundador do moderno sionismo político. Em 1896, publicou seu famoso livro intitulado: “O Estado Judaico”, livro considerado o ponto de partida do movimento sionista.

As explicações que incluem apenas as migrações e o crescimento natural das famílias não são suficientes, pois, o judaísmo antigo não era de forma alguma exclusivo, pelo contrário, era tão propenso a propagar-se como o cristianismo e o Islão que aceitam e praticam as conversões. Mas, assim como praticavam o proselitismo esses judeus aderiram a diversas outras religiões como o cristianismo e o islamismo. Esta tese era bem recebida na Universidade Hebraica, até 1965, antes da guerra de 1967 e do endurecimento do etnocentrismo em Israel e posteriormente nas comunidades judaicas do mundo ocidental.

A ideologia de um povo único sem igual herdeiro de uma tradição religiosa e cultural, levaram a invenção de um povo. Para tanto, foi necessário segundo Sand (2008), omitir fatos e criar um imaginário histórico que pudesse ser compartilhado e guardado por todos. Mas, classificar o sionismo como sistemas ideológicos não significa deixar de lado seu viés cultural, pois não podemos compreender as nações e o nacionalismo apenas como uma ideologia ou forma de política. Devemos considerá-lo também como um fenômeno cultural, pois, o nacionalismo, enquanto ideologia e movimento, deve ser relacionado com identidade nacional, um conceito multidimensional e alargado de cultura, que inclui o sentimento de pertença, simbolismo e linguagem e política .

Afinal, se a motivação política foi preponderante e decisiva, não podemos ignorar o sentimento de identidade alimentado pelo nacionalismo que produziu efeitos concretos na vida de muitos judeus no mundo todo. Se houve resistência por parte de alguns que não se sentiam vinculados a Terra Santa, houve quem aderisse a essas ideias com mais facilidade, seja por vivenciar situações de perseguição, ou por medo de se encontrar em situação semelhante aos refugiados, ou até mesmo pelo sentimento de coletividade e solidariedade.

A historiografia, especialmente os estudos do historiador Nachman Falbel, apontam como marco tanto do sionismo como da imprensa sionista no Brasil, o jornal A Columna de David Perez publicado em 1916. No entanto, existem registros que corroboram com a tese de que o movimento se deu numa ordem contrária, ou seja, ao invés do sul ganhar o estatuto de embrião do sionismo e da imprensa sionista, foi no norte, que o primeiro grupo migratório de judeus do Brasil, iniciou e desenvolveu tais formas de organização comunitária. Samuel Malamud (1983) ativista veterano do sionismo brasileiro, soube dizer que "a semente sionista havia sido lançada ainda no início do século por um grupo de judeus sefaraditas radicados em Belém do Pará. Este grupo manteve correspondência com vários líderes do movimento sionista mundial, incluindo Max Nordau" (p. 25).

Mesmo antes da existência da imprensa judaica, já existia uma movimentação em apoio aos ideais sionistas por alguns sefarditas de Manicoré, interior do Amazonas. Em março de 1901, em resposta a um apelo feito pelo movimento sionista aos judeus dispersos pelo mundo, a Sociedade Beneficente Israelita de Manicoré, denominada "Shebet-Ahim", realizou uma doação de 150 francos ao fundo sionista, manifestando apreço e admiração a causa. Esta identificação estimulou até a criação de uma agremiação sionista, Ohabe Sion, sob a presidência de Moysés Cohen e identificada como a primeira do Brasil. No ano seguinte, os donativos para o fundo nacional tiveram um aumento significativo de 150 para 239,95 francos, conforme informou Moysés Cohen a Max Nordau¹⁸, este último, foi colaborador de Theodor Hertzl e co-fundador da Organização Sionista Internacional¹⁹. Tanto pelas cartas enviadas a Viena, quanto pelo memorialista Malamud (1983), é possível identificar que os judeus da região norte encontravam-se atentos e integrados ao movimento sionista internacional, bem como aos desdobramentos surgidos a partir desta luta política e ideológica.

Essa aproximação entre judeus amazônicos e os líderes sionistas internacionais, também fora possível devido a iniciativa de David José Perez, que é considerado um dos pioneiros da imprensa judaica no Brasil, fundador do jornal israelita editado em língua portuguesa A Columna de 1916. Em 1905, o jovem de apenas 22 anos escreveu uma carta²⁰ a Max Nordau, perguntando o que era necessário para atuar no movimento sionista. O destaque dado ao fato de David José Perez escrever uma carta a Viena é importante na medida em que este judeu viveu no estado do Amazonas antes de mudar-se para o Rio de Janeiro e iniciar sua carreira de escritor, jornalista e professor, o que tudo indica que o Amazonas foi o celeiro para as ideias de David Perez.

Infelizmente, com exceção do trabalho de Malamud (1983), as cartas mencionadas neste texto não se encontram a nossa disposição para realização de uma análise mais fecunda. Todavia o artigo do pesquisador Avraham Milgran, bem como as fontes por ele elencadas, já nos serve de indicativo para novas possibilidades de análise. Inclusive, acreditamos que as

¹⁸ - Max Nordau, filósofo, escritor, orador e médico redigiu a programação da Basiléia no 1º Congresso Sionista naquela cidade, em agosto de 1897.

¹⁹ A carta de Moysés Cohen enviada a Max Nordau encontra-se em Jerusalém no Arquivo Sionista Central. Não tivemos acesso ao conteúdo da carta, apenas a alguns fragmentos encontrados no artigo de: MILGRAN, Avraham. **O proto-sionismo no Brasil no início do século XX-1995**. Disponível no <http://icjbs.com.br/arquivos>

²⁰ Este documento também se encontra em Jerusalém no Arquivo Histórico Judaico.

conclusões de Falbel, em relação ao início do sionismo e da imprensa, são consequências do desconhecimento e da dificuldade de acesso a estas fontes.

Os judeus da Amazônia, mesmo desfrutando de uma vida relativamente boa, pela sua situação socioeconômica e pela relação estável com os moradores locais, aderiram às ideias sionistas, prestando apoio aos líderes mundiais. Milgran (1995) destaca que apesar do sionismo no norte do Brasil ter sido o primeiro a se ter notícias, este se desenvolveu muito mais por capricho de alguns indivíduos do que propriamente por uma necessidade coletiva, pois, segundo o autor o início da militância de David Perez coincide com o “fim” do sionismo no norte do país.

Pelo visto, o início da formação sionista de David J. Perez na “Amazônia judaica” ocorreu paralelamente ao declínio das atividades do movimento nesta região. O fato ficou patente na carta²¹ que ele recebeu do advogado Raphael Benaion, sionista de Manaus, que mantinha contato com a organização da Europa e Argentina. “Com relação ao Sionismo”, tenho a dizer-lhe que aqui é *lettra morta*, pois ninguém se importa com semelhante causa”. (1995: p. 9).

Para Milgran (1995) as organizações sionistas criadas até a segunda década do século passado representavam uma iniciativa descentralizada de lideranças locais, provocadas pela repercussão da declaração Balfour²², inexistindo assim, uma entidade que coordenasse tal movimento. O aparecimento da ideia nacional judaica no Brasil é considerado como um alongamento da identidade ashkenazita. Mas, vale destacar que essa fase descentralizada marca o início da terceira geração de sefaraditas na Amazônia, caracterizada como o período em que os judeus deixam os interiores e se estabelecem nas capitais. Esta transição desagregou muitas comunidades do interior do Amazonas, inclusive da cidade de Manicoré, pioneira no sionismo.

Apenas no final da década de 20, é que os judeus da capital do Amazonas, desenvolvem formas mais institucionalizadas de organização comunitária. E nestas circunstâncias, as cidades do sudeste como o Rio de Janeiro e São Paul, passaram a exercer a liderança do movimento. A evidência mais concreta de que os judeus amazonenses abraçaram

²¹ -A carta encontra-se no Museu da Diáspora em Jerusalém: Manaus, 7.2.1907. Arquivo David J. Perez. Jerusalém p/124 doc. 4. A referencia da fonte é extraído do artigo de MILGRAN (1995).

²² - Publicada em 2 de novembro de 1917, em plena guerra, a declaração do ministro britânico promete ao povo judeu o apoio do Reino Unido quanto ao “estabelecimento, na Palestina, de um lar nacional”.

a causa sionista é a introdução dessas discussões no órgão de imprensa local, criado em Manaus em 1948.

Em fevereiro de 1948, entrou em circulação na comunidade de Manaus, a Folha Israelita, jornal que tinha como diretor responsável David J. Israel que nas suas primeiras palavras evidenciava o objetivo do jornal:

Sejam nossas primeiras palavras a vós hoje mais do que nunca, justamente quando reunidos todas as nossas forças conscientes para a formação de uma porta voz israelita na imprensa planicitaria. A folha israelita ensaiando os seus primeiros passos na arena jornalística nesta capital, não lhe move outros propósitos, nem lhe guiam outros princípios senão de cooperar com os seus correligionários que militam na imprensa irmã de outros pontos do país, levando por assim dizer, dos seus irmãos de fé que vivem no grandioso Estado do Amazonas a sua parcela de apoio moral e a sua solidariedade incondicional aqueles que se batem dinodamente e sem defalecimento, pela formação definitiva do Estado na Pelestina, solo sagrado dos seus maiores apóstolos, percussores contra o paganismo romano, inimigo desalmado e tirano que sacrificou milhares de inocentes, pelo simples fato de crer no todo poderoso, senhor dos céus e da terra. **[grifo nosso]** (Folha Israelita do Amazonas. Ano I: Manaus, Fevereiro de 1948).

A criação da folha Israelita do Amazonas é posterior à aprovação da partilha da Palestina²³ e criação do Estado de Israel pela ONU em 1947. No entanto, o Estado de Israel só foi oficialmente instituído em maio de 1948, sob a liderança de David Bem Gurion. Da aprovação até a criação instituída o sionismo cumpriu seu papel mobilizando massas em apoio ao estado judeu, e a imprensa judaica dos diversos lugares, tornou-se o principal veículo para difusão destas ideias. No Amazonas, o jornal israelita além de informar o desenrolar dos conflitos entre árabes e judeus que ocorriam na Palestina de reforçar o nacionalismo na comunidade local, foi organizado também uma campanha de arrecadação de fundos para a “restauração de Israel”, que solicitava a contribuição de todos os filhos da eterna pátria. (Ver figuras 08 e 09).

Se no início do século XX, o Brasil demonstrava dificuldade de centralização do sionismo e arrecadação para o fundo nacional, os anos posteriores ao reconhecimento do Estado de Israel foram de grandes conquistas, pois, o sionismo universalizou-se tornando-se parte importante dos discursos midiáticos, da concepção de identidade, agora cada vez mais associada a uma ancestralidade bíblica, que preservou a duras penas uma característica unificada baseada na herança cultural e religiosa dos judeus.

²³ - Apesar da ONU aprovar a partilha da Palestina em dois estados um Estado Árabe e um Estado Judeu, o estado árabe não foi estabelecido e os palestinos lutam até hoje para ter o seu Estado. Esse episódio foi conhecido como a Questão Palestina.



Figura 08, Fonte: Folha Israelita do Amazonas, Fevereiro de 1948.

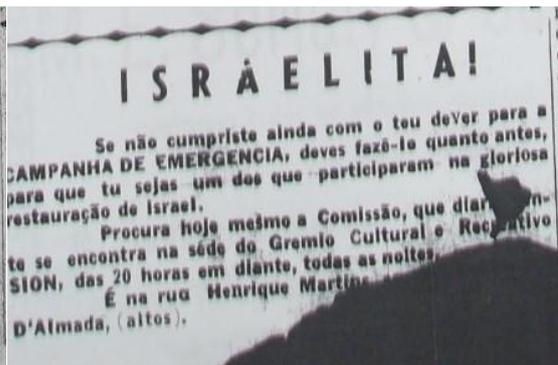


Figura 09, Fonte: Folha Israelita do Amazonas, Janeiro de 1949.

É importante frisar que a causa sionista não perdeu forças após a institucionalização do Estado de Israel, pois, em maio do ano seguinte, quando o Estado completou 01 ano de existência, o Grêmio Recreativo Sion, mobilizador da juventude israelita amazonense celebrou uma festa em solenidade a proclamação de Israel. A partir da existência real de um estado-nação os judeus do mundo inteiro colocaram em comum todos os seus esforços para preservar o sentimento de pertencimento a terra prometida. A comemoração do “ressurgimento” de Israel tornou-se um marco no calendário de comemoração e festas judaicas.

Em sua sede social sita a rua Lobo d’Almada 71 (altos) o grêmio recreativo Sion em conjunto com o comitê israelita do Amazonas realizará hoje as 20 1, 2 horas com a maior solenidade a festa da Proclamação do Estado de Israel. Dado o objetivo grandioso que marca o primeiro aniversário da novel republica, é e esperar que alcance o maior brilho possível até porque este fato de caráter publico se revestira de um cunho fraternal, que mais estreitará os laços de amizade do povo brasileiro e o israelita. (Ano: I, Manaus 4 de maio de 1949)

Organizada em 1948, por judeus residentes em Manaus, a Folha Israelita apenas obteve regularidade em sua publicação a partir de janeiro de 1949, e se estendeu até 16 de janeiro de 1959 com o seu último exemplar. Além de ser porta voz do sionismo israelense, o jornal também se ocupava em noticiar sobre a vida da comunidade do Amazonas, os eventos sociais, as festas comunitárias e familiares, principalmente consolidar a identidade judaica.

A identidade aqui definida refere-se aquelas produzidas pelas instituições, que veiculam discursos que forjam sujeitos, legitimando práticas sociais. Este modo de entender identidade, por meio de práticas discursivas que podem ser antagônicas ou não, revelam a constituição do sentido do termo identidade que por meio da cultura e principalmente da

“invenção da tradição”, tomada na perspectiva de Hobsbawn lançam mão de sujeitos que se tornam seus legítimos representantes.

Stuart Hall (2004) nos alerta que “é precisamente porque as identidades são constituídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas por locais históricos e institucionais específicos, no interior da formação e práticas discursivas específicas e por estratégias e iniciativas específicas”. A imprensa, como órgão representante do grupo judeu do Amazonas foi uma instituição importante para demarcar os pontos de identificação desta identidade que necessariamente precisou evocar à diferença. Um exemplo deste processo de demarcação é projeção do tipo de juventude a ser abraçada a partir da metade do século XX.

Na sede do grêmio cultural e Recreativo SION, realizou-se a 8 do corrente pelas 21 horas a conferencia pronunciada pelo nosso correligionário acadêmico Nissim Benemond, sobre o tema “O Povo de Israel e o seu destino indivisível”. A belíssima hora literária que agradou plenamente a numerosa assistência, de quando em vez empolgada pela palavra cheia de entusiasmo do inteligente moço, veio demonstrar visivelmente do ardor á causa sionista da nova geração de Israel. O conferencista arrancou da assistência longas palmas sendo por esse motivo muito cumprimentado (...) concitando a juventude do amazonas ver na pessoa do jovem Nissim um exemplo dignificamente e integro em que se escuda a mocidade israelita de todos os países em prol da causa sagrada do ressurgimento da nação judaica, pelo esforço impar do sionismo em todos os países. [grifo nosso] (Ano: I Manaus, janeiro de 1949 n° 1)

A mocidade judaica descrita pelo jornal de maneira tão entusiástica supõe um todo indivisível, uma categoria sólida, homogênea e coesa. Metaforicamente, essa ilusão de coesão social do grupo sugere uma atitude de resignação por parte dos jovens judeus, uma vez que existe um jovem que simboliza o exemplo a ser mostrado e seguido. Assim as ideologias perpassam não apenas o âmbito discursivo, mas principalmente o vivido, o desejado, o sonhado e o esperado, e paulatinamente se materializa na vida e na construção identitária do grupo. Os discursos definem e redefinem o tipo de sujeito a ser requerido, e a juventude, símbolo da posteridade da “nação judaica” tornou-se alvo frequente destes apelos.

Um jovem israelita que honra o Amazonas e o Brasil

Noticias particulares precedentes da Capital federal comunicam que o jovem israelita amazonense Isaac Raphael Assayag filho querido de nosso amigo sr. Rafael Assayag, coletor estadual e de dona Perola Cohen Assayag, foi classificado em um dos primeiros lugares no recente concurso promovido pelo SENAI. Jovem como este que sabe pela expressão de inteligência honrar não somente a gleba onde nasceram e a pátria senão a raça que pertencem, merecem indubitavelmente a admiração de todos, porque é nos conhecimentos intelectuais, que se revelam as maiores conquistas que se orgulham os povos que amam a paz e a fraternidade humana. [grifo nosso] (Ano: I Manaus, janeiro de 1949 n° 1)

Nesta segunda nota, encontramos uma interligação entre a noção de honra²⁴ e o tipo desejado de juventude. Aqui, o conjunto de representações sociais à honorabilidade adquiriu um papel constitutivo de suas identidades. O apelo discursivo deste modo, construía identidades superpostas de raça e classe, e estima. Ao parabenizar o jovem pelo sucesso no concurso, o jornal faz uma ênfase a sua origem familiar, aos cargos ocupados por seus pais e em seguida, a “raça” a que pertencia o jovem, merecedor da admiração de todos. Os judeus por meio de elementos como classe, raça, e honra, negociavam identidades e hierarquias, aproximando-se cada vez mais do perfil de um sujeito ideal.

Observar a identidade como algo que está em constante processo de reelaboração onde o sujeito constitui-se a partir deste movimento, nos coloca diante de uma dificuldade associativa, em compreender como a identidade pode abarcar tanto práticas discursivas como a construção das subjetividades? Se considerarmos que as identidades se forjam em meio às instituições históricas específicas, traduzindo interesses específicos, que afetam sujeitos específicos, estaremos caindo num reducionismo discursivo, onde os indivíduos tornam-se passivos as interferências externas. Stuart Hall (2004) tentando chegar a uma conclusão nos afirma que se não quisermos ser acusados de abandonar um reducionismo economicista para cair num reducionismo psicanalítico devemos frisar que a ideologia é eficaz porque age tanto nos níveis rudimentares da identidade e dos impulsos psíquicos como na formação das práticas discursivas que constituem o campo social.

Esta ambivalência marca o encontro de dois campos constitutivos, mas não idênticos. A identidade é o ponto de encontro, a “intersecção” (Hall, 2004) que provoca identificações e consequentes demarcações de espaço, lugar e práticas sociais. A identificação do sujeito surge a partir da alteridade, do contato com o outro e do que ele nos diz, dos questionamentos suscitados na interpelação e busca do individual e coletivo. O reconhecimento do psíquico e do discursivo revelam os meandros deste conceito emblemático.

Assim, afirmar que a identidade judaica é algo intrínseco ao grupo como um conjunto de características pessoais e grupais que qualificam e atestam sua autenticidade, significa excluir as problematizações histórico-políticas que desencadearam desdobramentos de

²⁴ - Segundo Sueann Caulfield (2003) a honra era frequentemente usada para consolidar relações hierárquicas baseadas não somente nas relações de gênero, como também nas de raça e de classe.

diferentes naturezas. Os exemplos aqui enfatizados referentes as análises discursivas permitem ir além destas fronteiras trazendo a tona as posições ocupadas por judeus, suas necessidades individuais, coletivas e as formas de conformação frente a diferentes realidades.

Ainda nessa perspectiva de identidades negociadas, cabe ressaltar o trabalho do historiador Jeffrey Lesser (2001) que, ao fazer uma análise das identidades pós-migratórias das minorias étnicas do Brasil, lançou a mão do conceito de etnicidade-hifenizada, pois, segundo ele os imigrantes tinham mais a ganhar abraçando tanto uma nacionalidade brasileira uniforme, quanto suas novas etnias pós-migratórias, desenvolvendo maneiras bem sofisticadas e bem sucedidas de tornarem-se brasileiros, sem eliminar suas distinções étnicas existentes. O que significa que em alguns momentos se é mais judeu, em outro brasileiro e em outro brasileiro e judeu ao mesmo tempo ou judeu-brasileiro. Vai depender do contexto ou cenário para que esta ou aquela identidade seja ativada. As identidades, então em cada situação observada podem ser flexíveis e negociadas. Destacaremos dois momentos desta etnicidade-hifenizada dos judeus do Amazonas:

[...] Entretanto essa satisfação pela conquistada liberdade e pela emancipação política de Israel, não veio de modo algum diminuir o nosso devotadíssimo patriotismo a ti Brasil, invicto e glorioso, que permanece em nossas corações e em nossos pensamentos como meu pátria ativa e respeitosa, fiel as tuas gloriosas tradições, como cidadãos e como soldados da republica, e em qualquer terreno que digne de perto a falta de respeito e integridade ao teu solo bendito. Nesta mensagem, pois, a tua grandeza maravilhosa, nós israelitas do Amazonas inteiro, que fruimos todos os direitos de liberdade de consciência e de cidadania prescritos pelas leis democráticas da tua constituição, reafirmamos neste instinto em que surge para o universo a pátria de nossos antepassados, sob a fé e juramento a bandeira nacional, não somente os nascidos no Amazonas do Brasil inteiro tem orgulho em ser brasileiros, dentro da ORDEM e pelo PROGRESSO e pela grandeza da nacionalidade- BRASIL. (Ano: I Manaus, janeiro de 1949 n° 1).

Getúlio Vargas, o maior dos brasileiros vivos, recebe hoje o premio que o povo brasileiro lhe concedeu nas urnas, no memorável pleito realizado a trez de outubro de 1950. (Ano: II Manaus, 31 de Janeiro de 1951)

A etnicidade-hifenizada é um recurso do imigrante, ou das culturas pós-migratórias para sobreviver enquanto minoria étnica. No caso dos judeus amazonenses, a sua nação de origem era o Brasil, mas como trata-se de um grupo cuja sustentação identitária se fundamenta na religião, foi necessário que a identidade nacional entrasse numa negociação com a identidade religiosa. Deste modo, ao mesmo tempo em que os judeus exaltavam a

nação de Israel, símbolo da ancestralidade religiosa, era necessário fazer menção, com todo o patriotismo à nação mãe, que abrigou os pais, avós e tantos outros judeus marroquinos que aqui chegaram.

Considerando, que o período em as matérias foram produzidas, corresponde ao pós estado novo, em que os militares passaram a ter papel decisivo em momentos importantes da política brasileira, aparecendo como árbitro dos conflitos e defensores da ordem e da moralidade pública. Como “bons cidadãos” os judeus, procuravam enaltecer a república, os princípios democráticos e a constituição que salvaguardava os seus direitos enquanto filhos da pátria. Lembrando que num passado não muito distante, muitos judeus sofreram com as jurisdições e leis impostas por estados autoritários como os de cunho fascista e nazista, e a liberdade existente no Brasil para minorias religiosas representava um avanço do ponto de vista de direitos religiosos.

Como parte da população brasileira daquele contexto, defendiam os valores nacionais de ordem e progresso, e manifestava seu apoio a Getúlio Vargas, eleito novamente à presidência em 03 de outubro de 1950. Durante este período a imagem de líder carismático e defensor dos interesses populares não era privativa da imprensa judaica, mas de quase toda imprensa nacional.

A imprensa obteve um lugar importante na organização da comunidade judaica, manifestando parte do seu cotidiano e vivência. Servindo de base para a evolução do grupo, em especial das representações de identidade forjadas no bojo de uma comunidade relativamente pequena, mas continuamente crescente em diversos aspectos. Acompanhando a vida do grupo enquanto coletividade maior, e coletividade menor, a mídia contribuiu para os deslocamentos de ideias e sentidos, sendo um agente significativo que produzia significados na vida do grupo a qual pertencia.

III CAPITULO

3.1-COSTURANDO MEMÓRIAS

“A História oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos.” (Alessandro Portelli)

A história oral como ferramenta metodológica tem se mostrado um campo fecundo para o estudo da memória social. Seu bom êxito consiste em revelar novas formas de interpretação do passado. As formas como este passado foi e é interpretado representam uma busca para historiadores que trabalham com a memória, uma vez que são estas formas de lembrar que incidem no presente das sociedades.

O judaísmo enquanto fenômeno e instituição religiosa possui uma série de atributos, instruções e requisitos que caracterizam seus membros. Sob esta ótica estruturalista, o ser judeu é um atributo de quem professa os elementos que compõe o judaísmo e principalmente se enquadra nesses critérios, pois diferentemente do cristianismo, cujo caráter universalizador ultrapassou as fronteiras étnicas e culturais, o judaísmo em tese, do ponto de vista religioso, procurou demarcar suas fronteiras e espaço étnico.

A história oral, cuja matéria prima é a memória, se destacou como o elemento necessário para alargar nossa compreensão sobre a identidade judaica. Fazendo uso desta prática de pesquisa, que se faz na relação do pesquisador com o entrevistado, obtivemos várias narrativas, que equivalem a diferentes versões do passado. Os narradores, aqui descritos podem ser intitulados como agentes de memória, pois estão diretamente comprometidos com a manutenção do seu grupo social, ou da memória que incide sobre este grupo.

As narrativas colhidas nestas entrevistas precisaram de uma série de recursos intertextuais para sua análise, pois não bastava conhecer o comunicado, foi preciso descrever a condição de comunicação, ou seja, refletir sobre o contexto de produção das fontes. Assim nossas interrogações giraram em torno de: O que fala a fonte? Quem fala? Para quem fala? Como fala? Para que fala? Este recurso contribuiu para explorarmos as narrativas como fontes históricas, e principalmente conhecermos o que a fonte documentava.

A essencialidade das fontes orais está em garantir que o seu sentido se produza no campo social. Não é apenas uma ferramenta operativa, é muito mais do que isto, pois as memórias incorporam relações de poder, e encontram-se em oposição à memória oficial, dando margens às novas, descontínuas e ricas interpretações. Como exemplificada por Portelli (1997), a história oral representa a realidade como um mosaico, uma colcha de retalhos em que as partes não são iguais. As narrativas fluídas, descontínuas e contingentes apresentadas por nossos entrevistados são partes da realidade concreta heterogênea, que forma o mosaico no qual estão inseridos.

Exemplificando este mosaico, citamos como exemplo seu Leão Anselmo, descendente direto de judeu que nos contou sobre a sua história familiar, especialmente do seu pai que migrou para o Amazonas no início do século XX. O que nos chamou a atenção na família Anselmo foi o não registro do seu sobrenome na relação de famílias realizado por Benchimol (2008) e Assayag (2000). Trata-se de uma história de vida, desconhecida pela memória oficial, pois o seu Leão Anselmo, cujo nome é o mesmo do filho, migrou sozinho, deixando toda a sua família no Marrocos. Ao chegar ao Amazonas, casou-se por três vezes, teve vários filhos, e todos desconhecidos pela comunidade judaica. Chegamos a esta família, porque apesar do desconhecimento por parte da memória oficial, os seus descendentes se reconhecem como filhos de judeu, e não deixaram a memória das suas origens desaparecerem.

Reconhecer-se como parte desta história é assumir sua vinculação com essa cultura pós-migratória que compõe diferentes universos simbólicos, em que os agentes de memória acreditam possuir um “legado” e as pessoas que estão em torno criam suas concepções e acepções. Esta interatividade tornou a comunidade capaz de identificar os descendentes de judeus presentes em diferentes realidades, onde atuam como sujeitos históricos e principalmente compartilham suas memórias. A necessidade de compartilhar sua história é algo tão presente na vida do nosso entrevistado que até hoje ele guarda com zelo e estima uma caderneta que pertencera a seu pai. Quando questionado sobre sua história familiar, seu Leão Anselmo logo apareceu com um amontoado de papel de folhas amareladas, guardadas em uma caderneta, e começou a ler e explicar:

Província da Espanha em 05 de fevereiro de 1889 ele nasceu, agora ele chegou em Belém Pará em 27 de Novembro de 1903, no Vapor Colombo. E os pais dele: - Faleceu minha mãe Raquel, o nome da mãe dele, em 20 de agosto de 1913 em Tanger e o pai dele Abraham Anselmo faleceu em Rabat. Aqui já são os filhos por exemplo, o meu irmão mais velho com a segunda mulher: - Meu querido filho Fortunato, faleceu em 19 de fevereiro de 1942 no lugar Ramos, 03 horas da manhã. Aqui eu também tenho anotado todo o nome dos meus irmãos né? Como a caderneta

já está um pouco velha eu tenho o nome dos irmãos que nasceram primeiro que eu. Tudo ele anotava, tá tudo aqui escrito. (Leão Anselmo, 2011)

O registro pessoal do seu pai é tão rico de significado para o narrador que se tornou uma ferramenta indispensável para que seu Leão contasse-nos sobre a história da sua família. Quando solicitado, logo pediu que esperássemos para que com a posse do registro iniciasse a entrevista. As datas de nascimento e falecimento, considerado importante para seu pai, também são consideradas importantes para seu filho, que nos mostrou o bloco de papel como um valioso objeto de memória. Esta prática de registrar momentos importantes na velha caderneta possui o significado de continuidade da história familiar funcionando como um fio condutor de memória, onde sempre que o entrevistado necessita se reportar ao passado, faz uso desse meio para refazer seu caminho. Ademais, este sentido e funcionalidade continuaram a fazer parte da prática do descendente que, imitando o pai, também mantém viva esta memória familiar, descrevendo datas importantes e marcantes de sua vida.

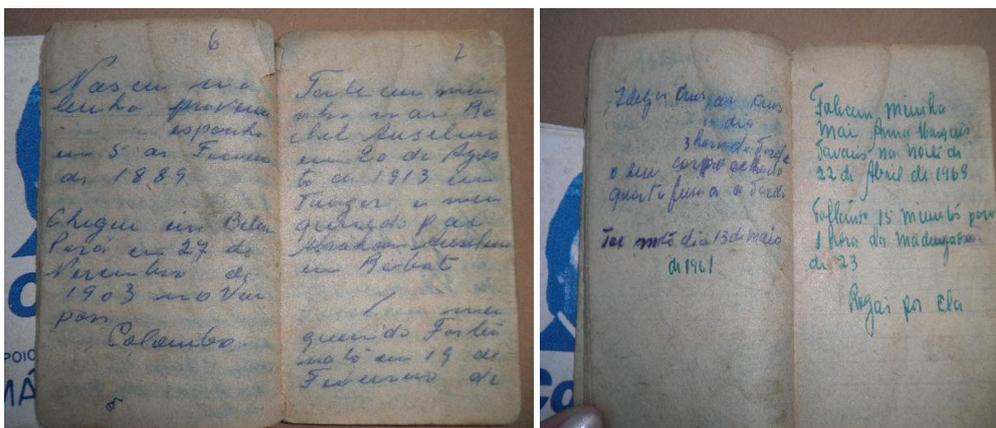


Figura 10: Caderneta familiar pertencente ao seu Leão Anselmo. Parintins-Am

Fonte: Leão Anselmo

O pai de seu Leão Anselmo, chegou à Belém em 1903, e assim como muitos outros sefarditas rumaram para o interior. No caso desse judeu a imigração não foi familiar, pois, seus familiares não o acompanharam, o que de certo modo justifica a ausência do seu sobrenome nos levantamentos censitários judaicos, uma vez que não se tratou de uma família numericamente expressiva. Depois de estabelecido em Parintins e contando com a ajuda de um conterrâneo, conseguiu montar seu primeiro comercio de estivas, que deu base para que

posteriormente montasse uma sociedade comercial com um português no município vizinho de Barreirinha.

Ele era comerciante. Lá em Tanger, ele formou-se pra advogado né? Depois ele, porque aí veio aquelas leis, por exemplo, que só podia advogar, que os advogados chamavam rábula quando não eram formados só se fosse com uma ordem judicial, porque tinha que ter por exemplo tipo um passaporte de lá pra cá, tirado aquela autorização, a licença no tribunal daqui. Lá ele tinha o diploma dele, mas aqui não valia né? E aí ele foi comerciante, ele comercializava. (Leão Anselmo, 2011)

Seu Leão Anselmo (pai) ainda é lembrado por seus descendentes como um homem altamente instruído, advogado de formação, possuidor de diversos saberes. Tornou-se comerciante pela falta de oportunidade de exercer o direito no Brasil, mas sempre notado por seu conhecimento. Seu caso se repetiu com vários outros imigrantes que possuíam uma profissionalização no Marrocos, mas eram impossibilitados de exercer a profissão aqui, por causa da necessidade de validação dos diplomas, algo muito difícil de conseguir dado o contexto e as distâncias.

O seu pai lhe instruiu no judaísmo?

[...] nós dialogávamos com ele mesmo, por exemplo, ele era um homem como eu tava dizendo, ele era advogado, nós tínhamos códigos em casa. Eu dialogava com ele assuntos assim, como ele fosse um advogado criminalista e eu defendendo uma causa. Isso aqui me despertou muito, me deu uma instrução muito grande. (Leão Anselmo 2011)

A imagem que o filho faz do pai é de quem o ajudou a despertar suas capacidades intelectuais que sua pouca formação não permitiu. Para ele, o próprio judaísmo já representava uma prática de pessoas instruídas. Os códigos vivenciados em sua casa referiam-se ao modo de diálogo que o pai exercia com os filhos, que consistia num processo de argumentação, no qual convencia aquele que melhor apresentasse e defendesse seus argumentos. Seu Leão Anselmo, mesmo sendo filho de pai judeu, e possuindo um nome marroquino, não era considerado pela comunidade como um deles, porque era fruto de um casamento misto, e no judaísmo a religião é transmitida pela linhagem materna. Sendo matrilinear automaticamente não se achava na condição de judeu mas isto não o impedia de conhecer e se interessar pela religião do pai:

Ele vinha pra cá fazer com os judeus. Chegava a época, por exemplo, ele vinha, chamava-se pascoa né? Aí eles faziam aquela pascoa, passava aqui doze dias.

Naquele tempo tinha muito judeu aqui, a gente passava quinze dias as vezes até mais (...).Eu também acompanhava ele. Só que aquela formalidade era os mais velhos que faziam. A gente só fazia olhar, porque o judeu, por exemplo, na reunião deles, eles se vestiam tipo assim uma bata como dos padres, se vestiam daquilo e sentavam pelos cantos das casas, orando, fazendo aquele prece deles. Era três noites, dias naquela arrumação aí terminava aquilo eles faziam o tal de leilão da sinagoga, aí é tipo um leilão como faz na festa. (Leão Anselmo, 2011)

Por intermédio do pai, seu Anselmo passou a ter um vínculo com aquela comunidade, que foi quebrada após a morte do pai. A referência desse narrador não se apoiava na comunidade, mas no vínculo consanguíneo com o pai. O que mais nos chamou atenção nesta narrativa foi que apesar desses vínculos com a comunidade judaica terem se perdido com o tempo, sua experiência de visitador/ participante foi bastante significativa, levando-o a se encontrar na história do judaísmo no Amazonas como um filho de judeu, que vivenciou aquelas experiências comunitárias e, portanto, tornando-se parte integrante desta memória judaica.

Continuando esta costura de retalhos temos o caso de outro descendente judeu pertencente à família Assayag, que diferentemente do caso anterior, não vivenciou uma experiência comunitária judaica, mas possui marcas impressas em seu modo de vida que é parte da sua experiência enquanto filho de judeu. Segundo Simão, seu pai Elias Assayag, era um sujeito bastante recatado, e sua singularidade cultural, era desapercibida por seus filhos, que passaram a compreender algumas características e significados da cultura judaica com o auxílio de livros e em conversas com outras pessoas de interesse do judaísmo.

O papai falava muito pouco sabe? Era igual eu, assim... Agora que eu tô falando muito (risos). Mas, então ele era uma pessoa muito na dele, não saía de casa, até com a gente mesmo ele não conversava. Eu percebo que existe uma identidade que eu acho que não é coisa atávica de família, porque eu não conhecia nada disso, mas eu vejo uma certa coerência, uma certa... Ela atrai a gente. [...]. E eu descobri algumas coisas que eu pratico que não foi influência do papai que agora eu tô descobrindo que tem muito haver com judeu. A minha própria moradia, eu vivo muito na minha, eu sou meio monástico, (eu tô com essas palavras agora que é lá do livro, tem que usar (risos)). Eu vivo aqui no meu monastério, entendeu? Então isso é um pouco dele, essa coisa de delimitar seu território [...]. Alguém que me despertou: -rapaz tu sabe que isso é coisas de judeu? (Simão Assayag, 2011)

Para Simão Assayag a identidade judaica que se estende até os descendentes está relacionada não à experiência compartilhada e vivenciada coletivamente, mas à “natureza” dos homens, presente nas relações sociais, e comuns a todas as sociedades. Esta tendência de naturalizar relações sociais é que dificulta a visualização do ser histórico, presente na

memória do nosso entrevistado. No entanto a própria narrativa problematizada e analisada como documento histórico já explica a contradição da intenção da fala, e do relato falado transcrito. Mesmo que ele entenda que a sua relação com o pai não imprimiu marcas na sua vivência, ao caracterizá-lo como alguém contido recatado e de pouca conversa, seu relato nos permite relacionar esta experiência com sua atual condição de vida.

Sabemos, pois, que os processos de interação social são capazes de forjar modos de vida onde não necessariamente os pais instruem os filhos com diálogos e discursos, mas suas vidas espelham ensinamentos, valores, modos que indiretamente são incorporados pelos descendentes. Percebemos com este exemplo o quanto as fontes orais são capazes de mostrar contradições nas formas de concepção do ser e do mundo, mas com toda certeza, essas contradições revelam experiências de vida, assimiladas pelos entrevistados a partir de suas visões de mundo.

Estas concepções de mundo modelam a memória das trajetórias sociais de judeus e descendentes. Os relatos do sr. Assayag, fornecem vários elementos da sua infância familiar vivenciada em Parintins, em uma época onde existiam varias famílias judaicas, possibilitando entender as mudanças ocorridas na sua forma de “ver” a comunidade. Além do nome das pessoas que aparecem em sua fala, ele apresenta um pouco da distribuição espacial da cidade lembrando dos prédios, casas e comércios, que inclusive marcaram toda uma geração que partilhou e dividiu o mesmo espaço:

Ali na praça do Cristo, ali era assim... Morava o seu Salomão Mendes, que era o patriarca dessa família do Lico, morava dois Cohen, pai do Dr. Jacob Cohen e o tio dele que era o Isaac Cohen. Moravam numa casa germinada, ainda tem essa casa lá. E isso era muito comum, os judeus faziam, dois irmãos faziam casa e se olhasse de frente parecia que era uma casa só, lá tinha aqueles babadinhos, aquele enfeites, e tinha um lugar central onde mas tinha uma divisão, e muitas vezes alias todos que eu conheci, tinha uma porta que interligava lá na frente, logo que entrava você podia ir de um lugar pra outro. Depois vinha o que a gente chamava de tio Jacó, era Assayag, e depois vinha o que a gente chamava de tio Davi, que era onde tem aquela vendedora de carro ali na praça. Tio Davi na verdade ele era primo do papai, mas como era de uma outra geração a gente chamava de tio Davi. Sempre eu conheci ele vestido de preto, não sei porque. Então a gente não ia muito na casa do tio Davi, porque primeiro que aquela roupa preta já assustava a gente e depois ele quase não andava ele era muito gordo e ele tinha uma hérnia que ia quase no chão, aquilo, além da gordura, era o avô do Davi Assayag (do ídolo aí). A gente não ia lá porque diziam que ele tinha engolido uma criança, e que aquilo era uma criança que ele tinha engolido, e a gente tinha pavor de ir lá. Ele tinha aquela aparência esquisitona sentado parecia um buda, vestido de preto. Então fazia com que agente tivesse menos contato ainda. (Simão Assayag, 2011)

A descrição do “Tio Davi” feita por Simão é riquíssima em detalhes e mostra como uma criança é capaz de se impressionar com a aparência física dos adultos e fazer diversas

associações. Por ter despertado sua curiosidade e existir conversas que reforçavam sua imaginação, o “Tio Davi” acabou sendo o parente mais observado pelo menino, apesar do mesmo revelar que ele frequentava pouco a casa dos familiares.

A família Assayag é considerada a família mais numerosa do Amazonas, e tem como patriarca os irmãos Isaac Abraham Assayag e Simão Abraham Assayag. Esta família tornou-se populosa devido aos muitos casamentos e ao número relativamente grande de filhos. A memória do tio e dos demais judeus que viviam em Parintins é lembrada por Simão a partir da referencia do lugar, o lócus em que as formas de sociabilidades e os modos de vida se desenvolviam rodilhados de fronteiras simbólicas que separavam e aproximavam aqueles indivíduos.



Figura 08: Antiga Praça do Cristo Redentor, demolida em 2005 para construção da Praça Digital.
Fonte: Alfremer Publicidades, 2012.

Acima temos a imagem da Praça do Cristo Redentor, lembrada por Simão como marco de distribuição espacial das famílias judaicas que viviam em Parintins. O espaço apresenta modos de ser fazer e aponta formas de percepções e vivencias que dão sentido as práticas sociais, porque são marcos de memória, produto e produtores de história. Hoje este espaço pertence apenas à memória daqueles que nele viveram, pois as obras de urbanização da cidade demoliram esse espaço de memória, para construir uma praça de tecnologia, conhecida pelas gerações atuais como Praça Digital.

As casas à direita pertenciam à família Cohen, lembrada pelo estilo germinativo, pois existia apenas uma fachada para varias casas, que se interligavam por uma porta, fazendo com

que aos familiares que nelas viviam compartilhassem do mesmo ambiente familiar. Julia Cohen, membro da família proprietária daqueles casarões, onde viveu toda sua infância e parte da sua juventude, nos relata como era o convívio nesse espaço:

Meu pai ele era comerciante, ele tinha uma boa vida lá, eles tinham uma casa, naquela época aquelas casas eram consideradas boas né? Uma das melhores. E o local, o meu avó chegou muito cedo, então aquele local é uma coisa pioneira, fica bem na frente da cidade, perto do mercado, perto da prefeitura, perto de tudo. Aí eu fiquei até os 15 anos, meu pai ainda ficou lá com minha mãe, meus irmãos memores [...]. E a gente vivia naquele casarão, que era um pedaço das minhas tias, dos meus tios, outro pedaço do meu pai, mas que era aquele mundo ali. (Julia Cohen, 2011)

A agregação familiar ajudava-os a construir uma comunidade ativa, que mesmo sem uma instituição oficial agregadora não deixava de significar praticas sociais, religiosas e culturais. Esta vivencia familiar passou a se estender a coletividade, uma vez que outras famílias de judeus existentes em Parintins frequentavam as casas dos Cohen para socializar suas experiências sociais, e vivenciar junto a grande família uma espiritualidade e sociabilidade judaica. As festas importantes do judaísmo, como Rosh Hashaná (Ano Novo judaico), Iom Kipur (O dia do Perdão) Pêssach (Páscoa), assim como o próprio Shabat (Sábado), eram promovidos pela família Cohen, cujo sobrenome bíblicamente possui a responsabilidade de exercer o sacerdócio entre os outros judeus.

E nas nossas pascoas, feriados religiosos, agente fazia, a nossa casa era o..., porque era muito grande né, eram salas enormes e ali a gente se reunia. O pessoal ia pra lá pra rezar [...]. O Iom Kipur, que é aquela festa..Ih! a casa enchia! Enchia de gente e enchia de gente até de católicos, que acreditavam amigos muito próximos que conheciam assim os princípios da religião. Eles acreditavam, por exemplo, no shofar, tu sabe? Que é o toque do chifre do carneiro, o shofar chamado. E naquela hora, todos faziam até jejum, ficavam lá na minha casa. Eu era criança, mas eu lembrava disso, a casa toda limpa, toda bonita, toda né? Naquela época não tinha muita luz. [...] (Julia Cohen 2011)

E o sábado?

Ah! Totalmente, mas de jeito nenhum era deixado pra trás. Muitas comidas, muitas, até hoje eu faço na minha casa. É o ponto de encontro da família, é o ponto de encontro o shabat. Chegava sexta feira de tarde a comida estava toda pronta, os homens estavam todos de roupa trocada, as mulheres também, tomavam seu banho, a casa ficava toda limpa, era feita uma limpeza dia de sexta feira. No sábado não se fazia nada, era só conversar, sentar, brincar, cantar, muitas músicas. Era tão bonito sabe? Eu tenho lembranças lindas do shabat lá de casa. (Julia Cohen, 2011)

Sobre estas festas que ficaram guardadas na memória de Júlia, elas também apareceram na entrevista de seu Leão Anselmo quando perguntamos onde seu pai realizava as cerimônias religiosas.

[...] Era na casa do Moyses Cohen, pai do Jacob. Aí se reunia por exemplo, tinha o Moyses Assayag, Jacob Assayag, Abraham Assayag, Elias Assayag, Abraham Serrulha, Salomão Mendes, tudo isso era judeu. E tinha as mulheres também, que eu já até esqueci o nome. (Leão Anselmo, 2011)

Os relatos de Julia e Leão Anselmo mostram que aquele espaço foi um importante lugar de sociabilidades judaicas. Para Júlia, membro da família, as lembranças são mais ricas em detalhes e informações, já seu Anselmo lembra muito mais das pessoas que faziam parte daquelas celebrações religiosas.

Além do espaço oferecido nas suas casas e da “linhagem” sacerdotal, a família Cohen era a mais numerosa do município, contando com vários irmãos tios, sobrinhos, filhos, e de certo modo, era a família com o menor número de casamentos mistos, concentrando muito mais pessoas que praticavam o judaísmo enquanto religião, se comparado a outras.

Ao relatar suas experiências estes três narradores que viveram em situações familiares, grupais e comunitários distintos, nos ajudaram a dar sentido à polifonia de suas memórias. Percebemos então, o quanto suas memórias, com sentidos e significados diferentes, quando analisados e problematizados pelo historiador, apresentam-se de forma coerente na análise histórica, pois, apesar da experiência ser subjetiva e individual, a vida social é comum a todos que dela participam.

3.2- Trajetórias familiares: modos de vida e usos da memória

As histórias familiares contadas por nossos judeus referem-se às narrativas do conjunto das suas experiências vividas em âmbito individual, familiar e social. Suas memórias se remetem às lembranças de seus familiares contadas a eles em momentos de convivência com seus pais e avós. Suas lembranças estão entrelaçadas com o contexto no qual sua história de vida começou e as histórias de vida de seus familiares. Nesses depoimentos podemos escutar as vozes dos imigrantes de judeus que chegaram ao Amazonas carregando sonhos, utópias, esperanças e de como estas expectativas foram materializadas ou não.

A memória tem sua âncora no contexto vivido, fornecem-nos uma riqueza de informações que nos permite compreender processos históricos de uma maneira viva, pois os protagonistas das histórias viveram este passado e nele realizaram suas ações. Mais que um simples ordenamento de relatos descritivos de vidas, esta abordagem pode ser aliada ao processo de produção historiográfica, como portadora de um pensar novo que qualifica a memória e a história sob o ponto de vista do próprio sujeito histórico.

Elencamos para esse tópico três histórias familiares de judeus que vivenciaram momentos significativos, no que concerne ao processo de construção identitária do grupo. Dona Luna Cagy, com 93 anos de idade é representante da segunda geração de judeus que nasceram em solo amazonense. Oriunda de Manaus, filha de imigrantes marroquinos, sua história de vida nos ajuda a compreender as formas de organização desenvolvidas pela segunda geração e qual modelo de educação familiar e comunitária foi transmitida para a terceira geração, que é o nosso foco de pesquisa. Os outros dois são o Sr. Isaac Dahan e a Sra. Clara Azulay representantes da terceira geração de judeus amazônicos, nascidos nos estados do Amazonas e Pará, migraram para Manaus. Ambos são judeus atuantes na comunidade judaica do Amazonas, trabalhando inclusive na Sinagoga de Manaus, onde Isaac Dahan desenvolve a função de shaliach chazan oficiante religioso, e Clara Azulay secretária do CIA-Comitê Israelita do Amazonas.

Estas memórias mostram elos na cadeia da história que transcendem o espaço familiar, envolvendo pessoas que fazem parte da vida daquele que tem uma experiência mais longa. Cenários, pessoas, ambientes específicos, e os sentimentos surgidos ao longo da conversa, sintetizam o que significou cada experiência vivida por nossos entrevistados. Embarcar nestas histórias é captar os registros da presença de uma comunidade viva, pulsante, e muitas vezes desconhecida, onde mortos e vivos deram sua devida parcela a construção de suas identidades.

“Em Parintins, foi onde eu vivi melhor, lá eu fui feliz” (Luna Cagy)

Aos noventa e três anos, e com uma excelente lucidez, dona Luna Cagy usou estas palavras para iniciar a entrevista, lembrando-se do tempo em que ela e sua família moravam no interior. Filha de judeus marroquinos, contou-nos que seus pais chegaram no Amazonas, ainda jovens, por volta da primeira década do século XX.

Eles vieram do Marrocos, pai e mãe. Eu não sei a cidade, mas eu sei que a minha mãe com meu pai veio de lá. Ela veio muito jovem, parece com quatorze ou quinze anos casada. Casou porque meu pai vinha pra cá pro Brasil, e como tinha medo que ele arrumasse outra né? Pra cá. Então, os pais dela, obrigaram ele a casar. Depois de quatro anos é que ela veio. (Luna Cagy, 2011)

O pai de Luna foi um imigrante atraído pelas políticas de imigração do país, que fazia uso da propaganda para chamar a atenção de trabalhadores estrangeiros. Ao chegar no Amazonas foi trabalhar com produtos de origem extrativista, comprando e vendendo na região do médio Amazonas. Seus pais foram morar em Tefé, e como sua mãe teve uma complicação no parto, Luna, filha mais velha de cinco irmãos, nasceu em Manaus. Permaneceu no interior até os vinte anos de idade, vivendo sua infância e juventude naquela cidade. Falando da distribuição familiar do trabalho, ela menciona que quando o seu pai fixou-se como comerciante, seus irmãos passaram a trabalhar com ele no comércio, e ela, a irmã e a mãe, restringiram-se as atividades domésticas.

E os filhos ajudavam o pai?

Meu pai ficou no Arari, os homens ajudavam no comércio, o mais velho, Deus o livre!

E a Sra. fazia o quê?

Nada (risos). Minha mãe só trabalhava em casa, e eu só trabalhava em casa, eu cozinhava, eu costurava pra nós, pra casa, pros meus irmãos, pra minha mãe. Depois que meu pai morreu, eu não deixava mais minha mãe entrar na cozinha era só eu. Porque ela ficou triste né? (Luna Cagy, 2011)

Como apresentado, a distribuição das atividades seguia o modelo de família patriarcal, em que os homens eram responsáveis pela manutenção familiar, desenvolvendo funções “fora” do ambiente doméstico, enquanto as mulheres estavam presas a atividades do lar. Esta forma de estruturação familiar não era própria dos judeus, mas de uma sociedade que ainda não pensava a mulher no âmbito das relações sociais de gênero, como ocorreu a partir da metade do século XX. No caso da nossa narradora, este modelo de família patriarcal, apreendido com os pais ganhou uma dimensão concreta em sua vida familiar. Quando questionada sobre o convívio com as pessoas de Parintins, ela nos disse:

O convívio era só na minha casa (risos). Eu não saía de casa, eu só vivia com meus filhos, meu marido. Meus amigos iam lá em casa. Mas eles iam mais por causa do meu marido, que era comerciante do que por causa de mim que não saía de casa. Eu não gostava de sair não, eu sempre fui assim, desde nova. Eu gostava de estar em

casa com meu marido, com meus filhos. Até roupa era o meu marido que escolhia pra mim.

E a Sra. confiava tanto assim no gosto do seu marido?

Eu só gostava do que ele comprava pra mim (risos). (Luna Cagy, 2011)

Contemporânea de uma cultura em que as mulheres não possuíam uma participação social mais ativa, a sua vida se passou em sua maior parte dentro da sua própria casa, cujo convívio por excelência era com os familiares. Esta atmosfera de dedicação ao lar, proteção, e dependência da família, fez com que ela elegesse essa fase como a mais significativa da sua vida. Suas lembranças são carregadas de saudosismo, de um tempo em que ela e a família viviam todos juntos, pois, para ela o sentido de uma vida feliz estava naquele modo simples e obsoleto.

Tudo me marcou, lá eu fui muito feliz, eu me casei no civil e religioso, foi mandado trazer o oficiante daqui. Eu tenho saudade demais de Parintins, lá eu vivia com os meus filhos. Aqui eu perdi meus quatro filhos homem, e lá eu tinha todos, o meu marido... Eu morava junto com as minhas cunhadas, e depois meu marido abriu uma porta e a gente foi morar do lado, mas era a mesma casa. Já em Manaus meu marido ficou esclerosado e eu passei dez anos lutando com ele. (Luna Cagy)

A melhor fase da sua vida foi ao lado dos familiares, que davam significado a sua existência. Este era o sentido da sua experiência, que não iniciou com o casamento, mas, já trazia uma influência da sua experiência familiar passada. No entanto, sua condição de sujeito histórico não se encerrou dentro de uma família tradicional patriarcal, pois, o fato de não possuir uma atuação social mais expressiva não significou que não tivesse suas próprias ideias e opiniões. Ao se referir sobre os casamentos mistos que na sua época eram rejeitados por algumas famílias que não aceitavam a quebra desse valor, ela soube expressar muito bem seu ponto de vista:

Eu nunca fui contra, meu marido que falou para um namorado da Esther, quando ela tinha quinze anos, que era melhor eles se separarem porque ele era católico e ela judia, mas só depois que ela ficou sabendo. Mas eu sempre fui contra isso, porque eles se gostavam né? E ela acabou casando com católico, o Abraham, o Messias também casaram com católicos. A nossa família, também era contra, mas não tinha muito judeu pra casar em Parintins. Mas tinha uma família que foi contra mesmo. (Luna Cagy)

Independentemente das estruturas sociais e institucionais, os indivíduos, dentro das suas possibilidades, forjam modos alternativos de defesa, resistência, contra resistência, escapes, enfim, são sujeitos históricos ativos, capazes de sobreviver à conjunturas e estruturas específicas. Dona Luna Cagy é um exemplo de quem fez uso destes modos alternativos. Sua narrativa da vida familiar nos ajuda a repensar hoje, após quase um século de vida, as formas de organização familiar, as marcas deixadas pelos antepassados nas relações presente e nos meios de superação de formas de dominação que estão presentes em todas as culturas. Como bem escreveu o historiador JACQUES LE GOFF (1998) “a memória, onde nasce a história procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que, a memória sirva para a libertação e não para servidão dos homens.” (p.477)

Eu cresci vendo, o vendo ensinar aos outros e a mim também! (Isaac Dahan)

Entrevistamos o líder religioso da Sinagoga de Manaus, Sr. Isaac Dahan, que desempenha a função de shazan, responsável pelas celebrações religiosas, casamentos, bar mitzvah, berit milá e toda vida espiritual da comunidade judaica. Seu pai representante da família Dahan imigrou da cidade de Rabat a convite de um tio que já trabalhava no estado do Pará, e sua mãe, pertencente à família Fima, imigrou da cidade de Tutuan. A motivação desta migração, tanto da família do pai como da mãe, foi à procura de novas oportunidades.

Ele veio para o Brasil em 1910, quando ele tinha 18 anos de idade. E já veio a chamado de um tio dele, que já estava no interior do Pará, trabalhando. Achava que ali teria um futuro melhor que lá no Marrocos, porque essa imigração ela foi familiar, ela começou muito antes do ciclo da borracha, começou em 1810. No caso do meu pai sim, ele veio quando a borracha já estava caindo em 1910. (Isaac Dahan)

Pensar a migração fora do contexto econômico da borracha, ou tentando não tomar como condição previa, talvez seja um dos paradigmas mais urgentes a serem quebrados na historiografia. Até aqui, a maior parte das discussões que envolvem contextos migratórios para a Amazônia durante o século XX, tomaram o aviamento do látex como a principal, se não a única motivação para o fenômeno migratório.

Mas porque o Brasil e não Portugal, Espanha? Porque a Amazônia e não o sudeste? Porque esta imigração fez este percurso e não o outro? Bem, no século XIX, Portugal protagonizou a primeira experiência liberal do estado moderno, permitindo o livre comércio

do Brasil com a Inglaterra. Isto por sua vez atraiu muitos estrangeiros para o país, que estavam impossibilitados de comercializar por causa do bloqueio continental, além de que as leis brasileiras se comparada a outros países eram muito mais flexíveis com os estrangeiros. A escolha pela Amazônia pode ser explicada por razões como a facilidade de apropriação de terras, possibilidades comerciais, associadas à ideia do “eldorado perdido”, que há muito tempo povoava a mentalidade de estrangeiros.

Obviamente que a economia extrativista não deixou de ter o seu atrativo, no entanto, se pensarmos que a imigração judaica iniciou muito antes da belle époque amazônica, e não parou de acontecer, mesmo quando a Amazônia perdeu para os ingleses seu status de maior exportadora de látex, começamos a visualizar novas possibilidades de entendimento. O contexto social dos judeus marroquinos no oriente pode ser encarado como uma das possibilidades de motivação para a atitude de imigrar. O pai do nosso entrevistado é um desses judeus que decidiu vir para a Amazônia, mesmo com a depreciação da borracha, o que significa dizer que existiam também outras práticas possíveis de economia. O próprio extrativismo, não se reduzia apenas a borracha, pois, sabemos que existiam outros produtos de interesse tanto nos mercados locais como internacionais²⁵.

Após o casamento, os pais de Isaac Dahan se mudaram para a cidade de Alenquer no Pará, onde viveram até a década de 50, quando ele ainda tinha dois anos. O motivo da terceira imigração foram problemas de visão que afetaram o seu Shalom Dahan, fazendo com que toda a família se mudasse para Belém.

Em 1950 ele ficou completamente cego. Era glaucoma, atrofia do nervo ótico, descolamento de retina as coisas que o diagnostico não era tão bem feito na época. Ele perdeu completamente a visão, as duas vistas, ficou completamente cego e teve que se transferir pra Belém [...].E essa é a nossa história, eu cresci dentro da comunidade judaica de Belém, nas duas sinagogas que tinham em Belém, dentro do Grêmio Azul e Branco, da juventude, e cresci ali. (Isaac Dahan, 2010)

A transferência da família Dahan para Belém trouxe várias mudanças e possibilidades para nosso narrador. Em Belém ele passou a viver uma dimensão de vida espiritual comunitária que foi indispensável para sua formação religiosa, além de torná-lo apto a responder as demandas da comunidade que posteriormente surgiram. *“E depois eu vim pra Manaus, o tema da minha vida comunitária foi essa. Eu aprendi tudo isso lá em Belém, na realidade, foi a*

²⁵- Os produtos naturais explorados historicamente na Amazônia, entretanto, não se restringem à borracha. O cacau, a castanha, a balata, a sorva, o pau-rosa, a copaíba, a andiroba, o puxuri têm um significado importante para a compreensão da economia e da sociedade da região.

grande escola judaica” (Dahan, 2011). Tema da vida comunitária este foi o sentido da sua vivência nas instituições judaicas como as duas sinagogas, o Clube recreativo Azul e Branco, e no convívio com os mais velhos considerados por ele como “sábios”.

Este aprendizado foi primordial para que hoje respondesse como shazan, da comunidade de Manaus. À exemplo do pai que apesar da limitação física, tinha gravado na memória as orações e parte da torah, tornando-se conhecido por muitas pessoas que o procuravam para pedir orientação, conselhos, estudos bíblicos, Isaac aprofundou seus conhecimentos religiosos na própria comunidade. Mesmo que na época houvesse a ausência de escolas rabínicas, ele não deixou de receber orientações que o educaram para exercer a liderança, seja por parte do pai, ou dos mais velhos que viviam nas sinagogas.

Essas pessoas que me ensinaram, inclusive meu pai, que apesar de cego, ele conhecia praticamente tudo de có. As orações todas, grande parte da torá, muita, muita coisa. As pessoas iam lá em casa estudar com ele, eu cresci vendo, o vendo ensinar aos outros e a mim também. E eu cresci assim, aprendi na realidade isso, não foi com um rabino. (Isaac Dahan, 2010)

É inegável a influência do pai no seu projeto de vida, simbolizando o modelo de um homem de fé, que exerceu preceitos morais e religiosos, mesmo diante da condição que se encontrava. “*Eu cresci vendo isso...*” Esta foi a frase mais recorrente do Sr. Dahan durante a nossa entrevista, fala de quem testemunhou, viu, sentiu, ouviu e vivenciou momentos que para o narrador, possui forma, cor, cheiro, sentimento. Benjamim (1994) destacou que a matéria do narrador é a vida humana, e como tal, essa matéria arrasta as pessoas que pertencem a memória.

Eu cresci vendo o meu pai cego, levando-o a sinagoga, que era o lugar onde ele mais ia... Levando na casa dos amigos, que ele visitava os amigos dele. E eu que o guiava, eu e o meu irmão, e uma irmã de criação que eu tinha. Nós crescemos vendo isso. Vendo aquele grande exemplo de resignação pela doença, um homem muito ativo que aos cinquenta e poucos anos ficou completamente cego, uma resignação e ao mesmo tempo uma grande fé em Deus, uma grande força que o levou a continuar, nessa batalha. Ele transformou o trabalho dele em um trabalho de ensinamento, muita gente, muitos jovens, adultos, passaram pela minha casa, e eu via, eu acompanhava isso, vendo ele ensinando, conversando, explicando duvidas de passagens bíblicas, da Torá. Eu cresci vendo isso, e esse aprendizado, eu aprendia com ele e aprendia com outros velhos, sábios que tinha na comunidade. Esse aprendizado muitas vezes, ele vale muito, equivale um estudo de uma universidade, de uma escola rabínica ou algo assim. Porque o ensinamento grande de uma comunidade, da vida de uma comunidade são as leis e tudo. (Isaac Dahan, 2010)

Esta narrativa dispensa longas explicações, pois revela em síntese todo um aprendizado de uma vida, onde o pai expressava seus ensinamentos em ações, que atuavam de maneira simbólica e que na maioria das vezes se transformavam numa sentença, que as completavam ou contribuía para sua interpretação. O interessante é notarmos que apesar da memória estar sujeita a flutuações e reelaborações, o narrador se desloca no tempo, narrando suas lembranças como se estivesse vivendo nelas. Sabemos, pois, que essas reminiscências são releituras do passado, e a experiência presente influencia sobremaneira.

Aqui em Manaus, lá em Belém eu já atuava na sinagoga, eu já ajudava os mais velhos, eu já era um oficiante religioso, jovem ainda, eu tinha vinte anos e poucos. Na realidade, o meu pai mandou escrever num livro, parece que foi 25 de outubro de 1962, quando eu fui oficiante pela primeira vez, de todo um ofício religioso, de um ofício na manhã de sábado. Eu tinha 14 anos e 5 meses de idade, quando eu comecei, eu era um menino. Então isso tá anotado, meu pai era vivo, muito alegre, contente, mandou escrever, que ele não podia escrever, porque era cego. Eu escrevi com minha letra de criança, foi a primeira vez... A partir daí eu comecei a officiar uma coisa e outra, aprender mais isso, mais aquilo, e continuei. Na sinagoga lá de Belém, na sinagoga Eshel Abraham, na avenida campos Salles. (Isaac Dahan)

A oralidade é um aspecto fundamental para a formação do sujeito. Ela foi reconhecida pela história por causa do valor da memória. Assim, é através da palavra que o passado é tirado do seu esquecimento e silêncio. Esta capacidade articula tempos e lugares, entre passado e futuro de forma convincente, em que recebemos a direção e a orientação quanto ao tempo passado. A “missão” de Isaac para o ofício religioso foi despertado pelo pai, quando ainda era muito jovem, atualmente essa carga missionária ganha sentido com a releitura do seu passado. A descrição da imagem do pai contente com as suas escolhas mostra o quanto isso foi estimulante para que abraçasse a causa.

Eu poderia ter em medicina crescido mais. Em termos de conhecimento não, eu digo realização profissional, financeira ou algo assim. Mas, nunca foi em primeiro plano; em primeiro plano ficou a comunidade e os assuntos comunitários. Mas, eu estou muito satisfeito com isso, muito gratificante isso. Me sinto muito bem com isso. Não importa que materialmente não é o que todo mundo deseja, mas o que importa é que espiritualmente em termos de convivência comunitária, de convivência com a comunidade maior de Manaus, com outras religiões, com outras do modo geral. Eu sempre respeito, nós temos um único Deus, mas ele tem mais de um povo. Todos somos filhos dele. (Isaac Dahan, 2010)

Além de oficiante religioso, seu Isaac Dahan também é médico, mas, prefere ser conhecido pela sua função de chálach. Para ele sua experiência religiosa não o coloca na condição de alguém que exerce uma função representativa, administrativa ou formal, mas significa uma condição de existência. O compromisso do mestre representado especialmente

pelo pai, em ensinar os valores concernentes a uma cultura religiosa, mostrou ao aprendiz, através da experiência dialógica, que o conhecimento tem uma finalidade tanto social quanto existencial na formação do sujeito.

A maior parte da sua narrativa está associada a eventos da vida religiosa judaica, o que por sua vez não significa que ele vive apenas espelhado nessa dimensão. Acreditamos que o fato da nossa entrevista ter ocorrido na Sinagoga “Beit Chabad”, colocou nosso narrador na atitude/condição de um representante religioso. Mas, apesar desse detalhe operativo, conseguimos uma informação importante sobre sua mãe, que inclusive nos permitiu um comparativo com a história de vida de dona Luna Cohen:

Ele estava completamente cego. Aí as coisas, recaiu tudo nas costas da minha mãe. O pouquinho que ele ainda tinha, foi gastando e tal [...]. Sim, o pouquinho que tinha, a mamãe começou a trabalhar, a fazer comida, cortes. Vendia, as pessoas comiam lá em casa, encomendas e assim eles nos criaram. (Isaac Dahan, 2010)

Como já tratado, os judeus da segunda geração nasceram no início do século XX, e sua formação moral, juventude, casamento, família, correspondem às construções sociais daquele contexto histórico. Quando ratificamos que dentro das suas possibilidades, os indivíduos constroem formas distintas de responder a determinadas situações de silenciamento, conflito e subordinação, é porque acreditamos em sujeitos históricos de atuação. Na história de Isaac, encontramos um caso, em que sua mãe Esther Dahan precisou assumir a chefia de uma família, ainda jovem e inexperiente. Sua mãe certamente recebeu uma educação patriarcal, semelhante à de dona Luna, mas, conseguiu superar as dificuldades rompendo inclusive com uma cultura que colocava a mulher como agente passivo.

Eu me casei muito nova também... (Clara Azulay)

A narração oral trazida pela voz transmite uma forma muito mais espacial e simbólica, do que temporal, pois quando ouvimos o movimento da linguagem com suas imagens de lugares, pessoas, representações, também nós pesquisadores somos lançados para um campo de correspondência entre o passado e presente. Foi isso, que a história de vida de dona Clara Azulay provocou em nós, pois sua linguagem é tão rica de movimentos que percebemos a revelação da sua experiência através das palavras.

Aos oito anos de idade Clara Azulay já era órfão de mãe e pai, e ela e o irmão passaram a ser criados pelas avós. O irmão ficou sob a responsabilidade da avó paterna e Clara ficou sob a guarda da avó materna. Sua mãe faleceu quando ainda tinha sete meses e seu pai, oito anos depois, foi vítima talvez de uma infecção ou embolia pulmonar. A dificuldade começou, quando seu avô foi atentado por um homicídio em Itacoatiara.

Depois que ela faleceu ai a minha avó ficou lá, nessa mesma casa passou só uma segunda viagem ou terceira viagem que meu avô fez no interior e ai ele foi assaltado, e aí mataram ele no interior. Roubaram tudo do comercio do batelão. Quando veio a noticia, que foi falar pro delegado de policia e ai prenderam o ladrão. Prenderam, mas prenderam lá não veio pra Manaus. Ai uma pessoa, uma senhora lá foi que viu que encontrou a pessoa morta. Lá num lugar lá do interior, não sei se foi no matagal, não sei aonde foi. E ela conheceu que era do batelão tal, certo? Que vendia isso e aquilo. Ai que foi que aconteceu... Um outro senhor que também era de lá, foi, veio e trouxe a notícia e tudo. (ClaraAzulay, 2011)

A morte do avô, pouco lembrado por Clara que na época era apenas uma criança, deixou sua avó, que naquela circunstancia já tinha assumido o seu papel de mãe, numa situação financeira muito difícil. A casa que moravam na rua Visconde de Porto Alegre em Manaus precisou ser entregue, pois não tinham condições de pagar o aluguel.

Ai a minha avô saiu daquela casa e veio morar mais embaixo, até hoje eu tenho umas amigas que moram lá, as pessoas e a casa ainda existem. Que foi uma sala que eram de judeus que cedeu pra ela morar, morava eu, minha avó e esse meu tio que era filho dela que ficou. Esse meu tio trabalhava, naquele tempo tinha bonde e ele era fiscal dos bondes que era da... De uma companhia inglesa que tinha, e ele tinha competência né? E ficou como fiscal dos bondes. E ai passou, passou ele cresceu minha avó já saiu de lá e veio morar onde e a casa do óleo na Sete de Setembro, ainda existe a casa do óleo era uma casa de ponta a ponta ate lá na primeira ponte. Era vila de casas a minha avó ficou morando comigo lá. O meu tio ele viajava muito pra Belém. Em Belém ele conheceu uma fulana e ficou morando pra lá, casou ficou pra lá, ai ficou só eu e ela. (Clara Azulay, 2011)

O apoio da comunidade judaica foi essencial para superação das dificuldades materiais enfrentadas por Clara e sua avó. Durante essa fase ruim, os judeus se solidarizavam, prestando ajuda financeira e cedendo espaços para que pudessem morar. Esta característica de ajuda mútua foi bastante utilizada entre a comunidade durante a migração. Aqueles judeus que já estavam na Amazônia e possuíam uma estabilidade financeira, acolhiam os recém-chegados. Esta pratica não era válida apenas para parentes, mas para todo judeu que estivesse

necessitando de assistência material²⁶ e não tinha referências no Brasil, ou seja, ainda não possuíam família no Estado.

Vivia assim... Minha avó fazia, a comunidade ajudava. Eu estava no patronato de santa Terezinha não pagava colégio estudando lá [...]. Depois o que aconteceu? Fomos pra... Ficamos lá morando, aí na Joaquin Nabuco. Já existia duas judias morando que era dos Assayag, agora ela já até faleceu, com cem anos ela faleceu. E nos ficamos pra lá: - Ah dona Léo venha morar aqui, e olha o que eu tenho aqui... E o porão da casa era habitável tinha sala quarto cozinha tinha tudo sabe? - Nós estamos aqui em cima, mas a senhora pode ficar aqui em cima. Deixe suas coisas todas aqui... Ela tinha as mobílias dela né? Cadeiras, cama, ainda aquelas camas antigas de ferro, toda de tela de ferro. Tudo ela tinha, guarda-roupa... E aí nós passamos pra lá, e aí nós ficamos lá... Eu estudando no colégio ela costurando pra fora. Fazia camisa de homem né? O meu tio tinha uma lojinha logo em frente à casa onde a gente morava e minha e avó paterna também costurava. Mas ela não podia costurar, eles tinham a loja ela tinha a cozinha pra fazer. Antigamente as mulheres não trabalhavam. Só em casa né? Então minha avó tinha seis, sete, oito filhos né?

Depois que o tio se casou e mudou-se para Belém, dona Clara e a avó encontraram um novo rumo, tornando-se hospedes da família Assayag. Além da ajuda recebida pela comunidade, sua avó também costurava para fora, na tentativa de aumentar sua lucratividade. Quando nos relata que sua avó materna costurava para ajudar no sustento do lar, ela lembra também que sua outra avó (paterna) também sabia costurar, mas não exercia a atividade porque precisava cozinhar para os filhos, já que trabalhavam no comércio. Foi nesse novo ambiente, quando ela já era uma moça, que dona Clara vivenciou um dos momentos mais difíceis da sua vida, que foi o seu casamento.

“Eu me casei muito nova também”, assim que nossa entrevistada, fazendo alusão à vida de sua mãe definiu seu casamento.

A senhora vai me contar sobre esse seu casamento:

Foi fogo pra casar (risos). Não queriam porque o meu marido era católico, não era judeu. Foi difícil, difícil mesmo... Mas difícil, ficou assim. Naquela época Deus o livre, uma moça judia com o católico, menina! O mundo desabava em cima dela, mais desabava mesmo. Pois é, eu me casei. (Clara Azulay, 2011)

Selecionamos esse trecho da entrevista por acreditarmos que Clara faz uma relação direta da sua vida com a de sua mãe. No início da sua entrevista quando nos conta da história do seu núcleo familiar, ela lembra que sua avó, a mesma que anos depois vai se opor ao seu

²⁶ - Em Belém foi fundada uma Sociedade Benficiente Israelita de ajuda mutua para auxiliar os recém-chegados. No Amazonas, este auxílio era feito por meio das famílias que agregavam esses “patrícios.”

casamento, também não aceitava o casamento de sua mãe com o seu pai, por causa da juventude:

Aí o que aconteceu? Ela ficou gostando do meu pai e casaram, porque antigamente os judeus eram assim: Ah! gostou? Então, não tinha coisa de namorar anos e anos pra conhecer, não tinha nada disso ah! Casou? Casa pronto! Fizeram o casamento, a minha avó materna ela não queria porque a minha mamãe era muito nova, então ela achava que não devia e tal, mas casaram. (Clara Azulay, 2011)

É claro que a situação da nossa narradora era bem mais difícil, pois, a questão não era apenas a sua juventude e inexperiência, mas principalmente sua união com um católico, que do ponto de vista religioso era incorreto. A Toráh proíbe explicitamente o casamento misto, com base na quinta parte, do livro de Deuteronômio, 7: 3-4: “E não te aparentarás com eles: tua filha não darás a seu filho, e sua filha não tomaras para teu filho, porque ele desviará teu filho de me seguir, e servirão a outros deuses, e crescerá a ira do eterno sobre ti, e ele te destruirá depressa.” Este principio é tomado pela Lei rabínica até nos dias de hoje como orientação para judeus que desejam se casar.

Bom, quando eu me casei pronto. Eu resolvi namorar, agora pra casar não foi fácil. Não podia me pedir em casamento porque não gostavam, e eles queriam que eu terminasse e eu não terminei de jeito nenhum eu não terminei. Eu continuei fui, fui namorando, namorando. Conclusão, quando foi um dia uma vizinha de casa ai disse assim: - Olha Clarita tu não vai casar? - Menina, como que eu vou casar? Só eu e minha avó, e eu vou-me embora. Não, mas tu casa não paga nada é lá no tribunal. Eu casei no tribunal e serviram de testemunhas esses vizinhos. Ai eu casei e pronto.

A Sr. Casou escondido?

Escondido! Daí pronto, mas depois a minha avó não queria nem me ver. Mas depois me viu, porque precisou né? (risos). Mas a outra minha avó paterna não quis me ver nem por nada. Aí ficou pra lá a família toda, pra lá, só uma tia minha que até hoje gosta muito de mim. (Clara Azulay, 2011)

Clara se casou com um português de nome Liberal em 1940, quando tinha apenas quinze anos de idade. Casamentos mistos eram frequentes na história dos judeus, principalmente nos interiores onde as comunidades eram reduzidas, e o grau de complexidade de suas organizações também eram menores. Todavia em Manaus já existia uma sinagoga, com oficiante religioso, práticas institucionalizadas, ou seja, uma comunidade mais sólida do ponto de vista organizacional e mais normativa do ponto de vista moral. Em plena década de 1940, Clara teve a coragem de contrariar a moral religiosa da comunidade que contribuiu diretamente com a manutenção econômica de sua família. O casamento de nossa narradora foi

uma decepção para maioria dos seus familiares e para sua comunidade religiosa. No entanto, ela ousou desafiar!

Antes de mim, eu tinha 12 anos, eu me lembro tão bem como hoje [...].Tinha uma família judia mesmo que morava na Lauro Cavalcante, eu me lembro até da casa. E ela tinha três filhas moça e dois rapazes. Muito religiosa né? E era amiga da dona Alegria, da mãe dessas moças que eu convivia muito [...].Quando nós soubemos: Olha, sabe a filha da Mirian? Tá namorando com católico. Aí meu Deus do céu! Aquilo... O mundo desabou! E agora o que se faz? E olha que o cara tem dinheiro, filho de português, que antigamente tinha muito português aqui. O português é rico. E o que aconteceu casou a menina com o português. Minha filha... Parece que foi a morte dela, até cortina de preto ela botou. Ela pintou a casa de preto. E um diluvio fez a mulher, e ela chorou, chorou... - Vai ver a casa da Mirian, ela tá de preto chorando parece que a menina faleceu. E eu fiquei assim, né?... Puxa! Mas, eu estudo em colégio de freira e não é assim. Menina era por causa da religião, não era por causa das pessoas. (Clara Azulay, 2011)

Apesar de hoje ser considerada uma comunidade tradicional liberal, nos anos 40 as famílias procuravam seguir a risca as leis rabínicas reprovando os casamentos mistos. Situações como de Clara representavam uma negação da comunidade e dos seus valores. No entanto, nossa entrevistada continuou ligada ao judaísmo participando/ praticando e vivenciando suas convicções, mostrando-nos que a experiência religiosa e a identidade religiosa não são fixas, mas possuem suas variações. Sua condição não a tornou menos judia, ao contrário, sua vivencia ajudou a comunidade e instituições como a família, repensarem valores, contribuindo assim, para que gerações futuras aprendessem com sua experiência e consolidassem uma vivência religiosa a partir da prática da liberdade.

Estas histórias de vida nos permitem pensar a identidade judaica a partir da vivência do cotidiano, onde os acontecimentos vivenciados por nossos entrevistados os colocam de encontro com suas construções culturais, ideológicas e sociais. Este encontro nem sempre é convergente, pois pode colidir com atitudes sociais de lutas e disputas, que por sua vez são fatores de mudança e movimento fazendo com as identidades estejam numa fronteira, que oscila entre o ser e o vir- a ser.

3.3- Identidade em construção: negociando identidades étnicas

Ao discutir a negritude como signo das políticas culturais que disfarçadamente tentam instituir uma unidade cultural negra, Stuart Hall (2003) observa que “somos sempre diferentes e estamos sempre negociando diferentes tipos de diferença” (p.346). Para ele, nossos antagonismos estão num campo de disputa por uma identidade que jamais será alinhada.

Simplesmente porque nossas diferenças não se aglutinam ou se reduzem em um único eixo de diferenciação, pois as negociações se dão no âmbito de uma série de posições diferentes.

Reforçando esta perspectiva de identidades que se forjam a partir da diferença, Jeffrey Lesser (2001), assim como Hall (2003) também compartilha da noção de identidades negociadas, especialmente no contexto das migrações internacionais. Segundo este autor, existe um hífen oculto a ser analisado na identidade das minorias étnicas no Brasil, que fez com que alguns imigrantes pouco desejáveis fossem aceitos pela elite brasileira, altamente racista e discriminatória. Estas identidades hífenizadas são identidades negociadas em que o imigrante, de acordo com suas necessidades, faz uso, tanto de sua cultura pré-migratória, como da cultura pós-migratória no qual estão inseridos.

Longe de ser uma aglutinação a identidade judaica corresponde a diversas matrizes, que não são homogêneas. Os nossos judeus amazonenses tem uma ascendência sefaradim-maaravim, porque possuem raízes espanhola e marroquina. E para aqueles que nasceram na Amazônia brasileira são judeus brasileiros com ascendência não apenas na cultura espanhola ou marroquina, mas também na cultura brasileira amazônica. Para compreendermos um pouco mais dessa identidade que está em movimento, se constituindo no cotidiano e na vivência da comunidade através de conflitos e negociações, abordaremos nesse tópico alguns elementos da memória dos nossos entrevistados.

Lembrando-se das palavras de Hall (2004) “estamos constantemente em negociação, não com um único conjunto de oposições que nos situe sempre na mesma relação com os outros, mas com uma série de posições diferentes. Cada uma delas tem para nos o seu ponto de profunda identificação subjetiva” (p.346). Neste sentido, vejamos o que esta identificação subjetiva presente na memória pode nos ajudar a melhor compreender a negociação e construção da identidade judaica amazônica.

Começamos pela história de Rabi Shalom Moyal, conhecido em Manaus como “Santo Rabino Milagreiro”. Esta história rica e inusitada ganhou o mundo, sendo divulgada por vários jornais da imprensa internacional. A comunidade judaica de Manaus conta que Moyal, foi enviado para a Amazônia no Brasil pelo chefe da comunidade judaica do Marrocos, no início do século XX. O objetivo era tentar reaproximar do judaísmo, os judeus desta região, que estavam pouco a pouco abandonando seus costumes. Entre 1908 e 1910 quando faleceu, ele teria prestado orientação rabínica às comunidades interioranas.

Ocorreu que o rabino foi acometido por febre amarela levando-a falecer em 1910 em Manaus, e dona Cota Israel uma jovem quem cuidou de Muyal até os últimos momentos de sua vida, possivelmente passou a ter o dom de curar enfermos com distensões musculares, entorses e problemas de coluna. As pessoas associavam as habilidades de dona Cota a uma bênção de Deus por ter dedicado seus dias para cuidar do rabino. Não sabemos dizer exatamente qual a origem do mito, mas sabe-se que Rabi Muyal foi considerado “santo” por uma meia dúzia de católicos que teriam alcançado alguma graça por intermédio do rabino.

Seu tumulo passou a ser lugar de peregrinação, e algumas placas de mármore em agradecimento à graças e curas alcançadas foram afixadas em volta de sua sepultura, que encontra-se no Cemitério São João Batista em Manaus. Como na época a comunidade de Manaus não dispunha de um cemitério próprio o rabino foi enterrado no cemitério católico recendo apenas um muro em volta de sua sepultura para diferenciá-lo dos demais. Em cada placa existe a indicação do "milagre", com a data em que foi realizado e a frase "Graça Alcançada". Foi vendo estas placas que a comunidade judaica de Manaus descobriu que o Ribi Muyal estava virando "Santo Milagreiro" para alguns católicos da cidade.



Figura 09: Sepultura de Rabi Muyal, localizado no Cemitério São João Batista em Manaus-AM.

Fonte: Blog Amazônia Judaica

Sabemos que o judaísmo, não aceita milagres de viéis humano, apenas os de caráter unicamente divino. Mas, no caso do rabino Muyal existe uma passividade de compreender respeitar e aceitar a credence popular. Não se trata aqui de dizer que a comunidade acredita na sua natureza milagrosa, mas permite que os “outros” pensem como quiserem. Poderíamos nos questionar: O que levaria a comunidade de Manaus aceitar passivamnete a crença no Santo

Milagreiro? Tentando encontrar uma resposta, lembramos-nos do contexto de uma telenovela da década de oitenta chamada Roque Santeiro²⁷. A trama se passava numa cidade fictícia onde há 17 anos um coroinha artesão fazedor de santos morreu em defender a cidade das mãos de bandidos. Santificado pelo povo, tornando-se um mito, fez prosperar a cidade ao redor de sua lenda. Acontece que o coroinha chamado Roque não estava morto, e sua volta ameassava os poderosos da cidade que sobreviviam da exploração do mito.

Longe de ser uma ficção, e com conjunturas políticas e sociais bem distantes da telenovela, nosso “Santo Milagreiro” possui um ponto comum com Roque Santeiro, a exploração do mito. A postura de tolerância e entendimento da crença popular, decorrido um século após o seu falecimento contribuiu para criar um clima de conciliação entre a comunidade judaica e a comunidade manauara. Esta convivência harmoniosa, que é tomado como exemplo de um bom relacionamento religioso no Brasil, inclusive já foi amessado, mas sem sucesso.

Na década de oitenta um sobrinho de Rabi Muyal que era membro do governo israelita, solicitou o traslado de sua sepultura para Israel. O Comitê israelita do Amazonas representante da comunidade judaica informou a impossibilidade de tomar tal atitude que consequentemente comprometeria o bom relacionamento religioso conquistado com a população manauara. Isto mostra que existe também um interesse da comunidade judaica em preservar a figura lendária do “Santo Milagreiro”. Mas, para não fazer um julgamento da comunidade sem ouvi-la procuramos no seu representante maior a resposta para nossa pergunta inicial.

A crença no “Santo Milagreiro” não provoca uma inquietude, um descontentamento na comunidade, ao ver um judeu sendo cultuado como santo?

Muito pelo contrário, eu acredito que ele está aí até nos ajudando... (risos)... Sabe, ele está aí até ajudando a comunidade. O relacionamento com a comunidade geral de Manaus é o melhor possível. Nós crescemos juntos, nós estamos em quarta, quinta geração de amazônia, nascidos aqui. Não podemos nem sequer transferi-lo para o nosso cemitério que fica ao lado. É essa história do rabino que está ajudando a comunidade. Nós vivemos muito bem e mostramos para os outros as coisas do povo judeu, que são amazonenses. Então o que a gente pode mostrar, estamos aqui. Eu acho até que ele está nos abençoando muito. Viva ao santo milagreiro! (Isaac Dahan, 2010)

²⁷ - A telenovela foi escrita por Dias Gomes e era transmitida no horário das vinte horas, na Rede Globo.

O depoimento de Dahan aponta os benefícios trazidos pela crença à comunidade manauara. E isto nos leva a pensar na credence popular e na sua aceitação como parte do processo de negociação das identidades étnicas. Todavia, isso não exclui posturas preconceituosas e discriminatórias presentes na sociedade amazonense, mas, permite pensarmos em estratégias criadas pela comunidade para superar ambientes de disputa e hostilidade. Como exemplo destas estratégias, temos a história do Sr. Moyses Cohen, lembrada por sua filha Julia.

Quando eu vim de lá pra estudar aqui, não tinha ainda nem o colégio lá, desse nível que eu já tava. Fizeram o colegio Nossa Senhora do Carmo lá. Aí o meu pai colocou os meus irmãos lá, porque nessa época, ele já estava mais velho, e não podia mais mandar pra cá e tal. Aí, alguns deles ajudavam o meu pai também, no comercio. Mas o meu pai se encomodava muito porque as freiras queriam que os meus irmãos rezassem. E é difícil judeu mudar de religião né? E os meninos... Ah! Menino novo não quer nem saber né? Ainda está na fase da educação, de construção da sua personalidade. Aí, ele mandou uma carta, para que eu fosse entregar aqui pro representante do ministerio de educação. Era o professor Agenor Ferreira Lima. Aí, eu na minha ignorancia, fui lá pedir uma audiencia com ele. Fiquei lá esperando. Quando ele chegou todo nervoso, ele era agitado, ele leu a carta, pedindo que meus irmãos fosse liberados, já que eles tinham o ensinamneto religiosos dentro de casa então precisava. Ah! O homem se aborreceu muito. Se não estivesse satisfeito que tirasse os meninos do colégio. E nessa época, a gente tinha que abaixar a cabeça. (Julia Cohen, 2011)

Na década de 50 o colegio Nossa Senhora do Carmo foi criado por iniciativa da igreja católica para suprir uma necessidade de escolas de nível fundamental em Parintins. A responsabilidade deste educandário era das freiras, irmãs vicentinas que tinham acabado de chegar à diocese para assumir a direção da escola. Os irmãos da nossa entrevistada precisaram estudar naquela instituição de ensino provocando uma insatisfação em seu pai por causa do ensino religioso obrigatório. Como tentativa de resolver esta insatisfação, seu Moyses Cohen escreveu uma carta ao secretário de educação do Amazonas sem muito sucesso.

No entanto esta história não se encerrou com este insucesso, pois, a narrativa de dona Luna Cagy, mãe de Júlia e esposa do Sr. Moyses, mostrou-nos a forma encontrada pelo judeu para resolução desta questão.

O meu marido escreveu uma carta, e ele tinha muita amizade com os padres. Porque antigamente na época da Joia, só entrava se rezasse, se ela quisesse ser madrinha de uma criança católica, não podia ser. Aí quando se ia para o Colégio, tinha que rezar. Aí ele falou com o Dom Archangelo, que já era época do Dom Archangelo, e quando iam pra igreja antes de estudar, ele mesmo, Dom Archangelo pedia pra os meninos se retirar. Na época que a gente fazia páscoa, na época de páscoa, que a gente fazia em casa, as pessoas iam, as pessoas que eram católicas iam, entravam em casa, participavam, parecia festa sabe? Então daí pra frente já não tinha mais, meu marido era muito amigo, dos padres das freiras. Na parte do colégio, não teve mais problema. (Luna Cagy, 2011)

A questão da família Cohen foi resolvida a partir da camaradagem, em que a os membros permitiam o acesso de pessoas não judias ao seu ambiente familiar, e assim, criavam-se laços de amizade e solidariedade entre os agentes envolvidos. Seu Moyses soube fazer bom uso das suas relações, e sutilmente conseguiu ganhar espaço, respeito e reconhecimento. Depois que sua família tornou-se próxima ao grupo clerical que dirigia o colegio conseguiria a dispensa dos seus filhos da aula de religião.

Situações como esta vivenciada pela família Cohen se repetiram em vários outros lares judaicos, e certamente foram driblados com a “política da boa vizinhanca”. Lembrando que a política não está presente apenas nos círculos de poder do estado, mas principalmente, na convivialidade das relações humanas, onde os homens criam formas de por em negociação seus projetos, ideias, e ideologias. Neste processo de disputa pela memória e identidade até o silêncio é válido. Ao falar do preconceito existente na história dos judeus, Isaac Dahan, de modo muito categórico negou qualquer forma de anti-semitismo na Amazonia, praticado pela população local. Para ele os resquícios anti-semitas são importações de outras realidades, trazidos principalmente pelas universidades.

A gente sabe que a Amazonia foi colonizada e desenvolvida por judeus, árabes, portugueses, espanhóis, nordestinos, italianos, japoneses, o nosso caboclo nativo daqui na maior convivência. Existem casamentos árabes e judeus antigos daqui [...]. Eles conviviam juntos, trabalhavam juntos no interior. A coisa muda um pouco de figura com outros que não quiseram essa história. Aí sim, passa haver alguma aminosidade, embora em Manaus não haja! Pessoas novas, gerações de agora, que não conhecem nada da história de seus antepassados [...]. Você pega as gerações novas e começa haver conflitos. Não podemos jamais, viu Ariadina, importar conflitos aqui para Amazonia. Muita gente tenta ...Tenta encontrar, na universidade a toda hora. Tentam importar o conflito pra inflamar a coisa e fazer criar formadores de opiniões e tudo, criar funções anti-semitas. (Isaac Dahan, 2010)

Para analisarmos esta narrativa precisamos esclarecer de que forma de preconceito estamos falando, pois, este existe em diversos modos. A história dos antepassados dos nossos judeus foi marcada por inúmeras práticas discriminatórias que não ficaram apenas no âmbito discursivo, mas se materializaram através da violência física. Ao se referir sobre as formas de preconceito e anti-semitismo na Amazonia Isaac Dahan tomou como parametro as formas de violência que se manifestaram nas forçadas conversões, expulsões, segregações e homicídios. Sob esse ponto de vista não tivemos na Amazonia um caso desta natureza, mas se, considerarmos o preconceito em suas formas simbólicas que incluem discursos, piadas e constrangimentos encontraremos vários relatos.

Continuando sua narrativa dona Luna completa:

(...) Mas quando a gente ia pra algum lugar, falavam assim: Ah! Judeu assassino matou Cristo. Quando eles mexiam comigo, eu dizia: ele é meu patrício! Pois Cristo não era judeu? Tem o caso do meu filho, que foi ser padrinho de uma criança. Aí quando chegou lá o padre: - Não pode ser, não sei o que... Tiraram da cabeça dele, aí disseram que ele não podia fazer o batizado porque ele era judeu né? Então, ele viu o Cristo lá, e falou: - Bem se eu não posso entrar, Cristo também não pode, pode tirar ele daí. Aí o padre deixou ele ficar... (Luna Cagy, 2011)

Viver em localidades cujo predomínio era da religião cristã, expressa quase sempre em sua forma católica não era uma tarefa tão simples para os nossos judeus. Era inegável a associação do contexto bíblico da traição de Judas ao seu mestre aos judeus que fixaram residência no Amazonas. Vale ressaltar que até os anos 60, antes do Concílio Vaticano II, a igreja Católica possuía práticas rígidas e fechadas, ainda de influência da igreja medieval, e o preconceito de católico com judeu de certa forma era alimentado pela própria igreja. Benchimol (2008) faz referência a alguns atentados contra judeus ocorridos em Parintins:

Numa sexta-feira da paixão, o padre Paulo de Parintins, em um sermão alertou aos católicos que Jesus Cristo havia sido traído por Judas e morto pelos judeus. Por volta de 1928, quando este fato ocorreu, as duas famílias judias mais poderosas, os numerosos Assayag e os Cohen, dominavam o comércio[...]. Existe uma outra versão da história que explica o motim, anti-judeu como resultado de uma disputa e antagonismo político eleitoral, pois Salomão Mendes, o primeiro protagonista e vítima de perseguição, era cabo eleitoral de um candidato a prefeito de Parintins. (p.102-103)

A imprecisão dos fatos e a falta de fontes não nos permitem fazer uma avaliação sobre este atentado, se existia ou não uma motivação anti-semita nos revoltosos, mas já nos servem de indicativo para analisarmos possíveis formas de preconceito. Como líderes do comércio dos interiores do Amazonas, obviamente que deveria existir algum descontentamento por parte da população e de outros grupos étnicos como portugueses que disputavam mercados com judeus. Mas, o que precisamos nos atentar é que o preconceito existente contra o comerciante como aquele que chegou se estabeleceu e “roubava” a população local, não pode ser encarado como preconceito étnico, pois em muitos casos os judeus eram confundidos com árabes e turcos.

O historiador carioca Reginaldo Heller (2005) afirma, com base na imprensa da época que em 1835 durante o período da Cabanagem alguns judeus foram atacados e morreram em manifestações contra estrangeiros baseadas na emergência de um sentimento caboclo contra brancos e estrangeiros de um modo geral. Um panfleto que circulou em Belém, durante a

Cabanagem dizia: “Morram os maçons! Morram os europeus! Viva a nossa religião”! Esta mensagem adormecida teria ressurgido no século XX, num novo atentado conhecido como massacre do Massuari em Maués-Am ou episódio mata-judeu, em que alguns armazéns e casas foram assaltados.

Sobre os atentados ocorridos durante a Cabanagem, podemos dizer baseado em trabalho historiográfico sobre a temática²⁸ que os motivos que levaram a população a fazer tais atos não recaem necessariamente sobre os judeus, uma vez que existia um contexto ideológico de luta política que envolvia a revolta dos cabanos. A luta dos cabanos baseava-se no fim da impunidade da exploração do trabalhador negro, indígena e mestiço, e no fim do monopólio estrangeiro sobre o comércio. Naquele contexto alguns judeus representavam este entrave para os cabanos, e foram mortos, assim como portugueses, ingleses e tantos outros, não significando necessariamente um atentado antissemita.

Com relação ao atentado do Massuari no interior de Maués-Am acreditamos estar relacionado ao episódio de banditismo existentes no Baixo Amazonas em fins 1920, destacado no capítulo anterior. Dentre as poucas fontes que restaram existem duas reportagens no *Jornal do Comercio* de dezembro de 1920 e janeiro de 1921 que destacam os assaltos e pilhagem sobre o estabelecimento de judeus, mas não apresentam mortes que caracterizassem um “massacre” como definido por Heller (2005). Mas acreditamos que as relações étnicas que envolvem diferentes grupos não são relações amistosas, mas relações de colisão, choques, embates políticos, disputas e conflitos pelo espaço em que vivem, pelas ideologias que defendem, pela sobrevivência do seu modo de vida, da sua cultura e pela construção e legitimação das suas identidades.

Importante para nós é destacar as atitudes sociais do grupo em negociar sua identidade, fazendo uso dos mais variados meios, seja com a população local ou com o próprio grupo social. É esta vivência captada pela oralidade como parte da sua experiência, é que lança a comunidade e o sujeito para dentro da história. Como exemplo de negociação com a sociedade local, temos os batizados de filhos de judeus com católicas do convívio coletivo, das negociações familiares, além das formas de ressignificação das comunidades judaicas interioranas, presentes na culinária, nas cerimônias religiosas e na cultura de um modo em geral.

²⁸ - Ler PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Visões da Cabanagem: uma revolta popular e suas visões na historiografia*. Editora Valer, Manaus: 2001.

Eu fui batizado na igreja católica. Eu acho até que pra ser batizado o padre lá fez um arranjo, porque há uma exigência de serem casados os pais né? E o papai era judeu, eu não sei como deram um jeito lá nesse negócio assim. Todos, eu fui, usava aquela fita amarela, que era cruzada, eu estudei no colégio de padre, fui interno no colégio Dom Bosco. A mamãe tinha um peso muito grande, o papai era um judeu meio errante não ligava muito para as coisas. (Simão Assayag, 2011)

E como eu estou lhe dizendo, quando chegava o padre lá em casa, ele avisava daqui, ele ia daqui de Parintins o padre, se chamava padre Vitor. Era, o alemão. Ele viajava de canoa daqui. Aí ele fazia por exemplo, o município de Barreirinha, fazia uns dois lugares ou mais, e fazia lá em casa. De lá ele viajava pra Maués, tudo de canoa naquele tempo, tudo de canoa, ele passava lá em casa dois dias fazendo batizado, casamento, celebrando missa. Aquela coisa toda. Ele deixava a gente ficar assim um pouco mais entendido e perguntava: meu filho afinal de contas você quer seguir a minha religião hebraica ou na religião da sua mãe? A gente escolhia a católica né? A religião da mamãe, então ele nunca foi contra isso. (Leão Anselmo, 2011)

As narrativas dos nossos dois descendentes judeus Simão e Anselmo referem-se às formas pelas quais as famílias compostas por casamentos mistos, entre judeus e católicas distribuíam a educação religiosa dos filhos. A rigor um judeu precisa ser filho de mãe judia para ser apresentado como judeu, o que consequentemente colocava os nossos dois descendentes na condição de não judeus. Fazendo uso das relações de amizade, as mães católicas conseguiam batizar seus filhos, sem que houvesse uma rigidez no trato da igreja com estes casos particulares. O acordo familiar permitia que os filhos fossem criados como católicos, cuja responsabilidade era da mãe, e que os pais judeus continuassem professando sua fé, de acordo com suas concepções de vida, sem a interferência de suas esposas. Esta era a fórmula que fazia com que os casamentos se tornassem estáveis onde cada um, dentro do seu círculo religioso, das suas limitações e com seu jeito de ser vivia sua singularidade.

Nestes duzentos anos de imigração judaica muitas coisas foram ressignificadas dando novas formas às práticas culturais dos imigrantes e filhos de imigrantes. As crenças e práticas alimentares e parte da cultura hebraica passaram por releituras. No caso da alimentação sabe-se que esta é permeada por uma série de proibições relativas ao que pode ou não ser ingerido que integram um código moral de conduta, que não se resume apenas à alimentação, mas a todas as esferas da vida, física e espiritual. As narrativas de Júlia Cohen apresentam a cozinha judaica como um espaço arraigado de significados, pois era no espaço da cozinha onde se realizava a maior parte do trabalho doméstico e estruturava-se de modo a adequar-se, o mais próximo possível, ao passado dos pais e avós marroquinos.

Eu me lembro da minha avó, eu não sei quem inventou, deve ter sido mais pra trás. Eu me lembro dela, ela era gorda, sentada numa cadeira, fazendo o café de massa. Era trigo, sal e água. Fazia aquela massa, e ficava igual um cafezinho. Ela secava no sol e botava na dafina, no lugar do grão de bico, e ficava uma delícia aquilo [...] Uma coisa que a gente adorava fazer era o pêsach, quer dizer pascoa né?

[...] Então, nós, vamos dizer assim, somos proibidos de comer o pão fermentado, nós comemos a *matsá*, que é uma bolachinha do pão ázimo né? Do pão que não é fermentado. Lá em Parintins era uma farra pras crianças nessa época, porque os baús eram abertos. Chama-se chamêts, quando as coisas não estão limpas. Então com um mês de antecedência a gente tem limpar tudo, deixava tudo cheiroso [...]. Então aquilo era uma farra pra gente ver, minhas tias escaldando as coisas, pra poder ser usado. Era muito engraçado aquilo [...]. Aquela mesa era lavada, lavada, lavada, esfregada [...] Não tinha vinho, se fazia vinho de passas. Não tinha uva, ficava igual a um xarope de passas. Que se passava de mãe pra filha. E eu ainda faço aqui em casa, só pra mim lembrar... Eu adorava aquilo. (Julia Cohen)

As comidas preparadas para as festas ocorridas em casa lembrada por nossa narradora deixam a mostra o passado marroquino presente na culinária da família Cohen, e preparado por suas tias, mãe e avó que aprenderam com as gerações passadas. A dafina, a ouriça, o peixe guisado, misturado com frutas regionais como tucumã, de sabor adocicado, não deixavam de estar presente na mesa dos nossos judeus, que procuravam, a partir do seu modo, ressignificar a culinária marroquina. Viviam numa região onde não existia uma comunidade com líder religioso e, portanto buscavam na tradição oral o apoio para adaptar os princípios básicos da culinária marroquina dos países de origem, com os recursos disponibilizados na região.

A memória possui uma capacidade de reter detalhes tão preciosos da vivência humana, que Julia Cohen, consegue com seu relato passear sobre seu passado familiar. Suas impressões de criança, os gestos das tias, o cheiro da casa, a ordem dos objetos, trazem sentido a esta memória subjetiva. Assim ao ser contada transcrita e analisada por nós, a memória se cristaliza como conhecimento histórico, onde sua narrativa ainda que ficcionalizada tem seu valor e importância por estar relacionada a sua vivência e experiência pessoal e comunitária.

A memória implica uma dialética constante de presente, passado e futuro, e suas visões partilhadas correspondem ao esqueleto do grupo social que atua na produção do significado da sua cultura. As lembranças dos nossos narradores se traduzem como uma representação criativa e plástica que preenche a distancia temporal entre o vivido (experiência) e o lembrado (recordação). A memória, instrumento de recordação e captação do passado não possui o estatuto da verdade, mas funciona como uma representação cuja referência se encontra no próprio presente das comunidades.

Se a memória nos fornece apenas imagens carregadas de sentidos intersubjetivos, a identidade que se apoia no passado comum aos indivíduos, está sujeita a recriações. Se existe um trabalho social na memória existe também um trabalho social nas identidades, onde os grupos atuando no próprio cotidiano criam representações de suas ações. Em meio as

recriações, reelaboraões e apropriações, existe uma fronteira que é representada pelas diferenças étnicas e culturais, em que os indivíduos, na tentativa de sobrevivência do seu modo de vida recorrem a mecanismos e processos distintos que agregam similaridades e diferenças através dos processos de negociações de identidades étnicas.

As histórias de vida, os relatos comunitários e familiares e as narrativas apresentadas neste capítulo são imagens trazidas por nossos judeus do seu passado para nos ajudar a entender o sentido da experiência humana presente. Estes sujeitos históricos que vivenciaram histórias incríveis, carregadas de significados que ainda continuam vivas dentro dessas pessoas, apresentam-nos a luta da cultura e na cultura por um pedaço de memória. Damos uma ênfase maior ao sentido da experiência porque a história não pode ser uma negação da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após dois séculos de migração judaica na Amazônia, ainda persiste o desconhecimento da trajetória social e política deste grupo que veio de outras diásporas e que continuou a se deslocar mesmo em solo brasileiro. São muitas histórias que quando contadas nos permitem compreender e problematizar a singularidade de suas experiências. Foram as histórias de vida de imigrantes e filhos de imigrantes judeus que viveram no Amazonas que destacaram os significados e sentidos que atribuem a sua experiência de vida neste espaço da Amazonia Brasileira, e também identificar em suas práticas sociais os elementos que caracterizam processos específicos de sua cultura.

Tendo uma historicidade, a cultura só pode ser compreendida se pensada a partir das estruturas que comportam a vida social. E neste aspecto o que nossas fontes nos levaram a pensar como a continuidade de um grupo depende mais da abertura que se faz aos outros do que de isolamentos. Neste sentido pode-se afirmar que os judeus chegaram ao Amazonas e continuaram significando sua religião e cultura porque conseguiram se abrir as novas experiências, incorporando e assimilando o que lhes era importante. E se pensarmos na experiência judaica internacional também devemos considerar que uma minoria religiosa só conseguiu sobreviver às diásporas, exílios e perseguições se adaptando às situações improváveis.

Esta capacidade adaptativa dos judeus nos leva a pensar em quais condições estes indivíduos atravessaram suas fronteiras étnicas para continuar existindo, encontrando-se com outras pessoas, assimilando-as quando necessário e ainda assim continuarem tradicionais. Estas condições refletidas neste trabalho variaram entre a vida doméstica e a vida pública, entre o pessoal e o coletivo. Vivendo em condições distintas os judeus enfrentaram diferentes desafios, pois, temos que considerar que a capital da borracha e suas cidades interioranas não foram sinônimo de prosperidade para todos.

Os judeus também souberam fazer uso de todas as possibilidades que surgiam reivindicando seus direitos, contestando injúrias, esclarecendo fatos e criando seus próprios meios de comunicação e difusão de sua cultura, como a imprensa israelita. Também se articularam com o movimento sionista internacional apoiando as lutas políticas dos judeus e fortalecendo a causa sionista.

Possuindo boas relações com a população e com os poderes locais, os judeus conseguiram driblar as dificuldades apresentadas em ser estrangeiros e abraçaram legalmente a nova pátria. Mesmo que não se constituíssem num “tipo ideal de imigrante” em vários lugares do mundo, os judeus na Amazônia foram bem vindos, inclusive pelo interventor do estado Álvaro Maia.

Se durante o Estado novo, os judeus refugiados tiveram vistos de entrada recusados, na Amazônia eles cresciam e se fortaleciam politicamente negociando suas identidades. Pensar hoje numa identidade judaica significa imaginar um fluxo contínuo de movimento que não se dá de forma cíclica, mas contingente. As identidades surgem exatamente no intervalo da experiência individual com a vivência comunitária, que nunca se encerra, pois estamos imersos nestas posições de sujeito social. Ao transitar por estes distintos mundos que carregam significados que modelam nossa maneira de ser e projetam formas de vida a serem apreendidas nos deparamos com o jogo das identidades.

A identidade se faz num espaço heterogêneo, em torno de relações sociais que se tencionam, se convergem, divergem e constroem novos sentidos, pois varia de acordo com a forma que o sujeito é interpelado e representado. Neste sentido, podemos comparar a construção das identidades étnicas com a “Teia de Penélope²⁹” cuja designação serve para indicar um trabalho que nunca fica pronto. O grupo étnico judeu, com suas diferenças internas e no contato com outros grupos constroem e reconstróem suas identidades, dando-nos a sensação permanente do dinamismo e do inacabado. Ainda que essas diferenças sejam relevantes, já que as identidades são baseadas na diferença, o mais importante é a forma como os indivíduos se relacionam socialmente com elas.

Por isso, destacamos os processos sociais de negociação de identidades em que a multiplicidade de memórias nos permitiram visualizar estes mecanismos, sob as mais variadas situações. Mesmo possuindo uma ascendência sefardim e maaravim, que tem formas e dimensões concretas na vida social judaica, nossos judeus da terceira geração são antes de tudo judeus amazonenses, assim como os judeus do sul e sudestes podem ser considerados, gauchos, paulistas, cariocas, dependendo da origem que possuem.

²⁹ - Segundo os escritos do historiador Homero, *Penélope* era mulher de *Ulisses*, rei de Ítaca, e embora ela trabalhasse afanosamente de sol a sol, a teia nunca mais chegava ao fim, visto que, durante a noite, desmanchava o trabalho feito durante o dia.

E com esta identidade ifenizada como nos apresnetou Jeffrey Lesser (2001) os judeus marroquinos que se naturalizavam brasileiros transitavam entre os dois mundos, ao passo que também os nascidos no Brasil se sentiam parte deste passado diasporico, ainda que se definissem amazonenses. Mas, defini-los apenas como judeus amazonenses não os colocam na condição de identidade acabada, pois esta (a identidade) está e continuará em curso para futuras e novas identidades, que por si só já representam o reconhecimento da sociedade plural a qual estamos inseridos.

REFERÊNCIAS:

- ANTONIO, Adalberto; NOGUEIRA, Raimundo. **Entendendo Manacapuru através de suas fachadas**. Manaus: Imprensa Oficial, 1996.
- ASSIS, Angelo; VAINFAS, Ronaldo. **A esnoga da Bahia: cristãos novos e cripto-judaísmo no Brasil quinhentista**_in: GRINBERG, Keila (org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia**. Rio de Janeiro: Conquista, 2007.
- BEMERGUY, Amélia. **Imagens da ilusão: judeus marroquinos em busca de uma terra sem males, Pará 1870-1910**. PUC-SP, 1998. (Dissertação de Mestrado).
- BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENTES, Abraham Ramiro. **Das ruínas de Jerusalém a verdejante Amazônia- Formação da primeira comunidade israelita brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1987.
- BERGER Peter; LUCKMAN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes: 1985
- BONAZZI-TOURTIER, Chantal. “**Arquivos: propostas metodológicas**”i In: MORAES, Marieta; AMADO, Janaína (orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- Cytrynowicz, Roney. **Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial**. Rev. Bras. Hist. vol.22 no. 44 São Paulo 2002.
- DAHAN, Issac. **Or gadol: Comentários sobre a Torá e as festas judaicas**. São Paulo: Editora Sêfer, 2009.
- FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Humanitas; Edusp, 2008.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989
- GRINBERG, Keila (org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GUTFREIND, Ieda. Imigração judaica no Rio Grande do Sul: Pogroms na terra gaúcha?. **WebMosaica. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, Porto Alegre, v.2 n.1 (jan-jun) 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO, Brasil, 2004.

— **“Quem precisa de identidade?”** In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. (SILVA, Tomaz Tadeu, org.) 5a. ed., Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004, pp. 103-133.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

HELLER, Reginaldo. **Diáspora Atlântica: a nação judaica no Caribe século XVII e XVIII**. UFF, 2008. (Tese de Doutorado).

HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LARROSA, J., LARA, N.P. (orgs). **Imagem do outro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

LE GOFF, Jacques. **“Memória”**. In: *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1998, p. 423-483.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2001

LIBERMAN, Maria. **Os judeus na Amazônia séculos XIX e XX**. USP, 2009 (Tese de Doutorado)

LINS, Wagner. Dissertação (Mestrado): **Estrela Minguante: Memória e Resignificação do Judaísmo no Interior do Estado do Pará**. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo, 2004.

MAIA, Angela Maria Vieira. **À Sombra do Medo: Cristãos-Velhos e Cristãos-Novos nas Capitâneas do Açúcar**. Rio de Janeiro: Oficina Cadernos de Poesia, 1995, p. 127.

MALAMUD, Samuel. **Do arquivo e da memória: fatos, personagens e reflexões sobre o sionismo brasileiro e mundial**. Rio de Janeiro: Bloch, 1983.

MENDES, Marcio da Luz. Yiddishkeit: a construção da identidade judaica em São Paulo. **Revista Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**. São Paulo, n. 2, p. 2-18, jan./jun. 2009.

- MORAES, Marieta; AMADO, Janaína (orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MOREIRA, Eidorfe. **Presença Hebraica no Pará**. Belém, 1972.
- NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História, São Paulo, 1995
- NOVINSKY, Anita. **Cristãos novos na Bahia**. São Paulo: Ática, 2001.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.
- SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu**. São Paulo: Editora: Benvirá, 2011.
- SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: memória dos acontecimentos históricos**. Manaus: Editora Valer, 2003.
- SCHEINBEIN, Cassia. **Os sefarditas de Belém do Pará: história e língua**. Belo Horizonte: Caligrama, 14: 65-80 dezembro de 2009.
- SORJ, Bila (org.). **Identidades judaicas no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997
- SORJ, Bernardo. **Sociabilidade brasileira e identidade judaica**. In: SORJ, Bila (org.). **Identidades judaicas no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997
- THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração**. Revista brasileira de História. São Paulo, v.22, nº 44, PP. 341-364, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- VAINFAS, Ronaldo; HERNAM, Jacqueline. “**Judeus e converso na Ibéria no século XV; sefardismo, heresia e messianismo**” In: GRINBERG, Keila (org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: HUCITEC: EUSP, 1993.

APÊNDICE

Entrevista I - Issac Dahan

Duração: 01:20min

MA: Bem, Dr. Isaac, primeiramente eu gostaria de agradecer a oportunidade de conversar com o sr. É um grande prazer. Fico muito feliz, em saber da sua disponibilidade em nos ajudar com a pesquisa.

ID: A satisfação é nossa

MA: Então, eu gostaria que o Sr. Falasse um pouco da sua família, pai, mãe, irmão, de onde vieram e o que faziam? Mas, por favor, fique bem a vontade pra discorrer da sua vida.

ID: Então, o meu pai veio do Marrocos, de uma cidade, a capital atual do Marrocos, chamada Rabash. Ele veio para o Brasil em 1910, quando ele tinha 18 anos de idade. E já veio a chamado de um tio dele, que já estava no interior do Pará, trabalhando. Achava que ali teria um futuro melhor que lá no Marrocos, porque essa imigração ela foi familiar, ela começou muito antes do ciclo da borracha, começou em 1810. No caso do meu pai sim, ele veio quando a borracha já estava caindo em 1910. Ele veio, inicialmente pra Belém, mas logo depois, o destino era Alenquer, no interior do Pará. Meu pai se chamava Shalom Dahan, minha mãe se chamava Ester Dahan, porque casou com meu pai, mas o sobrenome da família dela era Fima. Os pais dela eram do Marrocos também, de uma outra cidade chamada Tetuan, eles vieram mais ou menos, talvez até antes do meu pai para o Brasil, para Belém. Ficaram lá em Belém os pais dela Jacó e Raquel Fima, da parte de mãe dela era Toledano, mas ficou Fima, Ester Fima. Eles casaram em 1940, e aí foram pra Alenquer, foi onde eu nasci.

MA: Seu pai conheceu sua mãe em Belém?

ID: Sim, em Belém. Belém era o centro né? Quer dizer, Alenquer, Santarém, Obidos, Parintins, Cametá aquelas cidades todas tanto do Pará quanto do Amazonas, os judeus vinham pra Belém, a maioria ia na época pra Belém e alguns depois decidiam vim pra Manaus. Hoje o Pará, e ir pra Belém não é mais nossa única opção. No caso, lá Alenquer que é o baixo Amazonas, iam todos pra Belém, o meu pai estava sempre em Belém, foi lá que conheceu e em 1940 se casaram. Eu nasci em maio de 1948 lá em Alenquer, onde eles moravam. Mas logo depois quando nasceu, o meu outro irmão em 1950, somos dois irmãos, teve um primeiro que faleceu com 7 meses de idade, naquela época a mortalidade infantil era grande, e a medicina não era como hoje, eu sou o segundo filho na realidade. Sou o mais

velho, porque o primeiro faleceu. Em 1950 ele começou a ter problemas de visão, ou antes um pouquinho talvez. Lá no interior, lá em Alenquer. Em 1950 ele ficou completamente cego. Era glaucoma, atrofia do nervo ótico, descolamento de retina as coisas que o diagnóstico não aera tão bem feito na época. Ele perdeu completamente a visão, as duas vistas, ficou completamente cego e teve que se transferir pra Belém. Tentou um tratamento no Instituto Benito Burnier Campinas, que na época era o maior tratamento de olhos no Brasil, mas não deu certo. E aí ele já ficou em Belém, foi aí quando nasceu em 1950, o meu irmão Jacó Dahan, que mora em São Paulo. Ficou em Belém muito tempo, e hoje mora em São Paulo. E essa é a nossa história, eu cresci dentro da comunidade judaica de Belém, nas duas sinagogas que tinham em Belém, dentro do Grêmio Azul e Branco, da juventude, e cresci ali.

MA: E esse grêmio era judaico?

ID: um grêmio judaico, da própria comunidade, o pessoal se juntava pra bater papo.

MA: E aqui?

ID: Tem um clube aqui, aqui se chama A Hebraica. Existia um grêmio nos mesmos moldes do grêmio azul e Branco que era lá de Belém, aonde eu cresci. Aqui em Manaus também tinha na comunidade judaica, um grêmio chamado Sion, que era a mesma coisa, que foi em 1976, aqui em Manaus transformado na Hebraica de Manaus, que é um clube muito bonito, muito grande, A Hebraica de Manaus é um clube que tem aqui em Manaus. Na época lá era o grêmio azul e branco. Como eu já estou a mais de 40 anos fora de Belém, eu já não sei direito, eu vou lá esporadicamente só. Eu já não sei direito se o grêmio azul e branco ainda existe ou se foi substituído por Hebraica, ou por uma outra coisa

MA: E qual a finalidade deste grupo?

ID: Era congregação com a juventude no aspecto esportivo, social, festinhas na época que se chamava tertúria, parte esportiva, jogava tênis de mesa, o futebol de salão, eram essas coisas. Assim que eu realmente aprendi...

E depois eu vim pra Manaus, o tema da minha vida comunitária foi essa. Eu aprendi tudo isso lá em Belém, na realidade, foi a grande escola judaica.

MA: Em Belém vocês tem um rabino ou um schaliar?

MA: Não em Belém tem um rabino

MA: Então foi um rabino o responsável pelo sua formação?

ID: Não, na realidade não. Foram velhos professores, antigos. Eles não eram rabinos, mas eles eram pessoas consideradas sabias. Não tinham propriamente o título de rabino, nós chamamos a semi-rar, o diploma vamos dizer assim, de rabino. Não era tão assim fácil era...

não é que hoje seja fácil, não é isso eram menos escolas rabínicas. Então eles aprendiam nas escolas, mas não completava os estudos rabínicos. Mas eram verdadeiros rabinos. Eles não eram, nós chamamos rabinos em hebraico hurapamim, eles eram rachamim, em hebraico que significa, sábios. Essas pessoas que me ensinaram, inclusive meu pai, que apesar de cego, ele conhecia praticamente tudo de có. As orações todas, grande parte da torá, muita, muita coisa. As pessoas iam lá em casa estudar com ele, eu cresci vendo, o vendo ensinar aos outros e a mim também. E eu cresci assim, aprendi na realidade isso, não foi com um rabino. O rabino na realidade nem sempre é o principal professor de um a comunidade, o rabino é um complemento, um aparte importante na comunidade. Mas antigamente nem todas as comunidades tinham rabino. O rabino não necessariamente é o oficiante religioso, ele pode ser, mas nem sempre é. Ele fica pra ver as duvidas pra dar orientação, de como fazer as coisas e tal.

MA: E o sr. viveu em Alenquer, até mais ou menos que idade?

ID: Ah! Dois anos, três anos, eu não tenho lembrança, não. Eu cheguei a voltar lá uma vez com um amigo do meu pai que ainda morava lá. Eu tinha treze anos de idade. Voltei para uma visita, uma visita num passeio, de férias assim, uns dez dias, mas eu não tenho muitas lembranças.

MA: E o seu pai trabalhava com o que? Em que ramo?

ID: Ele tinha castanhais, ele trabalhava com extrativismo regional, ele tinha umas terras, e comprava as partes do... Que lá eles tinham uma troca com o caboclo que morava no próprio lugar, e eles juntavam a castanha, babaçu, balata, borracha.

MA: Então as terras pertenciam a ele, mas ele arrendava para os moradores.

ID: É ele fazia uma troca, entregava, tipo regatão, eles entregavam as coisas, víveres, gêneros alimentícios, pólvora, querosene, lamparina. Então ele ia pegando esse extrativismo, produtos regionais, como eu disse castanha, balata, babaçu, essas coisas assim. E aí ele vendia, geralmente tinha um aviador que chamavam, que aviava essas coisas, e de Alenquer trazia pra Belém.

MA: E em Belém, vocês trabalhavam com o que?

ID: Não, ele estava completamente cego. Aí as coisas recaiu tudo nas coisas da minha mãe. O pouquinho que ele ainda tinha, foi gastando e tal. (Interrupção).

MA: Então foi a sua mãe que passou a trabalhar para sustentar a família?

ID: Sim, o pouquinho que tinha, a mamãe começou a trabalhar, a fazer comida, cortes. Vendia, as pessoas comiam lá em casa, encomendas e assim eles nos criaram. Eu cresci

vendo o meu pai cego, levando-o a sinagoga, que era o lugar onde ele mais ia, levando na casa dos amigos, que ele visitava os amigos dele. E eu que o guiava, eu e o meu irmão, e uma irmã de criação que eu tinha. Nós crescemos vendo isso. Vendo aquele grande exemplo de resignação pela doença, um homem muito ativo que aos cinquenta e poucos anos ficou completamente cego, uma resignação e ao mesmo tempo uma grande fé em Deus, uma grande força que o levou a continuar, nessa batalha. Ele transformou o trabalho dele em um trabalho de ensinamento, muita gente, muitos jovens, adultos, passaram pela minha casa, e eu via, eu acompanhava isso, vendo ele ensinando, conversando, explicando dúvidas de passagens bíblicas, da Torá. Eu cresci vendo isso, e esse aprendizado, eu aprendia com ele e aprendia com outros velhos, sábios que tinha na comunidade. Esse aprendizado muitas vezes ele vale muito, equivale um estudo de uma universidade, de uma escola rabínica ou algo assim. Porque o ensinamento grande de uma comunidade, da vida de uma comunidade são as leis e tudo. Hoje a coisa, hoje esta mais moderno, tem mais centros de escolas rabínicas, coisa que não tinha antigamente, hoje esta mais fácil você mandar um filho estudar

MA: Vocês nunca pensaram em construir uma escola aqui em Manaus?

ID: Não, a comunidade aqui é pequena e ela supri suas necessidades básicas. Quando há necessidades específicas de um rabino, então ele é chamado. Vários que são muito amigos da comunidade, em varias linhas. A linha de Manaus é uma linha tradicional, então tem rabinos de tinha ortodoxa, linha liberal, tradicional, então são amigo da gente que vem aqui muitas vezes por ano. Porque pra levar um culto religioso, não há necessidade da presença de um rabino, pra fazer um casamento, pra fazer um sepultamento, pra fazer um brit-milar, que é uma circuncisão não há necessidade de um rabino ali presente. O rabino é um legislador, pra fazer um casamento, um bar-mitsan, que é a maioria religiosa, o ofício religioso na sinagoga, há necessidade sim de um oficiante religioso, que se chama shasan, ele tem que saber conduzir. Basta uma pessoa ali, do canal, que nós chamamos, que é a comunidade ali presente, que saiba conduzir, pode. É diferente de outros cultos na igreja católica, por exemplo, eu acredito que necessita uma sacerdote pra celebrar uma missa, quer dizer, ele tem que ser um sacerdote formado pra dirigir uma missa. No judaísmo não precisa uma pessoa que saiba fazer, é o que nós temos aqui.

MA: O seu cargo por exemplo...

ID: É shaliar significa o encarregado. O meu cargo na realidade aqui é o shaliar sibor, sibor é publico, publico da comunidade, ou traduzindo principal, quer dizer o oficiante principal é isso chamamos oficiante religioso.

MA: Como foi processo para o sr. Se tornar shaliar de Manaus?

ID: O trabalho comunitário. Eu vim de Belém contratado para ser o oficiante religioso de Manaus e ensinar também como professor. As pessoas que indicam, pelo reconhecimento, o conhecimento da torá dos ensinamentos. Ele precisa aprender o hebraico, as canções, as melodias, dentro da sinagoga.

MA: Ainda pouco o sr. Falou das varias linhas que tem o judaísmo. E como o sr. Caracterizaria a comunidade judaica de Manaus?

ID: Tradicional, é uma comunidade na qual todas as linhas do judaísmo por exemplo que venham a nossa sinagoga, todas elas podem em rezar na nossa sinagoga. Por exemplo, na nossa sinagoga nos não temos microfones, flashs, maquina de filmar, essas coisas todas. Isso é proibido no dia de sábado, no dia das festividades judaicas, é proibido esse tipo de coisa. Então, se vier um ortodoxo, aqui, da linha ortodoxa, é ele entra na nossa sinagoga, porque ele não vai ver nada disso e não tem mesmo. Se vier uma pessoa tradicional ou liberal, ele também entra na sinagoga porque ele não é rejeitado, nós temos tolerância. A pessoa é judia é tudo, ele é recebido sem problema nenhum, não é judia e quer conhecer a sinagoga, perfeitamente é recebido da mesma forma. Então a nossa comunidade eu classifico como tradicional, ela tem a sua história, conservadora, Manaus dos últimos 150 anos, a mais antiga é Belém, os duzentos anos que a gente fala dos judeus na Amazônia, esse duzentos é Belém né? Manaus é, eles já foram subindo o rio Amazonas, seus afluentes e tudo e por aqui chegaram mais ou menos uns 150 anos. E a nossa comunidade é assim tradicional, sem ortodoxia, mantendo o meio termo, a sinagoga, o clube o cemitério, a escola, a alimentação, tudo isso funciona na comunidade de Manaus. O culto é o mais antigo possível ao estilo marroquino, não mudamos nada, é até um culto longo, diferente de comunidades que encurtam e fazem correndo as coisas. Nós não, nós fazemos exatamente como faziam antigamente, da mesma forma. Para alguns se trona longo, mas nós não podemos mudar, nós aprendemos assim e isso já está aqui há séculos. Na realidade, isso vem da Espanha né? Da Espanha que foram pro Marrocos, e do Marrocos que foi transplantado para a Amazônia.

MA: Voltando pra sua vida. E o seu casamento?

ID: Foi naquela história lá de Belém, nós nos conhecemos no grêmio azul e branco, na sinagoga, chamada eschelabrarrama, sinagoga da rua Campos Sales, lá em Belém nós frequentamos lá, nós conhecemos lá. E tinha o grêmio azul e branco, na sinagoga os cultos religiosos e tinha o grêmio para as festinhas, as coisas, bate papo, aqui, ali, o joguinho de futebol de salão de tênis de mesa etc. e tal. Começamos a namorar lá no grêmio. No meu

caso, foi final de 1970, agente grava a data né? Isso é bom. Depois eu vim pra Manaus em 1972,

MA: Depois de casado o sr. Se tornou o oficiante religioso?

ID: Aqui em Manaus, lá em Belém eu já atuava na sinagoga, eu já ajudava os mais velhos, eu já era um oficiante religioso, jovem ainda, eu tinha vinte anos e poucos. Na realidade, o meu pai mandou escrever num livro, parece que foi 25 de outubro de 1962, quando eu fui oficiante pela primeira vez, de todo um ofício religioso, de um ofício na manhã de sábado. Eu tinha 14 anos e 5 meses de idade, quando eu comecei, eu era um menino. Então isso tá anotado, meu pai era vivo, muito alegre, contente, mandou escrever, que ele não podia escrever, porque era cego. Eu escrevi com minha letra de criança, foi a primeira vez... A partir daí eu comecei a officiar uma coisa e outra, aprender mais isso, mais aquilo, e continuei. Na sinagoga lá de Belém, na sinagoga eshelabrarram, na avenida campos Salles.

ID: Eu comecei a oficializar uma coisa ou outra. Aprender isso e mais aquilo e continuei. Na sinagoga lá de Belém, a sinagoga SCHELLA BRAHAM, na rua Campos Sales eu ajudava os oficiantes porque já tinha os oficiantes, os HASAMINS no plural, HASAMII é o oficiante religioso ou shaliar, já existiam eles, eles eram meus professores, vários deles, vários deles. Foi quando veio o convite, o velho Ratan (o velho sábio rabino) de Manaus, estava muito velho, estava doente. Foi quando veio o convite pra mim vim pra Manaus. Eu vim pra cá em setembro de 1972. Aí voltando a questão do casamento que você falou eu vim ainda solteiro. Mas continuava namorando, me mantive fiel direitinho (risos). É nós casamos em dezembro de 1974. Dois anos depois. Olha que dois anos em Manaus solteiro né? (risos) se manter solteiro, se manter fiel. É muito amor né? Recíproco, recíproco. E nós estamos casados há 36 anos. Aí ela veio pra Cá.

MA: Vocês têm filhos?

ID: Temos um filho, de 29 anos, e tem o nome do meu pai SHALOM DAHAN.

MA: e vocês costumam ir a Belém sempre?

ID: A minha família terminou em Belém, com o falecimento do meu pai, minha mãe, meu irmão foi pra São Paulo. Eu tenho uma Irma de criação em Belém ainda, eu tenho muito amor por ela e nos vamos sempre. Tem os irmãos da minha mulher que moram ainda em Belém. A gente vai ainda assim, mas e só eventual, a minha vida é Manaus, eu já sou cidadão benemérito de Manaus. Eu já, enfim, minha vida é aqui.

MA: O senhor lembra se o seu pai mantinha algum tipo de contato com seus pais lá do Marrocos?

ID: Ele teve um filho em Marrocos, antes de ele vir pro Brasil. Era bem mais velho do que eu. Ele, com 18 anos vieram pro Brasil e já tinha um filho por lá. Se chamava Morris, já tinha falecido em Paquistão. Ele veio pro Brasil várias vezes. Ele conheceu o meu pai que era pai dele. É...eu estive em Marrocos e depois pra ver a cidade do meu pai que era Rabat, pra ver a sinagoga que meu pai cresceu. Eu estive lá e este meu irmão veio algumas vezes aqui no Brasil. agora sobre os pais e parentes do meu pai, quando ele veio, já tinham falecido, tinha 18 anos. O pai da minha mãe, que era oriundo de Tetuan no Marrocos, esses eu também não conheci, eles faleceram antes de eu nascer.

MA: E os irmãos?

Os irmãos da minha mãe todos vieram para o Brasil e já são falecidos. Todos sepultados em Belém. Os irmãos dela todos nasceram no Brasil, os pais dela sim, os meus avos eram de Tetuan. Aí ela mantinha toda tradição de Tetuan, ela foi criada lá, por isso que eu digo que ela era de Tetuan também, tudo, tudo só dos pais dele, BRASILEIRA já, nascida aqui.

Meu irmão do Marrocos, esse que já é falecido tinham duas filhas grande e uma menor, com uma outra senhora, uma outra mulher. Dessas duas filhas, praticamente da minha idade, uma já faleceu, a outra ainda vive em Rabat. A filha menor que hoje é uma filha moça grande mora na França, aí eu já não tenho contato, eu já não sei dizer.

Tenho algum contato com uma (a que ainda vive), creio que ainda posso achá-la. Eu perdi o contato, o que aconteceu é que esse meu irmão depois que se aposentou foi morar na Suíça, deixou essa filha lá em Marrocos e foi morar na Suíça onde faleceu, ele está sepultado na Suíça, onde a mulher dele ainda mora. Esta velhinha. Então deixou essa filha, duas no Marrocos, uma faleceu e acredito que ainda acho, essa outra sobrinha que parece que é até mais velha que eu.

MA: E a sua profissão? O Senhor é medico?

Lá em Belém na realidade 1972 eu me formei em odontologia primeiro me formei na universidade Federal do Pará, depois eu vim pra cá e trabalhei como dentista, final de 71,72,73,74. Fiz medicina aqui e abandonei a odontologia. Eu me formei em medicina em 1981, o nome ainda era UA não era UFAM. Depois eu fiz pós-graduação em gastroenterologia, em medicina do trabalho em administração hospitalar, e fui seguindo os cursos. Hoje membro titular da federação Brasileira de gastroenterologia. Sou membro titular da sociedade Brasileira de clinica médica. Membro efetivo da sociedade Brasileira de Motilidade digestiva. Enfim, são títulos que a gente vai com o tempo.... e eu trabalho como medico aqui também.

MA: O senhor trabalha pelo estado?

Eu to na reserva eu fui oficial médico da polícia militar. E to na reserva pelo estado e fora isso eu tenho meu consultório e tenho plantões em pronto socorro. Eu já dou plantão, tenho 72 anos eu ainda trabalho quando me dar um tempo e tal. Em primeiro plano na realidade fica a comunidade judaica daqui. Eu poderia ter em medicina crescido mais, em termos de conhecimento não, eu digo realização profissional, financeira, ou algo assim. Mas nunca ficou em primeiro plano, em primeiro plano ficou a comunidade, e os assuntos comunitários. Mas eu to muito satisfeito com isso, muito gratificante isso. Me sinto muito bem com isso. Não importa que materialmente, não é o que todo mundo deseja, mas o que importa e que espiritualmente, em termos de convivência comunitária, de convivência com a comunidade maior de Manaus, com outras religiões, com outras de modo geral.

Eu sempre respeito. Todos somos filhos dele. Então não custa nada você dialogar, você não fica procurando diferenças teológicas, não é isso, pra pelo menos conversar com o outro com uma pessoa do outro credo, por que muita coisa nos une. A questão de ter um único Deus, é isso... Cada um na sua religião, o judaísmo não se mistura com nenhuma, assim como o cristianismo a sua parte católica, sua parte evangélica. Enfim todos eles tudo isso é importante que exista, e continue existindo como tal, não é pra se juntar num só. É diferente de religiões que dizem que todas tem que ser uma só, nós não temos isso, a religião tem que ser pluralista.

MA: Eu queria entrar nessa parte da questão religiosa, por exemplo, para judaísmo e judeu é aquele herdeiro de uma tradição judaica, e mais que isso, que recebe e vive os pensamentos. E como vocês lidam com as conversões?

ID: O judeu herda de uma família, de um lar judaico de onde ele vai herda. Ele tem que ser filho de mãe judia, esta é a lei judaica. Entretanto se ele tiver uma âncora judaica, um ancestral, o pai era judeu a mãe não era, ou o avô era judeu tanto de pai como de mãe, ou mesmo se ele quer ser judeu, existe um processo de conversão, um pouco longo mais existe.

MA: Já aconteceu aqui?

ID: Já, tem um processo, tem um estudo, primeiro a começar frequentar. Se ele vem desde criança. Desde criança o pai é judeu e a mãe não é judia um exemplo. Oficialmente esse menino é judeu. Mas, o pai frequente a sinagoga, ele é judeu e tudo, mas a mãe não se importa, não tem nenhum problema. E o pai trás esse menino desde criancinha pra sinagoga. Esse menino vai crescer dentro da sinagoga, ele não tem que aprender muita coisa. Ele vai ter que se submeter nós chamamos de tritsi, um conselho religioso, de três pessoas e pelo

menos o presidente tem que ser rabino e outras pessoas tementes a Deus, conhecedoras e tudo, pra regularizar essa situação. Então se essa criança crescer aqui dentro, já sabe de tudo, já reza junto com o pai, já vem nos ofícios e tal. Um outro exemplo o cara esta grande . Você tem 15, 16 anos e até mais, já sabe que o pai é judeu: - olha eu quero voltar, eu gostaria de ser judeu, eu tenho sangue judeu, como é que eu posso regularizar. Começa a vim na sinagoga, começa a vim nos movimentos juvenis, começa a vim nas palestras e tal, pra ver se é isso que você quer. Porque as vezes da só aquela vontade, eu quero ir me identifico eu acho a religião judaica linda. O budismo é muito lindo, a filosofia, as coisas orientais. Então não é bem isso. Você vai e entra e começa a ver, passa um tempo olhando isso, as orações, aprende, ler sobre o judaísmo. Passa alguns anos e realmente você vai ver se é isso que você quer, estuda e você vai se submeter ao chamado thistimim, o conselho de rabino, pra ver se você pode ser realmente pode ser reconhecido, declarado e convertido ao judaísmo. Então o caminho é esse, o caminhar é longo, muitas vezes, tem pessoas que essa expressão e meio popular: era só fogo, como se diz, mas depois sentiu que não era mesmo, um entusiasmo inicial e depois caiu. Fogo de palha você sabe o que significa essa expressão popular né? A palha dá um fogo enorme, a palha quando se torna fogo ela sobe com chamas, labaredas enormes, e depois ela começa a cair e vira uma cinzazinha na mesma hora, é rápido. Por isso, que o povo usou essa expressão isso é fogo de palha. Então eu não vou explicar, isso já é língua portuguesa, nós já saímos do hebraico (risos). Então existe essas conversões, mas pra isso precisa ter estudo, precisa ter frequência, uma série de coisas. O comportamento da pessoa.

MA: Eu li no seu livro que o senhor faz referencia ao santo rabino milagreiro. Ta tudo escrito ali. Pois bem o senhor diz que já tentaram mudar a sepultura para o cemitério católico que fica ao lado, pra também respeitar a crença da população?

ID: A crença do povo de Manaus, que esta a cem anos ali, e ele faleceu.

MA: Eu gostaria de saber se já houve algum tipo de conflito por causa disso?

ID: Muito pelo contrario, eu ainda acredito que ele está aí ate nos ajudando (risos) sabe, ele está aí até ajudando a comunidade o relacionamento com a comunidade geral de Manaus e o menor possível. Nós crescemos juntos, nós estamos em quarta geração, quinta geração de Amazônia, nascidos aqui. O pessoal já está toda aqui, já está toda. Então não tem. É claro existe discussões, existe posicionamento político, existe um anti-semitismo que tem seguidores de todo lugar e pega, qualquer coisinha, pega qualquer pedacinho de coisa pra criar uma história ante-semita.

“Aí não anti-semite não, eu tenho amigos judeus e tudo não é só anti-israel” Ora bolas é claro que é isso, tentam respingar e se transfere totalmente um modelo do mundo inteiro. É evidente! É contra Israel não sei o que é contra judeu também, embora diga o contrario, mas não é isso! Tem o ganchozinho ante-semite e isso existe em todo lugar, graças a Deus aqui não, aqui é bem pouco esse vício, mas não há é...não há...eu citei num discurso que eu fiz dos 200 anos da imigração dos judeus para a Amazônia, tem uma obra chamada Destruct European Dios. Nesta obra existem 3 séries, uma sequência do ante-semitismo. Na história do mundo e como foram destruídos os judeus da Europa. Existiam períodos que pessoas acabavam dizendo, governo e outras, pegavam e tiravam os judeus, os caminhos que o povo judeu seguiu: “ Vocês não podem mais viver entre nós como judeus. Qual é a solução, vocês tem que se converter. E aí que a história está cheia aí em termos de conversão.

Cristãos novos, marianos, tá muito grande, todo mundo conhece. Mas, na história do mundo sempre teve governos que “Não, vocês não tem o direito de viver entre nós”. E se repetiu o tempo todo e qual é a sequência: é a expulsão, e lá vai de um lado para outro o povo judeu. Depois vem alguns, como teve muitos etc. e tudo e culminou agora com o holocausto e tem gente dizendo que não existiu, quando tem pessoas vivas sobrevivente até hoje e tudo marcado aí, e você como é né?

Isso vira anti-semitismo, o holocausto não existiu. Isso é pra virar anti-semitismo. Aí chega pessoas como estes agora e tudo e põe o terceiro caminho: “ Primeiro vocês não tem o direito de viver entre nós”. solução? Se converte! Depois você não tem o direito de viver entre nós, solução? Expulsão. Aí vem este e diz “vocês não tem o direito de viver, aí é o morticínio, mortandade, assassinato, holocausto que também tá na historia o tempo todo! Se não fosse a existência do estado de Israel hoje que é o estado mais antigo do que todos esses países que existem no mundo, aí o pessoal teima em não aceitar. Ele tem revivido, ele tem ressurgido exatamente no lugar onde ele existia, e aonde os povos que estão aí reivindicando nem existiam na época. Mas se não existisse o estado de Israel a coisa seria ainda muito mais complicada, eu acho que continuava aquela confusão toda. Tem problema aqui e ali com judeu, aí pegou e leva pra Israel . Existe um lugar, não é pra tirar o judeus de todos os lugares do mundo, pelo contrario, os judeus contribuem e muito com a evolução de cada lugar, em todas as áreas do comercio, na industria, ciência, na musica, literatura tudo isso. Entendeu? Em cada lugar, eles levam o país onde eles estão sempre. É essa história de rabino, que esta ajudando a comunidade, nós vivemos muito bem mostrando pros outros as coisas do povo judeu, que são amazonenses. Então o que agente puder mostrar estamos aqui.

MA: *O senhor que é Shaliar poderia me responder, se a população olhou com certa desconfiança pra vocês?*

ID: *Não, eu acredito que desconhecimento. A exceção para aqueles que estão preparados para semear discórdia, anti-semitismo. Um exemplo bem claro é que a gente sabe que a Amazônia foi colonizada, foi desenvolvida por judeus, árabes, portugueses, espanhóis, nordestinos, italianos, japoneses, o nosso caboclo, nativo daqui na maior convivência. Existem casamentos árabes e judeus antigos daqui, casamentos até, existem vários exemplos. Eles conviveram juntos, trabalhavam juntos no interior. Tinham os seus regatões juntos aí. Hoje a coisa muda um pouco de figura com outros que não quiseram essa história. Aí sim, passa haver alguma animosidade, embora em Manaus não haja. Pessoas novas gerações de agora que não conhecem nada da história, do que seus antepassados fizeram, do que trabalharam, batalharam, lutaram,*

MA: *A própria história de alguns judeus mostram que árabes e judeus conviveram muito bem aqui na Amazônia. Eu acho isso fantástico.*

ID: *Muito bem, você pega gerações novas e tudo começa a ver conflitos. Nós não podemos jamais, viu Ariádina? Importar conflitos para aqui para a Amazônia, muita gente tenta. Tenta encontrar, na universidade a toda hora, e tentam importar o conflito para inflamar a coisa e fazer, criar formadores de opiniões e tudo, criar funções anti-semita. Isso que eu digo, respinga, transforma-se diretamente vai sendo transferido para o povo judeu. Ah! É judeu, é Israel, então não serve, acaba sendo assim. Embora as pessoas trabalhem na sua cidade, seja um médico importante, ajude os outros vai ter sempre algo contra. Porque já foi formado bolsões anti-semitas. A história de Israel é muito semelhante a História do patriarca Jacó, o terceiro patriarca, que foi muito atribulada não teve sossego. Ele batalhou muito a vida inteira dele, desde a juventude, quando foi expulso de casa, os irmãos pegaram, venderam, foi a história do filho José e Jacó sofreu com a perda do filho José e etc. E foi depois, desde o ventre materno com o irmão Esaú, lutas e lutas. Nunca teve um momento de paz. Parece está mais ou menos, aí surge algo, parece que tem alguma coisa, parece que a história de Israel é assim, mas o importante é ir levando, é ter fé em Deus. Israel existe até hoje, conviveu com inúmeras civilizações, que só existem nos livros, civilização babilônica, assíria, os faraós, romana, persa e isso não tem. Roma de hoje não tem nada haver com a Roma antiga, só o coliseu. Mas, Israel continua até hoje, alguma coisa tem e vai continuar tendo.*

MA: Agora eu já percebi que vocês adotam uma postura bem reservada. Quando eu cheguei em Manaus e vim procurar por vocês, eu conversei com algumas pessoas e ninguém sabia me dizer nada sobre vocês.

ID: Mas isso não é proposital não. Isso é porque é pequena, na verdade aqui são 200 famílias. Duzentas famílias num universo de dois milhões de pessoas que tem em Manaus. Nós não chegamos a setecentas pessoas, é 0,00 alguma coisa não sei nem quanto é que dá de porcentagem. Talvez é por isso. Mas, sempre que nos procuram seja a universidade, seja as escolas, seja a mídia, a imprensa vem muito aqui. Todos sabem onde nós estamos e o povo em si talvez por desconhecimento, mas as entidades elas sabem, o governo, as igrejas, mídias, universidades, escolas esses sabem sim.

MA: Existia alguma espécie de vínculo da sinagoga de Manaus com as comunidade do interior durante o período que o sr chegou a Manaus?

ID: Praticamente o judaísmo no interior acabou, foi acabando. O judaísmo no interior, hoje tem descendentes, em poucos lugares que ainda tem judeus mesmo com... Tem descendentes e cemitérios hoje nos interiores. Quando eu cheguei aqui já tinha muito pouco e isso foi acabando. Eu fiz um ultimo sepultamento em Parintins, aqui nosso próximo, nossa querida Parintins aqui, era o ultimo judeu assim... Judeu mesmo que ainda vivia lá, o Elias Assayag e já estava muito doente e eu ia lá vê-lo e ele acabou falecendo e eu tive que ir mesmo, mas já pra sepulta-lo foi o ultimo que eu fiz no interior. Isso foi, não sei se em 1979 ou 1980, eu não lembro bem exatamente a data. Daí parou, o que vem é a pessoa do interior, pedir para ver como é que recupera o cemitério. Aí, nós damos todas as orientações possíveis. Tem pessoas aqui de Manaus, famílias que vão a cidades do interior e recuperam cemitérios do interior, cemitério é história!

MA: Sim, sem contar que existe sepulturas no interior que são muito mais antigas que as sepulturas de Manaus.

ID: Exatamente, eles foram subindo o rio Amazonas e primeiro passaram por Parintins e depois Itacoatiara, e depois que chegaram em Manaus.

MA: Então seu Isaac, eu quero agradecer sua disponibilidade em me receber.

ID: Fique a vontade para aparecer aqui quando quiser, nós estamos sempre a ordem. Sabe qual a importância de trabalhos como o seu Ariádina? É que é um trabalho informativo. As pessoas vão conhecer um pouco mais de nós, da nossa comunidade. E o que esperamos é que trabalhos assim diminuam a falta de conhecimento e anti-semitismo no mundo.

Maria Ariádina Cidade Almeida

Entrevista 02- Simão Assayag

Duração: 00:41:00min

MA: Então, apesar do sr. Achar que não pode colaborar com o meu trabalho, eu vou insistir em perguntar algumas coisas.

SA: Tá ok!

MA: Eu vim aqui, porque seu pai era judeu, e muito conhecido na cidade.

SA: Eu já sou um produto assim meu pai era, meu pai nasceu em Santarém filho de judeus marroquinos então os meus avós é que vieram eles se conheceram em Santarém nessa vinda veio muita gente em Belém e Macapá e alguns vieram entrando e alguns vieram ficaram em Santarém eles não vieram juntos nem na mesma vinda, meu avô Simão ele conheceu a minha avó em Santarém se casaram tiveram filhos e de la eles tiveram três filhos.

MA: Qual era o nome do seu pai.

SA: O do meu pai era Simão Elias Asayag igual o do meu avô Simão Elias Asayag parece que era uma tradição que vinha mudado genes que pegava o primogênito não sei por que pularam o Zezito, Jose que era o mais velho bem aí tiveram o papai né e o meu pai já casou com filha de portuguesa a minha mãe é filha de português com cabocla daqui. Pois bem então ele aí tiveram né o papai com a mamãe tiveram seis filhos mas o papai teve outros filho ates do casamento depois do casamento e durante o casamento.

MA: O seu pai era cacheiro viajante?

SA: (risos) Não, Deus a ajude se fosse mana aí que não ia prestar. Onde ele arrumava os filhos a mamãe ia criando.

MA: Nossa, mas sua mãe era uma santa (risos).

SA: Jacami né? Criava o filho dos outros, chamavam pra ela. Ela criou um casal de filho que o papai teve antes, a Rute, não sei se tu já ouviu falar? Ela foi secretaria de educação, muito envolvida nessa área cultural, e também de educação. Depois teve a família da Tatá, foi durante o casamento. E a mamãe criou um bocado deles. Criou Rosado, que mora lá no beco do Degola.

MA: o seu pai era um judeu religioso?

SA: ele praticava, mas não na integra sabe ele fazia o (iam kipur) mas ele por exemplo ele fumava ao sábado que não pode. Olha eu só entrei numa sinagoga quando o papai morreu que foi feito a cerimônia lá teve um rito muito cuidadoso sabe e depois também. O papai tinha verdadeira pavor assim, porque ele ficou cedo o último judeu assim que praticava. Os

outros Assayag, que já é do pessoal do Davi Assayag, eu já falo onde é que tem haver comigo. Quer dizer, eu é que sou primo dele, que agora ele é famoso né? Quando ele não era eu é que era primo dele (risos). Então ficou só dois judeus aqui, o papai e o seu Lico, não sei se tu já ouviu falar que tinha uma loja ali na praça do Cristo. Então nesse tempo só tava o Lico, é Alberto parece o nome dele, Alberto Mendes. Então quando ele viajava o papai entrava em pânico, não era com medo da morte era com medo do rito pós a morte, que não ia ter quem fizesse. Depois que eu fui descobrindo isso, ele não falava mas eu sentia né que ele ficava nervoso. Depois alguém me falou, rapaz é porque o Lico viajou. Acabou que quem começou quando ele morreu, quem começou os preparativos foi a dona Cirene Cohen, que geralmente é por homem né? Mas ela foi até onde podia ir, enquanto chegava o Issac Dahan, que já era na época o rabino. Então aí que foi saber que o caixão deles é um caixão quadrado sem tampa, o papai ainda foi sim ele ficou todo durinho ali, linho é virgem, novo, zerado e ficou todo durinho lá no quarto e dão banho nele com ervas aromáticas que tem, depois que ele fica igual uma múmia ele e colocado no caixão, no caixão quadrado pelo preto sempre preto é um caixão simples assim, quando chega no cemitério os parentes deles mais próximos dele descem na cova que é pra poder caber o morto e pelo menos dois vivos. Primeira vez que eu entrei numa sinagoga foi uma cerimônia que tem umas frutas e tal.

MA: Quando ele morreu a família já tinha saído de Parintins.

SA: Não, uns ficaram outros saíram com o tempo... Ali na praça do Cristo, ali era assim, morava o seu Salomão Mendes, que era o patriarca dessa família do Lico, morava dois Cohen, pai do Dr. Jacob Cohen e o tio dele que era o Isaac Cohen. Moravam numa casa germinada, ainda tem essa casa lá. E isso era muito comum, os judeus faziam, dois irmãos faziam casa e se olhasse de frente parecia que era uma casa só, lá tinha aqueles babadinhos, aquele enfeites, e tinha um lugar central onde mas tinha uma divisão, e muitas vezes aliás todos que eu conheci, tinha uma porta que interligava lá na frente, logo que entrava você podia ir de um lugar pra outro. Depois vinha o que a gente chamava de tio Jacó, era Assayag, e depois vinha o que a gente chamava de tio Davi, que era onde tem aquela vendedora de carro ali na praça. Tio Davi na verdade ele era primo do papai, mas como era de uma outra geração a gente chamava de tio Davi. Sempre eu conheci ele vestido de preto não sei porque. Então a gente não ia muito na casa do tio Davi, porque primeiro que aquela roupa preta já assustava a gente e depois ele quase não andava ele era muito gordo e ele tinha uma hérnia que ia quase no chão, aquilo além da gordura, era o avô do Davi Assayag do ídolo aí. A gente não ia lá porque diziam que ele tinha engolido uma criança e que aquilo

era uma criança que ele tinha engolido, e a gente tinha pavor de ir lá. Ele tinha aquela aparência esquisitona sentado parecia um buda, vestido de preto. Então fazia com que agente tivesse menos contato ainda. Ai tinha o papai que morava atrás da prefeitura velha, onde tem umas lojas lá. E o seu Pichita, pai do Salomão, da Ester e da Sol, o nome dele era Pinhãs Salomão Cohen, ele tinha a língua meio presa né? – Pinhas Salomão Cohen. Meu querido irmão? Ele tinha essa expressão o apelido era Pichita que era uma agrado, era na esquina lá onde é a agencia de turismo. Lá ele tinha um bar, e o papai vendia... na verdade o papai vendia tudo, vendia roupa, vendia sapato, vendia óculos. Dr. Jacó diz que ele foi o Primeiro oftalmologista de Parintins, ele vendia óculos, o óculos tinha uma numerozinho aqui, e o caboclo chegava lá e ele dizia: - Experimenta o 1, experimenta o 2, o qual servisse e naquele tempo né? Ele era comerciante e pecuarista, ele foi o primeiro associado da associação dos pecuaristas. O papai falava muito pouco sabe? Era igual eu assim, agora que eu tô falando muito (risos). Mas, então ele era uma pessoa muito na dele, não saia de casa, até com a gente mesmo ele não conversava. Essas coisas que ele foi o primeiro associado dos pecuaristas foi um presidente que descobriu, foi o Zezinho Faria. Por isso que tem o nome dele lá no parque de exposição, tem o nome dele Assayag por causa disso. Eu acho que o sr. até deve ter observado que hoje existe uma valorização de certas identidades que foram negadas ao longo da história, como é o caso dos judeus.

MA: E o sr. nunca procurou se informar sobre a religião do seu pai?

Não, porque eu fui batizado na igreja católica. Eu acho até que pra ser batizado o padre lá fez um arranjo, porque há uma exigência de serem casados os pais né? E o papai era judeu, eu não sei como deram um jeito lá nesse negócio assim.

MA: Mas todos vocês foram batizados?

SA: Todos, eu fui, usava aquela fita amarela, que era cruzada, eu estudei no colégio de padre, fui interno no colégio Dom Bosco. A mamãe tinha um peso muito grande, o papai era um judeu meio errante não ligava muito para as coisas. E eu não penso em praticar, mas eu vejo umas coisas muito coerentes no judaísmo. Eu acabei de ler um livro, agora claro que a gente não vai se influenciar por um livro, mas são coisas que a gente vai juntando. Um história de Deus, é um livro de uma ex - freira inglesa que ela fala das maiores religiões, o judaísmo, o catolicismo e o judaísmo. Isso também tá numa ordem cronológica. Eu percebo que existe uma identidade que eu acho que não é coisa atávica de família, porque eu não conhecia nada disso, mas eu vejo uma certa coerência, uma certa, ela atrai a gente. Eu tô lendo os Templários, os templários é mais história. O que eu cabe de ler é mais essência da

religião. E eu descobri algumas coisas que eu pratico que não foi influencia do papai que agora eu tô descobrindo que tem muito haver com judeu. A minha própria moradia, eu vivo muito na minha, eu sou meio monástico, (eu to com essas palavras agora que é lá do livro, tem que usar (risos). Eu vivo aqui no meu monastério, entendeu? Então isso é um pouco dele, essa coisa de delimitar seu território. Minha filosofia de vida é essa, esse é o meu território, eu cuido daqui. E isso eu faço desde que quando eu era muito ocupado, eu sempre encontrei tempo pra essas coisas. Não é de agora não que eu sou aposentado, então tem muito haver. Alguém que me despertou, rapaz tu sabe que isso é coisas de judeu? Eu sou fã do professor Samuel Benchimol, acho ele uma pessoa fantástica. A história do Seu Isaac Sabbá dava pra fazer um filme, ele era cacheiro viajante na época e terminou dono de uma refinaria de petróleo, a única do norte do país, com trabalho e inteligência. Ele casou com uma sobrinha do papai que agente chamava de tia, porque era da mesma geração do papai. Não tem hoje que a gente faz compra pela internet, ele era cacheiro viajante, aquele que vai de cidade em cidade levando o mostruário e em cada cidade ele arrumava uma mulher.

MA: Seu pai pertencia a alguma associação?

SA: Ele era maçom. Era ele e os dois filhos o mais velho e o mais novo os três do meio eu e os outros não são. Quanto à maçonaria meu pai era maçom. o filho mais velho dele era maçom e o mais nova também era maçom.

MA: Mas eles eram maçom por influencia do pai, ou porque eram comerciantes?

SA: Eu acredito que não por que nunca o papai falou nada.

MA: Depois da morte do seu pai o senhor nunca sentiu vontade de voltar a praticar a religião que era do seu pai o senhor nunca sentiu atraído por esse universo?

SA: Olha não! Eu não penso assim em eu vejo umas coisas assim que muito coerente assim no judaísmo sabe, eu acabei de ler um livro de uma ex freira inglesa que ela fala do judaísmo do catolicismo e do helenismo e eu percebo que tem uma identidade que eu percebo assim a atávica a assim de família por que eu não sabia de nada disso mas eu vejo assim uma certa coerência sabe uma certa, atrai agente é mas assim, é a essência da religião. Pois bem então agente vai vendo coisa sabe tem coisa radicais como tem de todos os lados e eu descobre algumas coisas que eu pratico que não foi influencia do papai agora que eu to descobrindo que eu tenho muito ave com o judeu então eu sou um pouco dele essa coisa de delimitar o seu território e isso eu faço desde quando eu era muito ocupado sempre achei tempo pra essas coisas, então isso tem muito haver sabe.

MA: Aqui na Amazônia tinha língua que eles chamavam que era a haquitia que era mistura do espanhol com hebraico, seu pai nuca falou nem um sotaque desse tipo?

SA: Olha o papai aprendeu a ler lendo jornal ele falou com seu Chico Anuzzio que ele foi a primeira pessoa a usar linhaça, linhaça é um produto ele teve fábrica de tinta aqui em Parintins a primeira vez a linhaça foi pra calafetar barcos aqueles barcos de madeira ele foi o primeiro que usou a vela pra função de barco ele contou o seu Chico que ele tinha uma canoa grande que ele chamava de garite, então ele tinha um terreno aqui no Itaboraí quando ele vinha de lá contra a correnteza que ele vinha trazido pelo vento aquela vela grande e era uma admiração assim. Eu te disse que não sei nada de judaísmo, tu não acreditou.

MA: Sabe sim, o importante é a sua experiência.

SA: Vem, que eu quero te mostrar umas fotos, uns livros.

MA: Ok!

Maria Ariádina Cidade Almeida

Entrevista:03 Júlia Cohen Israel

Duração: 01h35min: 07

MA: Então dona Julia deixa eu me apresentar: eu sou Ariádina, eu sou de Parintins.

JC: Minha conterrânea né?

MA: Exatamente sua conterrânea. Eu me graduei em História e agora estou cursando mestrado aqui e a minha pesquisa é sobre os judeus no Amazonas, e não é um tema fácil no que se refere a registros e documentação, e por isso que eu estou desenvolvendo entrevistas orais, que também são fontes de judeus que vivem em Manaus, que viveram no interior. Como é que esse grupo de judeus, chegaram, estabeleceram relações, sobreviveram as diferenças, as incorporações. Eu primeiramente lhe agradeço imensamente por ter me recebido, não é tão simples assim, receber uma estranha.

JC: O que é isso, eu gosto muito desse tema, eu gosto muito, porque essa lacuna que você disse ela existe né. Eu vejo que agente já tá... Pelo menos olha, os meus irmãos já morreram, minha mãe ainda está viva, e ela é lucida, lucida.

MA: Minha nossa, eu preciso conhecê-la. (risos)

JC: Sim, eu vou marcar pra você,

MA: Então ótimo

JC: A mãe dela que já veio na verdade, ela já nasceu aqui, parece que a mamãe é de Manaus. O meu avô, ele veio muito novo pra cá parece que com 18 anos ou 20, e a minha avó veio com 15. Eu me interessei muito por isso e não me perdoei de não ter feito um trabalho. Essa vontade só surgiu depois, quando já tinha morrido a minha avó e o meu avô e as minhas tias lá de Parintins. Depois que eu vim me aperceber que aquele grupinho lá de Parintins era um pequeno mundo né? Eu não me perdoei, mas ao mesmo tempo a gente tem que se perdoar porque eu não tinha motivação, eu achava que o mundo era ali.

Então tá mas porque que nasceu essa vontade de tu fazer sobre os judeus, você tem alguma ligação com judeu?

MA: Pois é, eu me pergunto também sobre isso. Eu penso que pela curiosidade, eu vivi lá em Parintins e cresci vendo aquelas casas mais antigas, onde funcionava a câmara Municipal, e eu sempre perguntava sobre a origem dessas antigas casas que ficavam na frente da cidade, e que todo mundo dizia que era, ou pelo menos pertenceu aos judeus. Mas, quem é o judeu?

JC: Acho que era da minha família.

MA: Nem minha mãe sabia me explicar ao certo quem eram os judeus. Então, eu acredito que é fruto da minha curiosidade de menina, de conhecer um pouco mais aquilo que pra mim, foi quase um mito, compreender esse grupo que já não existia mais ali, mas que viveu e deixou história. Mas, é incrível como todo mundo pensa que eu sou judia (risos). E sempre que eu me apresento, a primeira pergunta que me fazem é: Tu es judia? Porque geralmente o judeu se interessa pelo próprio grupo né, pela própria história, já o de fora não tem tanto interesse.

JC: Eu tenho alguns primos, ainda por lá, a Sol, o Salomão Cohen. São filhos de judeus mesmo, do meu tio Pichita. Tu já ouviu falar?

MA: Sim, tem até o nome de um parque infantil com o nome dele.

JC: Na verdade o nome dele era Pinhas, mas o pessoal aportuguesou, pra Pichita, porque Pinhas era um nome que no nosso fonema, esse não existe. Eu soube que o Salomão colocou o nome do filho dele de Pinhas, e lá em Parintins, eles chamam o nome do menino.

MA: Pois bem, eu acho que essa curiosidade, aliada a falta de informação me fizeram querer investigar esses judeus

JC: Que legal, é bom que tu tenhas essa tua motivação

JC: Eu li muito sobre judaísmo, gosto de psicologia porque é a minha área também, mas eu gosto muito de ler. Eu estava andando pelo aeroporto e encontrei um livro do Henry Sobel, tu já ouviu falar né?

MA: O rabino?

JC: *È aquele rabino que na época da repressão ele sem querer, foi uma coisa assim involuntária, ele teve que fazer um enterro de um judeu, Vladimir Esolle. O pessoal dos militares mandou pra comunidade o corpo do Vladimir dizendo que ele tinha se suicidado. E ele era o rabino nessa época, tinha acabado de chegar dos estados Unidos, ele era americano. Então ele falou pro outro rabino que era subalterno dele, veja como esta o corpo, porque eles tinham que ver o estado do corpo. Tu sabe que o judeu quando morre, agente tem que fazer tipo uma purificação, lava o corpo tudinho. O corpo dele tava muito violentado, com manchas. Porque pro judaísmo a vida é a coisa mais preciosa pro ser humano, não se pode tirar a vida. Aquele que se suicida é tratado de um forma diferente, ele é colocado num canto separado dos outros. É tipo uma humilhação pra família e tudo. Então o rabino Henry Sobel disse: ele vai ser enterrado como uma pessoa comum, que morreu normalmente, ele desafiou a ditadura. E pra a cerimonia dos 8 dias que a gente faz, igual como fazem os católicos, ele fez um ato ecumênico. Foi numa igreja da Sé e os padres e todos desafiaram mesmo a ditadura, fizeram uma ato contra a violência. Ele ficou famoso por isso, ele tem uma historia linda. Só que ele não é um judeu ortodoxo, ele é um rabino liberal. Ele se envolveu com entidades internacionais contra a violência no mundo inteiro, e aqui no Brasil, ele se tornou muito amigo dos católicos, eles continuaram a questão ecumênica. Só que ele tava com problema de saúde e acabou roubando umas gravatas lá nos Estados Unidos ele conta aqui que não sabe como aconteceu isso. Então ele foi muito criticado, avacalhado, e as pessoas que não gostavam dele se aproveitaram. E ele escreveu um livro sobre a vida dele, é muito interessante, a gente aprende muito sobre o judaísmo. Tem alguma parte aqui que quem sabe não pode até te interessar?*

MA: *Sim, eu tenho o livro.*

MA: *Eu queria que a sr. falasse um pouco da sua família.*

JC: *Na verdade meu pai era filho da pessoa que chegou a Parintins. Eu não tenho muitos dados, o velho se chamava Salomão Moises Cohen, que eu não cheguei a conhecer. Conheci a Minha avó era Ester Cohen, por parte do meu pai. E ela tinha muitos filhos e moravam todos juntos. Eu me lembro dela eu acho que tinha uns 5 anos, eu me lembro muito pouco dela. Mas eram muitas tias, muitos tios.*

MA: *E eles, seus tios e tias ainda estão vivos?*

JC: *Não todos já morreram e na verdade foram elas que me criaram (as tias). Porque quando a minha mãe se casou com o meu pai foi morar junto com elas e quando eu nasci ainda estavam juntos. E quando meu pai foi para casa dele que era vizinho, eles foram se*

mudar pra uma daquelas casas que você conheceu, eles se mudaram, mas nós já estávamos todas apegados com as minhas tias que eram todas solteiras, e se dedicavam a nós. Então os meus irmãos que nasceram lá ficaram por lá, com o meu pai com minha mãe que era vizinho, mas o aconchego mesmo era com as minhas tias.

Da parte da minha mãe que eu saiba o meu avo veio de lá do Marrocos, ah sim, o meu avô paterno era português veio de Portugal e eu não sei mais. Na parte da minha mãe, ela também veio do Marrocos era tudo peto né, atravessava o estreitinho de Balcar como minha vó contava e já estava ali na Espanha e em Portugal. Veio primeiro o meu avô, que era um rapaz novo, 20 anos veio pro Brasil e ficou aqui por Manaus, e depois foi ali pro alto né? Tefé foi pra onde eles foram, foram outros judeus com ele. E aí a minha avó veio uns quatro anos depois do Marrocos e foram morar num sítio que até hoje ainda não foi pro mapa, a gente costuma brincar, chamado Ponan, fica próximo de Tefé. Eles moraram lá e parece que se adaptaram muito bem, lá minha avó teve o primeiro filho, o segundo. Aí minha mãe já era adulta quando eles decidiram vim pra Parintins, não sei qual era o motivo. Um dos irmãos dela, tio Shalom, moravam no interior, lá em Coari, Tefé, por aquelas redondezas. Aí o negócio dele era tipo de regatão, vinha a Manaus pegava a mercadoria e trocava por outros produtos no interior. E ele tinha uma vida boa aqui em Manaus. O outro não, o outro irmão chamado Afom, ele já era uma pessoa mais pobre e ele foi com o pai dele pra Parintins. Chegaram em Parintins, mamãe conta que ela viu o papai e logo se simpatizavam. E é isso eles moraram por lá né se casaram e a mamãe teve uma irmã que depois de muito tempo nasceu, quase da minha idade. Lá eles faziam e viviam todo o judaísmo lá, porque o judaísmo é interessante, porque ele não precisa de muita coisa pra você viver o judaísmo. Na própria casa você continua o judaísmo e por isso ele se manteve até hoje.

MA: O que o seu pai fazia em termos profissionais?

JC: Meu pai ele era comerciante, ele tinha uma boa vida lá, eles tinham uma casa, naquela época aquelas casas eram consideradas boas né? Uma das melhores. E o local, o meu avô chegou muito cedo, então aquele local é uma coisa pioneira, fica bem na frente da cidade, perto do mercado, perto da prefeitura, perto de tudo. Aí eu fiquei até os 15 anos, meu pai ainda ficou lá com minha mãe, meus irmãos memores.

MA: E porque vocês saíram de lá?

JC: Porque quando eu fiz a 5 série não tinha mais, outro colégio lá.

MA: E a sra. estudou em qual colégio?

JC: No Araújo filho, eu meu irmão mais velho e Salomão estudamos lá. Depois a gente veio fazer exame de admissão, naquela época. E tinham muitas famílias em Parintins, se você olhar o cemitério vai ver muitos sobrenomes, isso significa que tinham muitas famílias lá. E nas nossas pascoas, feriados religiosos, agente fazia, a nossa casa era o..., porque era muito grande né, eram salas enormes e ali a gente se reunia. O pessoal ia pra lá pra rezar, meus tios sabiam, rezar, sabiam rezar, porque, tinham os livros sagrados e era tudo em hebraico, e os meninos principalmente antes de fazer o bar mitza, a maioria religiosa, eles tinham que aprender a ler em hebraico. Embora que na segunda e terceira geração já não se sabia mais o significado, a gente só lia. Eu leio, pouca coisa, eu era muito amiga do meu irmão mais velho e tudo que ele aprendia eu queria aprender também. Então ele aprendeu a ler em hebraico, eu queria ler também.

MA: E a sra. Veio pra Manaus morar com quem?

JC: Vim morar com a família da minha mãe que morava aqui em Manaus, meus tios que casaram e moravam aqui em Manaus. Depois o meu pai alugou uma casa, e a gente morava aqui também. Porque pro judeu o conhecimento é uma coisa muito importante, a leitura, isso aí eles não abrem mão mesmo. Nós não abrimos, meus filhos também, eu apertava, tem que estudar, tem que estudar, tem que estudar. Eles, não podiam, mas eles mandavam.

MA: E o seu pai passou quanto tempo em Parintins?

JC: Meu pai passou a vida toda ele lá. Ele só veio pra cá (Manaus) quando ele já estava doente, que ele teve esclerose. Meu pai se chamava Moyses Salomão Cohen, que era o inverso do pai dele, e a minha mãe se chama Luna Caggy Cohen, a família da minha mãe é Caggy. A gente fazia tudo em casa.

MA: Seu pai trabalhava no comércio, você, seus irmãos e sua mãe realizavam quais atividades?

JC: Ah! Não saía de casa, ela só cuidava da casa e dos filhos né. E a gente vivia naquele casarão, que era um pedaço das minhas tias, dos meus tios, outro pedaço do meu pai, mas que era aquele mundo ali. Aí depois quando nós ficamos maiores, a gente se dava muito com as pessoas lá, a gente tinha um rol de amigos muito grande. Tinha muitos amigos, até hoje, eu era muito festeira, gostava muito de festa, minha mãe também, o judeu gosta de alegria de fazer festa, de comida. Então, lá em casa, era muita comida, muita coisa.

MA: E os seus avós e pais, tinham algum contato com os parentes do Marrocos.

JC: Ah! Isso foi triste, eles deixaram [...]. Teve uma parte da família do meu pai, que a gente se comunicava por carta. Eles moravam em Parintins, e não sei porque não se deram lá, eles

voltaram pra Portugal e depois, voltaram pra Marrocos. Eles viviam lá em Marrocos, o nome da cidade era de Larash. A vovó, por parte da minha mãe veio de Tetuan, de onde vieram muitos judeus, e essa outra minha tia, foi para Larash. Tinha uns que ainda foram pra Barcelona também, viviam ali, no mundinho deles. Depois eu soube que eles foram pra Israel porque depois da guerra dos seis dias, o mundo islâmico ficou muito hostil lá, e eles tiveram que sair de lá. Até o meu irmão que foi visitar o Marrocos esses tempos, falou que não tem um judeu lá. Ele foi na casa do meu avó, tirou a foto lá, uma casinha bem pequenininha. Essa minha tia, chamada tia Méry, ela mandava cartas de lá, e eu lembro que as minhas tias ficavam muito ansiosas por notícias dela, sabe eles gostavam muito dessa tia Méry. Um dos filhos dela veio pro Rio e mora no Rio. E um esteve aqui, ele era até professor lá em Barcelona, ele me contou. Nessa época meu pai já tava muito doente eu fiquei com eles aqui na minha casa, ficaram poucos dias aqui. Eu acho que ele até já morreu.

MA: A sra. tem algum registro, seja das suas tias, ou da comunidade?

JC: Tinha uns documentos da comunidade lá de Parintins, que meu pai fazia parte. E tinha um documento, que tu sabe que aonde o judeu vai ele faz a sua reunião, a suas coisas assim importantes né? Então tinha coisas assim, como é que chama...? De morte né, aqueles grupos de pessoas que são chamados quando morrem alguém e quando nasce, quando... Eu encontrei nas coisas do meu pai, quando eu fui a Parintins, dois documentos da Rebréah, que é o nome dessa instituiçãozinha que fazem quando morre alguém e tal, e eu faço até parte de uma dela aqui em Manaus. E eu peguei e dei para o doutor Samuel Benchimol, meu marido trabalhou com ele, quando ele estava escrevendo ele precisou. É um talãozinho. Eu me surpreendi, quando vi aquele talãozinho da rebrah de Parintins, e disse: Puxa vida, aqui era organizado né, aqui tinha uma organização, pois naquele época você mandar fazer numa impressora né? E era impresso, Rebrah de Parintins, e pelo numero de mortos que tem ali você ia ver que não era tão pouca gente lá. Teve aquele caso, eu não sei se tu vistes, aquele caso, eles eram nossos amigos, infelizmente eles não estão mais aqui. A da família Zagury, que era um promotor, o filho dele era muito meu amigo.

MA: O promotor que foi morto, e tá até no livro do Samuel.

JC: É tá no livro do Samuel.

MA: Eu sei que foi um prisioneiro lá da cadeia publica que saiu de lá e foi matar. Eu conheci a viúva, dona Gimol era muito nossa amiga, os filhos dela moram em Belo Horizonte. A dona Gimol falava que o preso tinha sido julgado por ele né, e por isso que ele ficou. Mas eu não sei como que ficou isso, eles falaram tudo assim, boca pequena a gente diz (risos). Deus o

livre era um negocio muito fechado naquela época. Depois da morte a família mudou-se para Manaus, eles eram bancários, Jacó era bancário, Salomão era bancário, depois foram embora pra São Paulo. A minha tia era muito amiga deles, morava na casa deles quando vinha aqui em Manaus.

JC: Mas, vamos falar de mim?

MA: Quando a sra. ainda jovem mudou-se para Manaus, teve dificuldade de se adaptar longe da família?

JC: Olha é a tal coisa, eu não tive muita dificuldade não. Porque tu sabes que Parintins preparava bem os alunos, dona Alzira, dona Anita Freitas, eu sou dessa época. Então a gente estudava muito. Meu pai, nossa... Ele dizia: Vai pra Manaus pra estudar. Não passou, volta pra me ajudar.

MA: A sra. trabalhava com ele?

JC: Eu não gostava de comércio não, sou totalmente avessa. Mas meus irmãos, os homens ele puxava mais né? O meu pai era agente da Paner, que depois se tornou Cruzeiro. Passou muitos anos na Paner, os aviões eram aqueles aviões hidro, que pousava os catalino pousava na frente de casa ali. Bem na frente da praça pousava. Aí meu pai já estava doente, e pra ir fazer, despachar iam nas canoas, até lá no meio do rio. E também era agente da Cinap, que ele herdou isso, de um outro judeu que tava lá. Eu não lembro o nome dele. Depois se transformou em Enasa, eram os navios. E meus irmãos que ajudavam ele. Eu não, eu era mais de ficar em casa, eu sempre ajudei ele. Mas, eu gostava de ler muito. E aí quando eu cheguei aqui eu queria ser professora, eu não queria ser outra coisa. E a gente brincava muito de alfabetizar as meninas que vinham morar em casa. Naquela época era assim, vinha muita menina do interior, os pais pediam, então vinha muitas filhas, elas vinham, aprendiam coisas e eu os meus irmãos a gente gostava muito. Eu gostava de ensinar. Até hoje tem tipo irmãs que a gente tem aqui em Manaus, tipo as minhas tias não casaram, ficaram sempre solteiras e criaram muitas moças. Mais eram muitas moças que passaram lá por casa. E teve umas que acompanharam elas aqui em Manaus, e hoje estão bem, são enfermeiras, trabalham. E elas vendo o judaísmo todo tempo aí, acabaram querendo se converter. Mas, tiveram dificuldades.

MA: Fora esse episódio da família Zagury, onde o promotor foi morto, a sra. presenciou ou ficou sabendo de algum outro conflito que tenha afetado a comunidade?

JC: Não, o que a gente vê é pequenas histórias de piada. Mas, como a gente não se envolve muito, não influi em nada. Uma vez, tinha um politico lá, que era o seu José Esteves, e a

mulher dele era muito nossa amiga. Ele foi sócio do meu tio Isaac. E a mulher dele gostava muito de mim. A gente fazia muita festa na casa dela, ela era muito animada e aquela coisa. Então, a Jane, quis que eu fosse madrinha de um dos filhos dela, do Alexandre. E foram pedir na igreja, mas, não me aceitaram porque eu era judia. Eu tinha que me converter pra ser madrinha do Alexandre. Teve também um outro episodio... Quando eu vim de lá pra estudar aqui, não tinha ainda nem o colégio lá, desse nível que eu já tava. Fizeram o colegio Nossa Senhora do Carmo lá. Aí o meu pai colocou os meus irmãos lá, porque nessa epoca, ele já estava mais velho, e não podia mais mandar pra cá e tal. Aí, alguns deles ajudavam o meu pai também, no comercio. Mas o meu pai se encomodava muito porque as freiras queriam que os meus irmãos rezassem. E é dificil judeu mudar de religião né? E os meninos... Ah! Menino novo não quer nem saber né? Ainda está na fase da educação, de construção da sua personalidade. Aí, ele mandou uma carta, para que eu fosse entregar aqui pro representante do ministerio de educação. Era o professor Agenor Ferreira Lima. Aí, eu na minha ignorancia, fui lá pedir uma audiencia com ele. Fiquei lá esperando. Quando ele chegou todo nervoso, ele era agitado, ele leu a carta, pedindo que meus irmãos fosse liberados, já que eles tinham o ensinamento religiosos dentro de casa então precisava. Ah! O homem se aborreceu muito. Se não estivesse satisfeito que tirasse os meninos do colégio. E nessa epoca, a gente tinha que abaixar a cabeça. E meu pai não podia deixar meus irmãos sem estudar. E não só eles, pois nessa altura, só já tinha duas familias em Parintins, e nós nos consideravamos até parentes. Só que eles foram pra Belém e nós viemos pra nós. O Lico o Nacine, pessoas muito queridas.

MA: E quando que a familia se mudou por completo pra Manaus?

JC: Quando os meninos terminaram o ensino medio. Aí meu irmão, que era o Jacó, disse: vamo, vamo que eu não quero ficar aqui, eu quero estudar. Aí nós alugamos uma casa, depois meus irmãos mais velhos já estavam no banco e já podiam ajudar o papai. Tivemos que trazer o papai, foi uma vinda meio que obrigatoria. Mas, pelo meu pai mesmo, ele não queria sair de lá. De jeito nenhum, ele adorava Parintins. Eu também gostava de mais, tinhamos muitos amigos lá. Em Parintins, o meu pai fazia a politica da boa vizinhança. Ele era umas pessoas muito alegre, ele brincava muito com as freiras, e elas chegavam lá e abraçavam o velho e ele abraçava elas. Era aquela coisa. Meu tio Pichita era uma alegria de pessoa. Era famoso o carnaval do Pichita. Eu adorava brincar carnaval. Aqui, eu não brincava não, não tinha muito ambiente, mas lá, eu era louca por carnaval. Fui até rainha do carnaval lá. Eu vim pra cá para um nucleo. Eu fui morar na casa dos meus tios que eram

judeus, e aqui já tinha uma comunidade, e lá era só uma família. Eu como a mais velha e o meu outro irmão, a gente se adaptou bem aqui, nessa coisa do judaísmo já os meus irmãos menores, não se apegaram a comunidade. No interior, a sinagoga era a nossa casa. E tinha uma pessoa que era mais entendida, que era o Abraham Serrulha. Era o mais velho e era quem entendia muito do judaísmo. Meu pai, quando nasceram os meus irmãos mais novos, pra fazer o bar mitzav, o brit mila, ele mandava buscar aqui em Manaus, pra ir fazer o do menino.

MA: As celebrações eram feitas na sua casa?

JC: O Iom Kipur, que é aquela festa..Ih! a casa enchia! Enchia de gente e enchia de gente até de católicos, que acreditavam amigos muito próximos que conheciam assim os princípios da religião. Eles acreditavam, por exemplo, no shofar, tu sabe? Que é o toque do chifre do carneiro, o shofar chamado. E naquela hora, todos faziam até jejum, ficavam lá na minha casa. Eu era criança, mas eu lembrava disso, a casa toda limpa, toda bonita, toda né? Naquela época não tinha muita luz.

MA: E o sábado?

JC: Ah! Totalmente, mas de jeito nenhum era deixado pra trás. Muitas comidas, muitas, até hoje eu faço na minha casa. É o ponto de encontro da família, é o ponto de encontro o shabat. Chegava sexta feira de tarde a comida estava toda pronta, os homens estavam todos de roupa trocada, as mulheres também, tomavam seu banho, a casa ficava toda limpa, era feita uma limpeza dia de sexta feira. No sábado não se fazia nada, era só conversar, sentar, brincar, cantar, muitas musicas. Era tão bonito sabe? Eu tenho lembranças lindas do shabat lá de casa. Chegava seis horas da tarde, os filhos mais novos tomavam benção do seu pai, os pais abençoavam, e era aquela coisa boa de palavras bonitas que eram ditas pra gente. Eu fiz até um trechozinho, que deve está no livro do Samuel Benchimol, que me pedia para dizer como eram as pascoas e os shabat lá de Parintins. As comidas que a gente comia, comidas marroquinas né.

MA: E a sra. ainda prepara essas comidas?

JC: Preparo, eu adoro e as minhas noras adoram apesar de não serem judias. Tem umas que não gostam. Uma comida meio adocicada né, agri doce, feijão agri doci, a dafina, a ouriça. A dafina é uma comida tipo uma feijoada mais com grão de bico. Tu já comeu?

MA: Não!

JC: Um dia eu te convidar pra comer. O peixe guisado, que naquela época lá em Parintins, não gostavam de tucumã, eu acho que o judeu foi o primeiro a gostar, porque, eu me lembro

de uma das minhas tias que era louca por aquilo... Naquela época mana, tucumã jogava pro rio, ninguém gostava. Eu me lembro. E isso já faz o que? 60 anos. Eu me lembro pequena, a minha tia comprando três por um tostão, ela brincava com isso. E aí gostavam demais daquela fruta. Os meus tios, sentavam dia de sábado pra comer aquilo. Se adaptava minha filha, não tinha grão de bico. Eu me lembro da minha avó, eu não sei quem inventou, deve ter sido mais pra trás. Eu me lembro dela, ela era gorda, sentada numa cadeira, fazendo o café de massa. Era trigo, sal e água. Fazia aquela massa, e ficava igual um cafezinho. Ela secava no sol e botava na dafina, no lugar do grão de bico, e ficava uma delícia aquilo. Não deixava de comer a dafina, o tempero era o mesmo, almondegas de carne, de peixe. Tudo isso eles trouxeram de lá....

MA: A sra. poderia me falar um pouco mais dessas adaptações?

JC: Por exemplo, o judeu ele tem a regra do cachêr, a comida cachêr, tu já ouviu falar né? Lá naquela comunidade não tinha pra matar animal, porque o cachê começa na morte do animal, para o animal não sofrer, tem que ser por sangria, a faca tinha que ser impecável que é pro animal não... Coisa assim. Aí o que que eles faziam, pra não comer o sangue eu lembro da minha mãe. Eu ainda faço, porque eu acho que a carne fica cheirosa, fica boa. Botava de molho a carne depois de uma hora, tira de bota no sal por uma hora, depois, tira e guarda a carne. A carne tá limpinha que uma beleza, pra fazer, entendeu? Algumas outras coisa, tu sabe que marroquino adora cuscuz, cussu como eles chamam e não tinha aqui. Então minha avó, não sei quem lá pra trás inventaram um que fazia com trigo as bolinhas, minha mãe ainda faz até hoje... Bota com a farinha seca, bate um ovo e vai botando na peneira e vai passando o trigo, e aí vai saindo aquelas bolinhas. Eram as adaptações, mas a gente não deixava de fazer.

MA: Aqui em Manaus, a sra. fazia parte de algum grêmio, grupo de judeus?

JC: Logo quando eu cheguei, eu fazia parte de um coral. Era lindo. Era o Prof. Nivaldo Santiago, que era o maestro. Eu fiz parte do coral eu e o meu irmão. Depois a gente se associou, agora é a Hebraica, não é mais grêmio né? Semanalmente, eu faço parte do grupo mereth que é de um grupo de terceira idade, pratico hidroginástica. Só eu, porque meus irmãos, não pegaram essa parte do judaísmo lá em Parintins. Até porque eles estudavam em escola de freira né? Eu aprendi com a família, depois que eu sai de lá meu pai adoeceu e deixaram eles soltos. Onde eu vou, eu digo quem sou. Eu acho que pra você ser respeitada você tem que dizer quem é. E hoje em dia a gente tem que se mostrar, os nossos antepassados já sofreram muito. E o judaísmo é uma religião tão bonita como o catolicismo (pausa).

Deixo eu te mostrar os meus filhos. Estão todos com quarenta anos, os mais novos.

JC: Nós estávamos a onde?

MA: A sra. estava falando da importância de se mostrar como judia?

JC: Por isso que eu gosto de entender o judaísmo no mundo pra eu saber como estão as coisas, pra gente não viver num gueto. Eu tenho que me reconhecer como pessoas com a minha formação desde criança. Eu me abro mesmo pro mundo. Eu sou judia e me orgulho disso. Agora, eu me lembrei de uma coisa, hoje o preconceito é mais por causa do estado de Israel. Teve um caso, uma professora... Meu Deus eu fiquei horrorizada com aquilo. Eu estava fazendo um trabalho para UEA, o Proformar, e eu não a conhecia, e eu fui com ela pra Manacapuru. Fomos morar no mesmo hotel. Aí começou a tal da intifada lá em Israel e a opinião publica fica toda contra Israel, porque o mundo árabe ele sabe se comunicar. De manhã cedo ela começou a ver televisão, e eu estava mudando a minha roupa, e ela começou a falar de uma forma tão grosseira sabe? Ela não sabia que eu era judia, e eu comecei a me sentir mal né? Dizendo coisas horríveis. Eu deixei a noticia passar, e disse: Porque tu está dizendo isso fulana? E ela falou: Porque eu não gosto mesmo dessa gente. Eu disse: Você não deveria ter uma opinião dessa sendo uma professora. Você deveria saber de onde está tirando isso. Eu vou te dizer uma coisa, eu sou judia eu não admito isso que você está falando. Ela era bem morena, ela ficou branca. Eu notei que ela ficou incomodada com aquilo. Eu também fiquei muito incomodada com aquilo. Mais tarde ela precisou de mim, pra alguma coisa, e eu servir, e ela me pediu desculpas depois. Tem que ter calma pra lhe dar com pessoas assim.

Eu estou querendo fazer um livro aqui, mas não com base muito científica. Porque ali na UFAM, é um estrelismo, meu Deus do céu.

MA: E o seu esposo?

JC: Ah! Eu e ele nós tínhamos uns tios em comum. E como eu fui morar com meus tios eu conheci. Ele ia muito lá, ele e o irmão eram filhos de uma família muito pobre aqui de Manaus, a família do meu marido. Eram dez pessoas, e o velho, embora não fosse formado, era um jornalista nato, falava muito bem, escrevia muito bem, seu Davi Israel, que gostava de falar, e falava eloquentemente e ele manteve aqui no Amazonas, um jornal israelita. Ele fez esse jornal, e era interessante. Os filhos dele depois, mandaram para o museu da Diáspora. Aí eu conheci essas pessoas, e agente se dava muito, mas não tinha nada de namoro. Depois eu fui para São Paulo e quando eu voltei de lá, numa festa, aí ele já me falou que já estava muito tempo de olho. Aí começamos a namorar, depois casamos e fomos morar

ali perto do boulevard. Ele tinha um comércio, ali na instalação, e depois foi trabalhar com o Samuel Benchimol, e passou quase trinta anos trabalhando na Bemol. Ele escrevia super bem, apesar de só ter o ginásio, alias todos eles eram poetas. Primava pela gramática, se esforçava, um estilo mais antigo, mas eram bem feito. Meus filhos estudavam em colégio público, porque eu como professora né? Depois ele adoeceu, passou dez anos com câncer de próstata. Sabe como é que é? E ele era um homem muito voltado para o trabalho da comunidade. Para ele, todo judeu tinha que se envolver com a comunidade.

MA: Antes do Dr. Isaac, assim que a sra. chegou em Manaus, quem era o líder religioso?

JC: Ah! Era o seu Jacó Azulay, um velhinho. Eu sei que ele, tinha só uma esposa e teve o filho com uma outra pessoa, que era muito amiga do meu marido. Tem até umas brincadeiras, da guerra, não sei nem se posso falar...(risos). Que o velho nunca falou bem o português, avelha então... Era só aquilo que eles chamavam de arbia né? Não é a haquitia, que a gente falava em casa, meu pai não gostava muito não. Mas os nossos amigos todos conheciam aquelas palavras. E a velha não falava nada. Parece que ela era lá da Turquia, não sei da onde que ela era, e então na época da guerra racionaram a comida né, e só davam um quilo pra cada pessoa. Chegaram na casa dela e perguntaram quantas pessoas tinham lá. E ela não sabia dizer, e dizia tudo do jeito dela. Resultado, ele recebeu seis... (risos). Ela com a leseira dela. Ele fazia os ofícios de reza, e tinham as outras coisas, e naquela época tinha o costume de matar galinha. Em Parintins, era meu tio que matava. Era o que a gente chamava de capará, se é pra ir eu, que vá o animal. E aqui em Manaus, tinha um sr que vinha aqui e matava as galinhas. E agente aproveitava algumas, outras a gente dava e fazia comidas. Fazia uma comida chamada homoronia, é uma galinha doce muito gostosa. Faz com muita cebola, muito mamão verde, chuchu, berinjela, fica assim quase preta. Era a comida do Iam Kipur pra quebrar o tanit, que é o mesmo que jejum em hebraico. Pra matar a galinha era uma farra porque de manhã cedo a gente ia para o porto. Só os homens, eu não ia, que eram só os homens que iam. Acabavam de depenar a galinha, porque tu sabe que o judeu não bota a galinha na água quente não, tem que ser no muque, por causa do sangue pra não coagular, tem que tirar o máximo de sangue. Aí os meninos iam correndo lá pro porto, e eles faziam raiva pra mim, porque eu queria ir e as minhas tias não deixavam. E na casa da mãe era de manhã e na casa das minhas tias era de madrugada, as caparots que chama. As capará é o singular, que é o sacrifício. Hoje em dia a gente faz uma doação, de dinheiro para um necessitado para a comunidade. Era muito animado, as crianças adoravam. Uma coisa que a gente adorava fazer era o pêsach, quer dizer pascoa né? Que era quando os judeus saíram

do Egito que eles eram escravos e passaram. Na época que eles saíram não puderam levar o pão fermentado, levaram o pão do jeito que tava né? Então, nós, vamos dizer assim, somos proibidos de comer o pão fermentado, nós comemos a matsá, que é uma bolachinha do pão ázimo né? Do pão que não é fermentado. Lá em Parintins era uma farra pras crianças nessa época, porque os baús eram abertos. Chama-se chamêts, quando as coisas não estão limpas. Então com um mês de antecedência a gente tem limpar tudo, deixava tudo cheiroso. Não tinha um lugarzinho que não deixasse de mexer. As louças, quem não tem louça de pessah como se diz, tem que lavar, tem que escaldar. Então aquilo era uma farra pra gente ver, minhas tias escaldando as coisas, pra poder ser usado. Era muito engraçado aquilo. Elas lavavam as mesas que eram feito os paes, porque em Parintins se fazia muito pão em casa, naquela época não tinha muita padaria. Então elas faziam muito doce. Aquela mesa era lavada, lavada, lavada, esfregada, tirada todo o chamêts para usar na pascoa. E na pascoa era aquela coisa linda, se fazia muita coisa, se fazia vinho. Não tinha vinho, se fazia vinho de passas. Não tinha uva, ficava igual a um xarope de passas. Que se passava de mãe pra filha. E eu ainda faço aqui em casa, só pra mim lembrar... Eu adorava aquilo... A argamassa que os judeus usavam no trabalho dele de escravo, é representado pelo que eles chamam de haros, que é uma mistura de passas, castanha, maçã, o que quiser. E na hora de fazer as benções, é lembrando que nós fomos escravos, que nós. Entendeu? Cada coisa daquela comida representa um momento que o judeu passou. E bendizendo a liberdade, que é uma coisa muito importante pra gente. E a meninada, os vizinhos estavam com agente lá, conheciam tudo aquilo. Aqui já foi mais fácil, por causa da comunidade, a comunidade anpara. Mas difícil mesmo foi o trabalho dos meus pais, dos meus avós que mantiveram firmes. Então é isso Ariadina... É tão bom lembrar... (risos)

MA: Muito abrigada dona Julia, foi um prazer lhe ouvir.

Maria Ariádina Cidade Almeida

Entrevista 04: Leão Anselmo

Duração: 00: 36min

MA: O sr. pode começar falando um pouco da sua família, do seu pai que veio do Marrocos.

LA: (Lendo a caderneta) Província da Espanha em 05 de fevereiro de 1889 ele nasceu, agora ele chegou em Belém Pará em 27 de Novembro de 1903, no Vapor Colombo. E os pais dele: Faleceu minha mãe Raquel 1903, o nome da mãe dele, em 20 de agosto de 1913 em Tanger,

e o pai dele Abraham Anselmo, faleceu em Rabat. Aqui já são os filhos por exemplo, o meu irmão mais velho com a segunda mulher: Meu querido filho Fortunato, faleceu em 19 de fevereiro de 1942 no lugar Ramos, 03 horas da manhã. Aqui eu também tenho anotado todo o nome dos meus irmãos né? Como a caderneta já está um pouco velha eu tenho o nome dos irmãos que nasceram primeiro que eu. Tudo ele anotava, tá tudo aqui escrito. Eu ia pedir essa caderneta, assim pra fazer como a senhora está fazendo né? Meu pai morreu em 16 de março de 1951 na Vila Amazônia.

MA: E qual a profissão do seu pai, com que ele trabalhava?

LA: Ele era comerciante. Lá em Tanger, ele formou-se pra advogado né? Depois ele, porque aí veio aquelas leis, por exemplo, que só podia advogar, que os advogados chamavam rábula quando não eram formados só se fosse com uma ordem judicial, porque tinha que ter por exemplo tipo um passaporte de lá pra cá, tirado aquela autorização, a licença no tribunal daqui. Lá ele tinha o diploma dele, mas aqui não valia né? E aí ele foi comerciante, ele comercializava.

MA: Ele chegou aqui sozinho ou veio acompanhado por algum familiar

LA: Não ele veio sozinho, ele morou aqui com um judeu patrício dele, o Davi Benzacry, ele botou o primeiro comercio dele aqui em Parintins. Depois ele viajou pro município de Barreirinha, lá ele fez sociedade com um português por nome Cazuza Alexandre. Aí foi o tempo que ele arranhou a primeira mulher. Ele viveu bastante tempo lá, botou esse comercio lá, viveu bastante lá, Pedras era o nome, agora já é uma comunidade bastante crescida lá né? Aí ele teve esses primeiros filhos com essa senhora, por exemplo: que foi Raimundo de Oliveira Anselmo, Abraham de Oliveira Anselmo e Moises Anselmo, dos homens né, ele teve Carlota, Gentila, Rachel e Sol, filha né? De lá ele se abandonaram, ele se separou, ele apenas com ela, ele fez contrato, com a minha mãe que ele fez casamento mesmo. Mas, ele reconhecia todos os filhos né? Depois com a minha mãe, o meu irmão mais velho se chamava Fortunato, esse que morreu, depois Davi, Leão(eu) e Salomão e Samuel, dos homens, esses três irmãos vivos. E das irmãs tem Luna, Meriã e Fortunata, a dona do 14. E tem a terceira mulher que ele era meio mulherio por fora, tem apenas Piedade e Isaac em Manaus, o nome dos filhos dele, mas até o nome deles está tudo aqui.

MA: E o sr. ajudava seu pai no comercio?

LA: Ajudava, primeiro eu trabalhei com ele mocinho né? Depois eu trabalhei por conta própria. Eu criei o meu comercio. Ele deixou a mamãe por uma mulher mais nova, e eu fiquei como chefe de casa dos meus irmãos mais novos, criança. Mas, graças a Deus eu dei conta

de todos, depois eu me casei também né. Depois ele faleceu e cada um tomou conta da sua família, por exemplo, eu tenho esse filho aqui o mais criança tem esse comercio, o outro trabalha comigo, o outro trabalha tomando conta da fazenda, e a filha também ela é formada, e também trabalha no interior. Como a gente só tem uma filha, e ele achou por bem deixar de trabalhar pra tratar da mãe dela, porque a minha esposa já está com 83 anos.

MA: E o terreno que o sr trabalha no interior pertencia ao seu pai?

LA: era dele. Agora, ele deixou uma dívida e eu paguei a conta e ficamos lá, eu com todos os meus irmãos. Já moramos vários irmãos lá, agora só existe dois que mora, eu e o meu outro irmão né? Os outros saíram de lá.

MA: E o que ele produzia?

LA: Era comercio né? Ele criava gado, faziam manipulação de criação de guaraná, trazendo da cidade de Maués, o guaraná pra manipular ali no interior. A manipulação é o seguinte, faz-se os pilão de madeira, dessa grossura assim, as mão pilão que chama marreta, e os grãos de guaraná, aquilo é socado, depois é colocado um copo de agua pra fazer a massa. Depois tem o fumeiro, de justamente beneficiar o guaraná pra ele já ficar assim seco. E uma formalidade aquilo, tem uma cera pra fazer os pão. Tudo isso nós fazíamos no interior lá em casa.

MA: E o seu pai lhe instruiu no judaísmo?

LA: Não, eu estudei até o quarto ano, naquela altura era mais difícil o estudo, e aí eu parei de estudar, hoje por exemplo se faz o ginásio e naquele tempo se fazia admissão, e eu adoeci de paludismo lá na cidade de Maués, dava essa epidemia se chamava de paludismo. Eu adoeci de paludismo e vim me tratar aqui na Vila Amazônia, que tinha um medico japonês aí. Eu passei uns três meses me tratando aí. E eu não fiz nem a admissão, não cheguei nem a tirar a admissão. Agora eu tive muita pratica com ele mesmo. Por exemplo nós dialogávamos com ele mesmo, por exemplo, ele era um homem como eu tava dizendo, ele era advogado, nós tínhamos códigos em casa. Eu dialogava com ele assuntos assim, como ele fosse um advogado criminalista e eu defendendo uma causa. Isso aqui me despertou muito, me deu uma instrução muito grande. E assim que eu fazia com ele.

MA: E ele fazia as celebrações do judaísmo em casa?

LA: Ele vinha pra cá fazer com os judeus. Chegava a época, por exemplo, ele vinha, chamava-se pascoa né? Aí eles faziam aquela pascoa, passava aqui doze dias. Naquele tempo tinha muito judeu aqui, a gente passava quinze dias as vezes até mais.

MA: E o sr. acompanhava ele?

LA: *Eu também acompanhava ele. Só que aquela formalidade era os mais velhos que faziam. A gente só fazia olhar, porque o judeu, por exemplo, na reunião deles, eles se vestiam tipo assim uma bata como dos padres, se vestiam daquilo e sentavam pelos cantos das casas, orando, fazendo aquele prece deles. Era três noites, dias naquela arrumação aí terminava aquilo eles faziam o tal de leilão da sinagoga, aí é tipo um leilão como faz na festa. Era na casa do Moyses Cohen, pai do Jacob. Aí se reunia por exemplo tinha o Moyses Assayag, Jacob Assayag, Abraham Assayag, Elias Assayag, Abraham Serrulha, Salomão Mendes, tudo isso era judeu. E tinha as mulheres também, que eu já até esqueci o nome.*

MA: *E a sua mãe tinha participação?*

LA: *Não, ela não participava, os filhos mesmos que tinha participação era só eu.*

MA: *Aqui, por causa do comercio, os comerciantes integravam a maçonaria. O seu pai foi maçom?*

LA: *Era, o meu pai era maçom. Todos os judeus eram maçom. Eu não era porque era católico né?*

MA: *Seu pai não fazia esforço para lhe colocar no judaísmo?*

LA: *Não, nunca. Eu tô dizendo que ia padre lá em casa, celebrava missa, casamento, batizado e ele não fazia nada de ação de ser contra. Porque a mamãe era católica né? Então quando chegava a vez de ele fazer a parte dele ele fazia. E aí quando chegava a nossa parte, a gente fazia também.*

MA: *E o sr lembra se existiu algum tipo de conflito entre seus pais por causa da religião?*

LA: *Não, não, não existia isso não. E como eu estou lhe dizendo, quando chegava o padre lá em casa, ele avisava daqui, ele ia daqui de Parintins o padre, se chamava padre Vitor.*

MA: *Victor Hetz, o alemão?*

LA: *Era, o alemão. Ele viajava de canoa daqui. Aí ele fazia por exemplo, o município de Barreirinha, fazia uns dois lugares ou mais, e fazia lá em casa. De lá ele viajava pra Maués, tudo de canoa naquele tempo, tudo de canoa, ele passava lá em casa dois dias fazendo batizado, casamento, celebrando missa. Aquela coisa toda. Ele deixava a gente ficar assim um pouco mais entendido e perguntava: meu filho afinal de contas você quer seguir a minha religião hebraica ou na religião da sua mãe? A gente escolhia a católica né? A religião da mamãe, então ele nunca foi contra isso.*

MA: *E o casamento dos seus pais?*

LA: *Foi no civil, lá em Barreirinha.*

MA: Os judeus marroquinos aqui do Amazonas, tinham uma língua chamada haquitia, que era uma mistura de árabe, espanhol e hebraico. O seu pai, falava alguma língua desse tipo?

LA: Ele falava espanhol, mas a língua era entre eles. Até os judeus aqui de Parintins, nem todos falavam espanhol, só alguns, por exemplo, eu me lembro que ele falava com ele espanhol era o seu Abraham Serrulha um judeu antigo, lá em Maués tinha um judeu o Salvadura Abecassis que falava espanhol, e o filho dele Jayme Abecassis que também falava espanhol. Tinha o Isaac Levy lá em Maués né? Depois de um certo tempo, ele frequentava mais Maués do que aqui. Até eu procurei falar, mais depois eu esqueci, não continuei.

MA: Então ele tinha um bom relacionamento com as pessoas?

LA: Tinha, em casa trabalhava muita gente conosco pra fazer limpeza de campo, manipulação de guaraná como eu tava lhe contando. Trabalhava cinquenta sessenta homem, três, quatro meses de fazer a pilação de guaraná. Começava a pilação dezembro, janeiro, fevereiro, março ficava pra cozinhar o guaraná. E abril era conduzido pra Maués, em forma de pão. Antigamente quando não era proibido, nós comprávamos o produto, comprávamos o pirarucu, a pele do jacaré, a pele da capivara, a pelo de animais silvestres, o catitu, que é o porco do mato, queixada como a gente chama, a pele do veado, tudo isso era comercializado. A pele da cobra, jiboia, tudo isso era tirado e era negociado, se comercializava aquilo. O peixe liso, hoje tá tudo proibido de capturar, o jacaré, do pirarucu, do tambaqui, tudo isso, até o peixe mesmo pra comer, só tem direito de pegar pouco peixe. Até os pescadores, que são registrados pela colônia são proibidos, ele recebe um seguro pelo tempo que tá proibido.

MA: E esses produtos eram exportados pra onde?

LA: era exportado pro Pará né? Porque tinha os navios que vinham comercializar, depois tinha os motos, que vinham do estado do Pará que vinham de Belém. Teve um cidadão que era filho de Maués que foi meu padrinho de batismo, o José Esteves que também prefeito aqui dessa cidade, depois deixou de ser prefeito, foi candidato a deputado federal, foi eleito por duas vezes, e aí se candidatou como senador da republica, foi eleito por duas vezes e se morreu como senador, o José Esteves. Então, antes de ele tinha um, antes de ele entrar na politica, ele tinha um comercio aqui, depois ele botou um comercio de Belém até Manaus, tinha um motor por nome Castelo, depois um navio por nome Cacique. Ele fez sociedade primeiro com Isaac Assayag, depois ele apartou a sociedade aí ele fez uma outra sociedade com o Isaac Cohen, irmão do Moyses Cohen, que é pai do Jacob. Aí que eles botaram esse navio que fazia Manaus Belém, e eu comercializava com ele. Naquele tempo, nós conseguíamos toneladas de pirarucu. A gente arranjava já aqui no interior, três, quatro

toneladas, já aqui no interior. E lá dentro do lago, tinha um comerciante Antônio Vieira, Terêncio Viana que eles cortavam todo mês 30 toneladas cada um. Tinha muito naquele tempo, hoje além de estar proibido, já não existe aquela fatura que existia de muitos anos.

MA: E quais eram os comércios mais importantes aqui da cidade

LA: Os comércios mais importante eram Elias Assayag, Abraham Assayag, Isaac Assayag, que chamavam Baba, Casa esportiva, Casa Cooperativa, Casa Madar, aí tinha Salomão Mendes, casa Ideal. Aí onde é a Esplanada, era a casa do Salomão Mendes, tinha por exemplo, primeiro tipo um bar, depois ele colocou um comercio mesmo, depois teve um filho dele, que está em Belém, o filho dele que comercializou uns anos. O nome da loja do meu pai era Redenção, na boca do Urucará, primeiro era Casa Tarauachara, que era sociedade com esse português.

MA: Então o sr. conheceu muitas famílias daqui da região?

LA: Conheci, as famílias são essa família Assayag, família Serrulha, família Cohen, Benzacry.

MA: E quando o seu pai faleceu onde foi feito a purificação do corpo?

LA: Foi aqui em Parintins, foi o judeu Elias Assayag, ele foi enterrado aqui no cemitério judeu. Porque o judeu é enterrado diferente de nós, tem toda aquela arrumação. Há muitos anos, porque até essa menina que uma vez, chegou um sr que é casado com um sobrinha minha, que eles estão na Itália, e eles vieram passear aqui em Parintins, e eles quiseram fazer uma visita. Eu pedi, dessa Sol até né? A chave do cemitério e a gente foi lá fazer uma visita. Porque vive trancado.

Maria Ariádina Cidade Almeida

Entrevista 05: Luna Cagy

Duração: 00:42:00min

MA: Eu queria que essa me falasse da sua família, como vieram parar aqui?

LC: Eles vieram do Marrocos, pai e mãe. Eu não sei a cidade, mas eu sei que a minha mãe com meu pai veio de lá. Ela veio muito jovem, parece com quatorze ou quinze, anos casada.

MA: Ela já era casada?

LC: Casou porque meu pai vinha pra cá pro Brasil, e como tinha medo que ele arrumasse outra né? Pra cá. Então, os pais dela, obrigaram ele a casar. Depois de quatro anos é que ela veio.

MA: Hum.. Eles casaram e somente o seu pai veio para o Brasil.

LC: Porque disseram que aqui ganhavam muito dinheiro, aqui no Brasil, por isso ele veio. Meu pai trabalhava com castanha urucum, pele de jacaré. Aqui, meus pais moravam em Tefé, mas como minha mãe teve um parto ruim em Tefé, aí quando foi pra me ter o meu pai disse: - não, vamos para Manaus que lá é melhor né? Mas eu me criei em Tefé, sai de Tefé com 20 anos. Em Parintins, eu conheci meu esposo, me casei, fui feliz graças a Deus, tive meus filhos, sete filhos eu tive em Parintins. Eu vim pra Manaus, porque rodos vieram pra cá, e eu tive que vim também né?

MA: E os irmãos?

LC: Eu tinha quatro, dois homens e duas mulheres.

MA: E os filhos ajudavam o pai?

LC: Meu pai ficou em Uarini, os homens ajudavam no comercio, o mais velho Deus o livre.

MA: E a sra. fazia o que?

LC: Nada (risos). Minha mãe só trabalhava em casa, e eu só trabalhava em casa, eu cozinhava, eu costurava pra nós, pra casa, pros meus irmão, pra minha mãe. Depois que meu pai morreu, eu não deixava mais minha mãe entrar na cozinha era só eu. Porque ela ficou triste né?

MA: Que idade você tinha quando seu pai morreu?

LC: Eu tinha uns vinte anos, porque com 23 eu casei e ele já tinha morrido.

MA: E a família ficou sob a responsabilidade dos seus irmãos?

LC: Sim, Deus o livre. Depois que eu casei ela ficou um tempo comigo, depois ela veio aqui pra Manaus e foi morar com meu irmão. Porque ela tinha muito medo, ela achava que tinha que morrer onde a comunidade era maior sabe? Com todas as cerimonia, ela pensava nisso. Aí, ela largou Parintins e veio pra cá.

MA: E o convívio com as pessoas?

LC: O convívio era só na minha casa (risos). Eu não saia de casa, eu só vivia com meus filhos, meu marido. Meus amigos iam lá em casa. Mas eles iam mais por causa do meu marido, que era comerciante do que por causa de mim que não saia de casa. Eu não gostava de sair não, eu sempre fui assim, desde nova. Eu gostava de estar em casa com meu marido, com meus filhos. Até roupa era o meu marido que escolhia pra mim.

MA: *E a sra. confiava tanto assim no gosto do seu marido?*

LC: *Eu só gostava do que ele comprava pra mim (risos). Em Parintins foi onde eu vivia melhor, lá eu fui feliz, aqui eu perdi meus quatro filhos.*

MA: *E os conflitos?*

LC: *Tinha sim, porque na época da minha filha Julia existia muita discriminação. Na época da Esther, Jacó e Abharam, eles já pegaram uma época muito boa, porque o meu marido escreveu uma carta, e ele tinha muita amizade com os padres. Porque antigamente na época da Joia, só entrava se rezasse, se ela quisesse ser madrinha de uma criança católica, não podia ser. Aí quando se ia para o Colégio, tinha que rezar. Aí ele falou com o Dom Archangelo, que já era época do Dom Archangelo e quando iam pra igreja antes de estudar, ele mesmo, Dom Archangelo pedia pra os meninos se retirar. Na época que agente fazia pascoa, na época de pascoa, que a gente fazia em casa, as pessoas iam, as pessoas que eram católicas iam, entravam em casa, participavam, parecia festa sabe? Então daí pra frente já não tinha mais, meu marido era muito amigo, dos padres das freiras. Na parte do colégio, não teve mais problema, mas quando a gente ia pra algum lugar, falavam assim: Ah! Judeu assassino matou Cristo. Quando eles mexiam comigo, eu dizia: ele é meu patrício, pois Cristo não era judeu? Tem o caso do meu filho, que foi ser padrinho de uma criança. Aí quando chegou lá o padre: - Não pode ser, não sei o que, tiraram da cabeça dele, aí disseram que ele não podia fazer o batizado porque ele era judeu né? Então, ele viu o Cristo lá, e falou: - Bem se eu não posso entrar, Cristo também não pode, pode tirar ele daí. Aí o padre deixou ele ficar.*

MA: *E o sábado de aleluia?*

LC: *Incomodava, porque a gente sabia que estavam tacando pau no judeu. Eles colocavam na frente de casa, nas portas mesmo, quando a gente abria a porta, lá tava o judas todo estraçalhado.*

MA: *E as famílias que lá viviam?*

LC: *Tinha do meu cunhado Pichita, Elias Assayag, Mendes, eram umas quatro ou cinco famílias.*

MA: *E o Pichita Cohen, com os seus blocos de carnavais?*

LC: *Ele gostava muito de festa. Carnaval ele se preparava, vestido ele e a mulher. No dia que ele morreu, ele andava muito de carro, e os curuminzada atrás dele e ele gritava: Se o judeuzinho morrer vocês vão chorar? E uma lata de bombom, que ele jogava pro pessoal. Ele tinha um bar felicidade. Carnaval eu não gostava, mas a Joia, gostava muito, deus o livre.*

MA: *E as festas da sua casa?*

LC: *No dia do Iam Kipur, eles se reuniam todos, na sexta feira reunia todas as famílias lá em casa. Eu aprendi a fazer as comidas marroquinas com a minha mãe, tanto que nos meus 90 anos, meu filho Jacó fez uma mesa, só com comida marroquina. Em Parintins, era a mesma coisa de Alenquer, a gente matava as galinhas para os sacrifícios.*

MA: *E os casamentos mistos?*

LC: *Eu nunca fui contra, meu marido que falou para um namorado da Esther, quando ela tinha quinze anos, que era melhor eles se separarem porque ele era católico e ela judia, mas só depois que ela ficou sabendo. Mas eu sempre fui contra isso, porque eles se gostavam né? E ela acabou casando com católico, o Abraham, o Messias também casaram com católicos. A nossa família, também era contra, mas não tinha muito judeu pra casar em Parintins. Mas tinha uma família que foi contra mesmo.*

MA: *A liderança da comunidade?*

LC: *Era feita pelo meu marido, tudo era lá em casa, a parte dos sepultamentos, eram os Assayag, o Simão. Quando a gente morre, dá um banho na pessoa, agua frente e agua fria.*

MA: *E o assassinato do promotor Marcos Zagury?*

LC: *Eu morava em Parintins, na época que mataram ele, eu conheci ele. Eu sei que a esposa dele ficou louquinha, porque quando foram chamar ele, ele estava dormindo, e ela se arrependia de ter ido chamar ele.*

MA: *E isso provocou algum pânico na comunidade?*

LC: *Tinha medo sim, mataram um judeu, foi um dia de luto, e eu me dava muito com ele, com a esposa dele a dona Gimol, ela sempre tava lá por casa. Ele vivia bem com a esposa dele. Eu fiquei com medo de sair.*

MA: *Não saía de casa, depois disso então? (risos)*

LC: *Pois é, aí que eu não saia (risos).*

MA: *O que mais lhe marcou na sua vivencia em Parintins?*

LC: *Tudo me marcou, lá eu fui muito feliz, eu me casei no civil e religioso, foi mandado trazer o oficiante daqui. Eu tenho saudade demais de Parintins, lá eu vivia com os meus filhos. Aqui eu perdi meus quatro filhos homem, e lá eu tinha todos, o meu marido. Eu morava junto com as minhas cunhadas, e depois meu marido abriu uma porta e agente foi morar do lado, mas era a mesma casa. Já em Manaus meu marido ficou esclerosado e eu passei dez anos lutando com ele.*

LC: *Eu já esqueci de muita coisa, tomara que te sirva o que eu disse.*

MA: *Sem duvida nenhuma vai me servir.*

Maria Ariadina Cidade Almeida

Entrevista 06: Clara Azulay

Duração: 01h03min

MA: *Eu vou ligar aqui, mas não se preocupe com isso não (referente ao gravador).*

Eu queria saber primeiro da sua naturalidade, da sua família o que a senhora sabe da sua família de onde eles vieram fale um pouco dos seus pais dos seus irmãos do seu núcleo familiar!

CA: *A minha família, desde criança então eu sei muito pouco entre aspa eu fui crescendo e foi sabendo por que quando a gente já nasce com a mãe, que a mãe desde pequenininha chega ate a minha idade digamos, então ela vem desde pequenininha. O que eu sei que minha mãe, deixa eu te dizer desde pequenininha meus avos maternos avos maternos. Eu sei mais dos meus avos maternos, avos paternos eu já sei já eu grande. Então meus avos maternos vieram de Tanger para o Brasil não sabiam aonde iam ficar. Foi quando eles saíram do oriente porque eles eram de Tanger que é Marrocos então vieram pra cá que veio meu avo e minha avó já eram casados já tinha a minha mãe eles vieram pra cá já com a minha mãe já grandinha já moçota. Ela já veio mocinha de lá e ai foram para o interior não chegaram até Manaus ainda não sei o navio, só sei que a maior parte vinha pra Belém e o resto ia pro interior, o interior foi assim baixo amazonas eles foram pro o interior e ficaram lá uns tempos depois vieram pra Manaus. Quando chegaram em Manaus tudo bem, eu lembro a casa ainda eles alugaram uma casa que ficava ali lá na Visconde de Porto Alegre canto com a Canto Mariano, que parece que agora já mudou mas já existe essa casa. Ela ainda esta lá, era de esquina a casa eles ficaram lá. O meu avo fazia regatão e abriu que a casa de esquina era um comercio, ele era comerciante e a minha mãe era micinha junto com a minha avó eles ficavam na taberna, antigamente era taberna que chamava né? Ficava minha avó com ela, e ela ficava ajudando a vender quando meu avô chegava de viagem que vinha pegar mais mercadoria pra levar ele ficava na taberna nesse interim minha mãe foi pra um recreio que houve em Itacoatiara, recreio da comunidade que chamam marrané, retiro certo? Então eles foram, ela foi a comunidade toda era pequena ai tudo vinha né? Houve esse recreio e ela foi com as outras moças que tinham aqui, pronto se reuniram e foram pra Itacoatiara. Ai em*

Itacoatiara eles passaram uns três dias ou quatro, que a marrané é assim é quatro ou cinco dias ou três dias por ai assim. Então tudo bem, ficou lá aí ela gostou do meu pai, ele morava já em Itacoatiara com meus avos paternos. Meus avos paternos já estavam aqui no Brasil e ficaram em Itacoatiara e montaram as casinhas as casinhas lá o nome da rua era... rua dezoito porque tinha dezoito casinhas as casinhas eram assim... a portas e a janela e tinham muito pro quintal era muito grande pra trás, quer dizer eram nanam distantes então. Como eles eram muitos a minha avó já tinha tido uns dois filhos já que era meu pai e o meu tio mais velho também meu pai era mais velho e ficaram morando lá e depois foi nasceram que nasceram os outros. Aí o que aconteceu, ela ficou gostando do meu pai e casaram, porque antigamente os judeus eram assim, ah gostou? Então não tinha coisa de namorar anos e anos pra conhecer não tinha nada disso ah casou? Casa pronto! Fizeram o casamento, a minha avó materna, ela não queria porque a minha mamãe era muito nova, então ela achava que não devia e tal, mas casaram. Casaram e ai desse casamento nasceu um irmão meu, um menino né? Só teve um casal eu, e esse meu irmão então passou ficaram lá, então vinham sempre pra Manaus e de Manaus pra lá. La em Itacoatiara eles trabalhavam com o meu avô que tinha também uma taberna eles ficavam lá, já a minha avó nesse interim desse casamento e tal, ela já tinha falecido. Ficaram morando lá, mas vinham sempre pra Manaus e o meu avo continuou fazendo as coisas. Na taberna ficava com a minha avó por ela só tinha um filho já depois de ela ter esse filho la mesmo no interior então ele foi crescendo, crescendo e ficou um rapaszinho então já fica tomando conta e vendo la a casa né? e minha mãe ficou gestante de mim e de um ano e meio ela ficou gestante mim e meu irmão. e ai com sete meses sete ou oito menses por ai assim a minha mamãe pegou uma doença que foi a fraqueza no pulmão e la não existia e nem no Brasil ainda medicina era tratado com remédio mais caseiro do que farmácia então não resistiu então faleceu eu já tinha uns sete ou oito menses eu não conheci. oito menses agente não conhece nada ne então eu não conheci só o meu irmão que lembra que ele dizia pra mim ele lembrava pouca coisa que ele já tinha um ano e meio quase dois anos ne. foi quando eu nasci e ficaram, pronto.... e ai o que aconteceu e ai a minha mãe veio pra Manaus e ai não teve mais jeito faleceu aqui em Manaus mesmo em 1931, eu tinha só sete meses em 31. Depois que ela faleceu ai a minha avó ficou lá, nessa mesma casa passou só uma segunda viagem ou terceira viagem que meu avô fez no interior e ai ele foi assaltado e aí mataram ele no interior. roubaram tudo o comercio do batelão, quando veio a noticia que foi falar pro delegado de policia e ai prenderam o ladrão, prenderam mas prenderão lá não veio pra Manaus. ai uma pessoa uma senhora la foi que viu que encontrou uma pessoa

morta lá num lugar lá do interior não sei, não sei se foi no matagal não sei aonde foi. E ela conheceu que era do batelão tal certo? que vendia isso e aquilo, aí que foi que aconteceu um outro senhor que também era de lá foi veio e trouxe a notícia e tudo. Quando minha mãe faleceu ficou o meu irmão com a minha avó paterna e eu fiquei com a avó materna. aí nos dois ficamos separados assim até que fomos crescendo aí a minha avó saiu daquela casa e veio morar mais embaixo até hoje eu tenho umas amigas que moram lá, as pessoas e a casa ainda existem. Que foi uma sala que eram de judeus que cedeu pra ela morar, morava eu, minha avó e esse meu tio que era filho dela que ficou. Esse meu tio trabalhava, naquele tempo tinha bonde e ele era fiscal dos bondes que era da, de uma companhia inglesa que tinha e ele tinha competência né? E ficou como fiscal dos bondes. E aí passou, passou ele cresceu minha avó já saiu de lá e veio morar onde e a casa do óleo na sete de setembro, ainda existe a casa do óleo era uma casa de ponta a ponta até lá na primeira ponte, era vila de casas a minha avó ficou morando comigo lá. O meu tio ele viajava muito pra Belém, em Belém ele conheceu uma fulana e ficou morando pra lá casou ficou pra lá aí ficou só eu e ela. De vez enquanto que ele podia vim que também ficou trabalhando pra lá.

MA: E a sra. e a sua avó viviam como e de que?

CA: Vivia assim minha avó fazia a comunidade ajudava. Eu bastava o patronato de santa Terezinha não pagava colégio estudando lá, eu tinha um grupo também, do primário eu passei pra lá pro patronato por que já era curso profissionalizante então eu já tinha a quinta a sexta a sétima e a oitava série na época era assim. Depois o que aconteceu, fomos pra... Ficamos lá morando, aí na Joaquin Nabuco, já existia duas judias morando que era dos Assayag, agora ela já até faleceu, com cem anos ela faleceu. E nos ficamos pra lá, ah dona Léio venha morar aqui e olha o que eu tenho aqui e o porão da casa era habitável tinha sala quarto cozinha tinha tudo sabe? Nós estamos aqui em cima, mas senhora pode ficar aqui em cima, deixe suas coisas todas aqui, ela tinha as mobílias dela né? Cadeiras cama, ainda aquelas camas antigas de ferro toda de tela de ferro, tudo ela tinha, guarda-roupa. E aí nós passamos pra lá e aí nós ficamos lá eu estudando no colégio ela costurando pra fora, fazia camisa de homem né? O meu tio tinha uma lojinha logo em frente a casa onde a gente morava e minha e avó paterna também costurava. Mas ela não podia costurar, eles tinham a loja ela tinha a cozinha pra fazer. Antigamente as mulheres não trabalhavam, só em casa né, então minha avó tinha seis, sete, oito filhos né? Mais já um bocado casado já tinham saído de casa as mulheres, uma das mulheres já tinham falecido mais faleceu, meu pai eu acho que com oito anos meu pai faleceu. O falecimento dele eu naquela época eu tinha nove anos eu só

sei que a minha avó me levantou e disse: - Clarita o seu pai faleceu eu não sei se deu embolia pulmonar se deu infecção não sei. Naquele tempo eles nem diziam, porque menino não entrava na conversa de velhos, pra entrar, ficava os velhos a gente olhava e a gente saia, só era conversa, não sei o que?... e ai pronto faleceu e nós ficamos uma pra lá e outro pra cá, mas sempre nos estava sempre juntos todo sábado agente ia pra lá no fim de semana eu ia pra casa da minha avó sabe mas não dormia sabe. Eu vinha dormi na casa da minha mãe, que eu chamava de mãe acostumei a chamar de mãe. Então eu conheci a minha avó como a minha ate me casar. Ficamos e tal pronto, e quando ele morreu esse meu pai primeiro depois morreu a minha tia que também era solteira ela faleceu e ai depois ficou só os meus outros tios e aí ficaram mais quatro pronto. a tia Ester casou-se a tia por parte de pai casou-se e ai saiu de casa ficou a outra minha tia ai casou-se que foi morar em Manaus mesmo. Essa outra minha tia que casou-se depois da primeira ela também fazia regatão com o Marido ela, ainda existia regatão essa grande ilha afora por ai essa ela sabe todinho mas só que agora ela já esta com 97 anos, então tem vez que ela diz tudo direitinho tem vez que ela embrulha tudo e aí você não sabe nem o que ela está falando(risos) aí a gente não pode mais indicar. Depois fixaram é residência em Manaus que ate hoje ela ainda mora na mesma casa que esta aqui né? Agora que dizer a casa dela ainda continua fechada, o esposo dela faleceu há muito tempo. Então fiquei eu e ai depois a minha avó faleceu né? Eu já era casada quando ela faleceu, já tinha filho. Eu me casei muito nova também.

MA: A senhora vai me contar sobre esse seu casamento?

CA: Foi fogo pra casar (risos.) Não queriam porque o meu marido era católico, não era judeu. Foi difícil, difícil mesmo... Mas difícil, ficou assim, naquela época deus o livre, uma moça judia com o católico, menina! O mundo desabava em cima dela, mais desabava mesmo. Pois é eu me casei.

MA: Como foi que a senhora conheceu seu esposo.

CA: Olha eu conheci o meu esposo assim nos morávamos na Joaquin Nabuco em frente a minha casa tinha um tipo um arraial um arraial mais tinha sempre eventos e tinha um cidadão que ele era professor de jiu-jítsu ele dava aula pro rapazes naquela época tava no auge então quem sabia lutar jiu-jítsu era o professor um grande e era só gente que podia pagar por que era caro e tinha um professor muito famoso ele era árabe filho de árabe, mais ele se dava com a gente, tinha muita moça na rua onde eu morava, tinha muitos rapazes, então o que aconteceu lá eu conheci o meu marido lá no arraial, alias quem conheceu primeiro foi uma prima minha, O nome do meu esposo era Liberal rodrigues, ele era filho de

portugueses, nasceu no Brasil, mas foi registrado como nascido em Portugal, e os pais eram portugueses. Até um cunhado meu foi a Portugal levar a minha sogra pra lembrar dos parentes. Eles eram católicos, mas uns católicos assim iam à igreja, respeitavam, iam quando queriam e assim. O meu marido pequeno ia muito a igreja porque ele pegou um doença era aquele tifo, que era uma doença forte então ele ficou internado na beneficente portuguesa, os pais deles eram sócios da beneficente portuguesa e lá tinha a missa todo dia. Então os padres lá, as freiras que tomavam conta né? Levavam todo o pessoal pra rezar todo dia ele ia porque era pequeno ainda, depois se tornou um rapaz e tal foi quando ele ia, mas não ia muito os pais também a mesma coisa. Eles tinham uma oficina mecânica de ferros, faziam grades, faziam metalúrgicas, então já foi crescendo foi trabalhando, aprendeu aquele ofício, estudou, mas não se formou, chegou até o segundo grau, mas não se formou. Ficou trabalhando e foi quando o pai faleceu e como mais velho tomou conta da metalúrgica, ficou tomando conta e tal até que casou-se. Foi quando essa minha prima me apresentou e eu fui: ah é o fulano de tal é Liberal o nome dele, super simpático ele era bonito sabe e tá bom e tal? Aí a gente ficou conversando, conversando e ai toda a noite agente ia para esse arraial, e as meninas se juntavam. – Ei tá namorando? É um namoro besta, eu tava na aula, nesse tempo eu já tinha terminado e eu tava fazendo só o curso de datilografia que era bem pertinho da nossa casa na sete de setembro. E ai eu tirei o curso de datilografia daí já tava fazendo é o curso comercial, de cartas comerciais, eu tirei mais não queria aquilo, pra não ficar parada né? Que antigamente faculdade só tinha de direito eu não podia ir primeiro eu da não tinha idade e segundo era muito caro, terceiro eu não tinha dinheiro pra compra os livros nem nada e só era eu minha vão como e que agente ia então a comunidade que ajudava agente.

MA: Mas vocês trabalhavam com algum tipo de venda?

CA: Não a minha avó só fazia costura. Eu não aprendi a costurar o que eu fazia era só pouquinha coisa, o que eu fazia era só nos estudos. Bom quando eu me casei pronto, eu resolvi namorar agora pra casar não foi fácil. Não podia me pedir em casamento porque não gostavam e eles queriam que eu terminasse e eu não terminei, de jeito nenhum eu não terminei. Eu continuei fui, fui namorando, namorando. Conclusão, quando foi um dia uma vizinha de casa ai disse assim: Olha Clarita tu não vai casar? Menina, como que eu vou casar. Só eu e minha avó e eu vou-me embora. Não, mas casa não paga nada é lá no tribunal. Eu casei no tribunal e serviram de testemunhas esses vizinhos. Ai eu casei e pronto.

MA: A sra. casou escondido?

CA: *Escondido. Daí pronto, mas depois a minha avó não queria nem me ver, mas depois me viu porque precisou né? (risos). Mas a outra minha avó paterna não queria me ver nem por nada. Aí ficou pra lá a família toda, pra lá, só uma tia minha que até hoje gosta muito de mim. Meu irmão casou-se com uma judia daí foi morar em Parintins, ficou em Parintins por muitos anos, depois ficou doente e foi pra Belém e faleceu lá, uma doença do ficado parece. Então só restou eu, a família da minha avó nos escrevia carta, mas a gente não recebia quase era difícil, uma ou outra que a gente recebia lá do Marrocos.*

MA: *Mas quando vocês casaram foram morar onde?*

CA: *Nós fomos morar na líbia bacuri com um casal também que era muito amigo do meu marido. eles não tinham filhos nós também não tinha filho ai ficamos morando com eles. mas o meu marido tinha uma oficina mas na oficina morava a mãe dele com mais três irmãos. mas ai foram casando as irmãs e tudo foi quando eu sai dessa casa e foi morar la na oficina. ai a minha sogra também foi embora pra uma casa juntos os filhos que trabalhavam fora e fizeram uma casa pra ela e eles saíram todos de lá e ai ficou só eu com o meu marido ai eu já tinha um filho, o primeiro filho. Aí depois que eu fui morar lá na Quintinho de Bocaiuva.*

MA: *E a comunidade?*

CA: *Depois que souberam que eu tinha casado cada um fazia o seu né? Pronto achavam ruim. que dizer aquilo foi um dilúvio na comunidade. Então ficarão com pena da avó e tal. Mas é isso mesmo tem que ficar com ela, e aí depois ela já ficou comigo.*

MA: *Seu esposo nunca pensou em se converter ao judaísmo?*

CA: *Não, e nunca fiz questão e nem queria também. A gente nunca teve nenhum problema, ele sabia que eu era judia e eu continuava a frequentar a sinagoga e tudo. Nunca achou de nada, nunca se interview: -Não hoje tu não vai. Eu dizia: -Amanhã eu vou pra sinagoga tem isso assim... Tá bom. Era uma ordem ele dizia. Eu saia. Depois a família foi chegando, foi conversando com a gente foi se entrosando com a gente. Aí se entrosaram aí entrosou toda a família com meu marido. A minha avó já tinha falecido aí só era eu e ele mesmo. Da parte da minha avó também tem tios que casaram com católicas e aí ficaram tudo junto.*

MA: *Como ficaram os filhos?*

CA: *os filhos ficaram assim os meus foi assim quando nasceu o primeiro filho que foi o Albertinho ai ficou assim: - olha vai batizar não vai? A comunidade assim não batiza é melhor deixar crescer pra depois ele seguir a religião que ele quiser. Então, ficou assim todos eles foram crescendo tanto que eu tenho dois filhos são judeus e cinco não são. não as meninas eram todas judias, não frequentavam não vinham não tinha problema porque todas*

as meninas são judias o filho que nasce junto com uma judia, só que quando é um menino tinha que fazer o (brit milá. Então os três não foram feito. mas o mais velho quando ele tinha 38 ou 39 de tanto ele vim pra sinagoga ele fez o(brit milá), com 39 anos. (...) então ficou ate eu casei e tal e meus filhos todos se formaram estão todos formados na faculdade um é engenheiro é três e professora tem pedagogia ne um menino e formado em educação física.

MA: A senhora estudou no patronato Santa Terezinha que é católico. Existia algum mal estar, conflito com os outros alunos?

CA: Eu era a única judia. A irmã chefe de lá ela gostava muito de mim e também a minha madrinha que conseguiu. Porque tinha o colégio Salesiano que era da Auxiliadora. Na auxiliadora tinha um grupo maior então o que ela diziam olha nós não podemos dispensar os alunos, mas o que agente pode fazer é ficar na sala pois é. Então eu estudei lá fiquei no colégio e ela conseguiu e ela falo assim mas eu não tenho vaga pra ela por que eu estava no quarto ano primário e ai ela falou assim e no terceiro tem e ai ela falou tem. Mas ela vai repetir é o jeito não tem problema ela ta novinha parece que eu tinha dez ou onze anos por que lá eu me formei muito nova porque lá antigamente era assim com três ou quatro anos agente entrava logo no jardim da infância ne então o que aconteceu eu repetir de novo o ano ai fez quarto, quinto e foi pro primeiro ano que lá já era quinta serie lá na quinta serie do ginásio já era preparatório pra entrar no curso profissionalizante então eu depois fiz sexta, sétima, e oitava serie que era o ultimo ano.

MA: E quando tinha oração?

CA: A gente só ouvia se ia todo mundo pra igreja eu ficava sentada na igreja ficava escutando vendo tudo aquilo na igreja as vezes ela ensinava os cânticos eu achava bonito o que aconteceu nos assistíamos, assistíamos tudo ela deixava agente sair ficar no corredor aas aulas de catecismo que elas davam também agente assistia e ficava fazendo tarefa (...).

MA: E a sua avó também nunca se importou que a senhora estudasse num colégio católico?

CA: Não, não, não porque todo o sábado agente ia pra sinagoga e tudo que tinha na sinagoga agente participava as vezes sabe as vezes as festas era mas de noite agente ia pra sinagoga a sinagoga era perto pronto agente ia pra lá e ai depois que casaram e tudo e ai agente ficou morando aqui no centro depois e que eu pra minha casa com meu filho comprou a casa e nos deu pra mim e pro meu marido já faz sete anos que eu tô lá.

MA: Eu conversei com a dona Julia ela me falava como que eram feitas os preparativos assim das festas das comidas de algumas adaptações. E na sua família vocês fizera faziam isso?

CA: Fazia muito, por exemplo, o vinho a minha avó compra uva não, passas, aí preparavam o vinho ver via um processo que ela sabia desde lá do Marrocos então quando cegava, por exemplo, essa páscoa que não se come o pão nem fermento nem nada isso aí era tudo preparado em casa até o café era torrado em casa passado no moinho tudo direitinho na peneira pra ele ficar fininho pra gente fazer o café agente não comprava das mercadorias não o café tudo era feito em casa só comíamos peixe por que o peixe não era morto por pessoas então nos comíamos peixe era tambaqui, minha avó fazia uma série de pratos de peixe. Foi uma vida assim de criança assim no meio das outras crianças porque eu estudava dentro do colégio eu não tinha assim amiguinhas que pra casa de uma amiguinha não era só no colégio não dava. Agente não se entrosava muito com pessoas católicas, pois é até agora todos os meus filhos também se casaram. Eu sempre trabalhei pela educação eu passei 35 anos trabalhando pela educação, primeiro eu fui professora depois que eu acabei de ser professora eu fiz um curso por causa de títulos pra poder lesionar primários só primários trabalhei 35 anos pelo estado.

MA: Mas depois de casada a sra. passou a ter outros amigos fora do círculo religioso?

CA: Tenho muitos católicos e muitos judeus também aí pronto depois que começou os judeus a casar com as católicas e as judias com católico pronto ficou tudo igual e agora tá tudo igual e agora por isso que tá existindo cursos que se faz as conversões. Antes de mim, eu tinha 12 anos. Eu me lembro tão bem como hoje. na casa dos Assayag também, que nos morávamos em baixo, mas eu vivia lá em cima com as meninas. Pois é, o que aconteceu ela casou-se com um... Eu ia pra lá e tudo com as moças. Tinha uma família judia mesmo que morava na Lauro Cavalcante, eu me lembro até da casa. E ela tinha três filha moça e dois rapazes. Muito religiosa né? E era amiga da dona Alegria, da mãe dessas moças que eu convivia muito. Eu estava morando lá em baixo, e ela nem queria que a gente ficasse lá em baixo: - Não fecha tudo e sobe, só deixa suas coisas se a sr, precisar, mas vem... E a gente sempre estava lá! Almoçava jantava com ela e tal. Quando nós soubemos: Olha, sabe a filha da Mirian? Tá namorando com católico. Aí meu Deus do céu! Aquilo... o mundo desabou. E agora o que se faz? E olha que o cara tem dinheiro, filho de português, que antigamente tinha muito português aqui. O português é rico. E o que aconteceu casou a menina com o português. Minha filha parece que foi a morte dela, até cortina de preto, ela pintou a casa de preto. E um dilúvio fez a mulher, e ela chorou, chorou... - Vai ver a casa da Mirian, ela tá de preto chorando parece que a menina faleceu. E eu fiquei assim, né?... Puxa! Mas, eu estudo em colégio de freira e não é assim. Menina era por causa da religião, não era por causa das

peessoas. Conclusão ela casou-se e ai o marido viajou foi embora pro Rio de Janeiro educou os filios todinhos na religião hebraica de lá tem ate rabino.

Então ficou assim estou aqui e aí pronto estou aqui graças a deus as filhas também todos os meu filhos também são todos vivos graças a deus.

MA: E a senhora lembra se na sua época existia algum casamento árabe com judeu?

CA: Tinha olha tinha o primeiro que foi o seu Salim que ainda tem essa loja que hoje é la na instalação depois que faleceu a mulher dele verdadeira que era judia ai ele casou-se com Alucinda que era a funcionaria dele que era católica. Ela era filha de árabe, mas era nascida em Israel ela era israelense ela era filha de árabe e nascida em Israel. Depois aqui o Davis que é presidente, a mulher dele era filha de árabe. A irmã da Ane é casada com um árabe, já nasceu até o primeiro filho dela agora. Aí eu brinco com ela: Olha ela é filha de árabe ela vai te engolir. Vai nada, ela responde... (risos). Era assim minha filha. Pois é, espero estar te ajudando.

MA: E muito obrigada!

Maria Ariadina Cidade Almeida

Empenham-se por conservar seu judaísmo os judeus de Portugal

O exemplo israeli

A nova República de Israel... (text continues with details about the state's development and the role of the Jewish community in Portugal).

... (text continues with details about the state's development and the role of the Jewish community in Portugal).

LISBOA — O intenso doutrinarismo entusiástico da juventude saída das escolas públicas portuguesas impõe o dever de estabelecer uma escola secundária para os alunos judeus, manifestou nesta cidade uma porta-voz da pequena comunidade hebréica de Portugal, em declaração ao Congresso Judeu Mundial. A grande maioria dos refugiados abandonaram Portugal depois da guerra.

em 1910 foi que se proclamou a liberdade do culto e que na década de 1920 a 1930, havia brotado 1 movimento de retorno ao judaísmo por parte de muitos marranos. Esse movimento não teve muito êxito, ainda que houvesse quem abraçasse abertamente o judaísmo e até emigrasse para Israel.

PUBLICOU o vespertino «Diário da Tarde» da capital do Amazonas, um telegrama da U. P. do teor seguinte: «Com respeito do premiado de Israel sr. David Ben Gurion: — Resposta de Gurion às Críticas da Rússia — JERUSALEM, 3 (U. P.) — O premiado de Israel, sr. David Ben Gurion, afirmou que as denúncias feitas pela República Árabe Unida (RAU) à Rússia de que Israel se dispôs a invadir a sua vizinha Jordânia. «O governo soviético tem todas as classes e facilidades para obter informações corretas e precisas sobre o que ocorre em Israel, como todos os outros governos estrangeiros que mantêm as suas embaixadas ou delegações neste país», disse o sr. Ben Gurion ao Parlamento. «É inconcebível — acrescentou — que o governo soviético ignore que não há fundamento algum para as acusações contra Israel que aparecem de tempo em tempo na imprensa soviética. Duvido que a opinião pública acredite nas invocações que têm sido disseminadas acerca das imaginárias mobilizações (de Israel). Bem se vê, pelas torpes mentiras que a imprensa soviética espalha pelo mundo contra o Estado de Israel, gratuita e gratuitamente, não tem outro objetivo senão o de produzir efeitos alarmantes no Médio Oriente, já que os próprios países que compõem visceralmente a RAU, nem sequer se manifestam nem de modo contrário ao Estado de Israel, nem de modo a qualquer vizinho fronteiriço, ainda menos, sofrendo como Israel tem sofrido, constantemente, ataques inqualificáveis, por arábes, tralcoiranianos, e assim sendo, quer nos países que a URSS, que deflagra a guerra incessante, por qualquer prepo, não lhe importando de que lado venha o primeiro tiro, o que lhe interessa é o conflito, e se os arábes sabem — de sobre — o que lhes custariam hoje, uma guerra realmente com Israel é não a provoca, o governo soviético cria siabos e espanta de longe os efeitos de suas bombas de fogo. Mas, o Israel está e estará aberta ainda por muito tempo contra quaisquer manobras facciosas, não tão somente dos seus inimigos, já conhecidos, como também de todos aqueles que não conseguirem arrastá-lo a uma aventura inglória, que somente poderia servir de repulso aos especuladores da ignorância alheia. Portanto, nada se perde por esperar, tempo virá em que os arábes despertarão do sono mirabolante que o narcótico soviético os fez sentir, ao trocar a sua independência e a liberdade de negócios livres, pela exótica ambição de um longo que não duvidar em transformar seus países distintos, num amontoado de filios sem patria, definhada, escravizados, sob os ordens de um subalterno do governo de Moscovi».

... (text continues with details about the state's development and the role of the Jewish community in Portugal).

... (text continues with details about the state's development and the role of the Jewish community in Portugal).

... (text continues with details about the state's development and the role of the Jewish community in Portugal).

ORGÃO INFORMATIVO ISRAELITA BRASILEIRO

FOLHA ISRAELITA

Director-Responsável — David J. Israel — Redator-Chefe — Elias J. D. Israel

ANO XI — MANAUS — 16 de Janeiro de 1959 — N. 154

Somente 294 judeus na China Comunista

MANAUS — Há 10 anos atrás, a população judaica da China era de 294 judeus. Hoje há apenas 294 judeus. A maioria dos judeus que vivem na China, são judeus de origem polaca, que chegaram ao país em 1948, após a guerra civil chinesa. O número de judeus na China, segundo o relatório do Conselho Mundial Judaico, publicado em 1958, é de 294 judeus. A maioria dos judeus que vivem na China, são judeus de origem polaca, que chegaram ao país em 1948, após a guerra civil chinesa.

... (text continues with details about the state's development and the role of the Jewish community in Portugal).

Adquiriu pergaminho do Mar Morto

NOVA JORQUE — A Tarefa foi comprada no mercado negro de Jerusalém, há alguns meses, por um colecionador de arte de um dos paramilitares de Israel, o Sr. Moshe Shapira. O Sr. Shapira, que vive em Jerusalém, adquiriu o pergaminho em um mercado negro de Jerusalém, há alguns meses, por um colecionador de arte de um dos paramilitares de Israel, o Sr. Moshe Shapira.

Terceiro aniversário do programa «Night and Day»

MANAUS — O programa «Night and Day», organizado pelo Conselho Mundial Judaico, comemora hoje o terceiro aniversário de sua criação. O programa foi criado em 1956, com o objetivo de promover a cultura judaica e a educação dos jovens judeus.

... (text continues with details about the state's development and the role of the Jewish community in Portugal).

Integrados os refugiados

PARIS — O Conselho Mundial Judaico anunciou hoje que os refugiados judeus que chegaram ao Brasil em 1958, estão sendo integrados à sociedade brasileira. O Conselho Mundial Judaico anunciou hoje que os refugiados judeus que chegaram ao Brasil em 1958, estão sendo integrados à sociedade brasileira.

... (text continues with details about the state's development and the role of the Jewish community in Portugal).

GASOLINA — QUEROZENE — OLEO DIESEL

Produtos da Refinaria de Petróleo de Manaus

DISTRIBUIDORA DE TODOS DERIVADOS "SABBÁ"

I. B. Sabbá & Cia. Ltda.

Secção de Inflamáveis

Rua Guilherme Moreira, 235 — Tel. — 2524 Teleg. ABBAS

MANAUS - AMAZONAS - BRASIL